

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



Património Azulejar do Hospital Termal de Caldas da Rainha

Ana Cátia Carreira Alva

Trabalho de Projeto
Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro

Setembro, 2016

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



Património Azulejar do Hospital Termal de Caldas da Rainha

Ana Cátia Carreira Alva

Trabalho de Projeto orientado pela Professora Doutora Clara Moura Soares e coorientado pela Doutora Rosário Salema de Carvalho, especialmente elaborado para a obtenção do grau de mestre em Arte, Património e Teoria do Restauro.

Setembro, 2016

Índice

Agradecimentos.....	3
Resumo.....	4
Abstract	6
Introdução	8
1. Estado da Arte	11
2. Contextualização histórico-artística	15
2.1. D. Leonor e a fundação do Hospital Termal	15
2.2 As diversas fases de construção do Hospital e da Igreja e os seus protagonistas. As campanhas azulejares	23
2.2.1 Hospital Termal.....	23
2.2.2 Igreja de Nossa Senhora do Pópulo.....	27
2.3 As intervenções de restauro e de requalificação nos edifícios do Hospital Termal	30
2.4 O Museu do Hospital e das Caldas.....	37
3. O Inventário do Património azulejar do Hospital Termal	41
3.1 A importância do inventário e da documentação	41
3.2 Inventário e documentação – Metodologias.....	46
3.3 <i>InPatrimonium</i>	54
Conclusão	98
Bibliografia	100

Índice de Figuras

Figura 1- Vista geral do módulo IMÓVEL, com visão hierárquica em “árvore”	54
Figura 2- Vista geral do módulo INTEGRADO	55
Figura 3- Ficha do imóvel - Hospital Termal das Caldas da Rainha	57
Figura 4- Ficha do imóvel - Edifício Central	59
Figura 5- Ficha do imóvel - Enfermarias	61
Figura 6 – Ficha do integrado – Enfermarias	64
Figura 7- Ficha do imóvel - Copa	66
Figura 8 - Ficha do integrado - Copa	70
Figura 9 - Ficha do imóvel - Igreja de Nossa Senhora do Pópulo.....	71
Figura 10 - Ficha do imóvel - Nave, capela-mor e capela baptismal.....	73
Figura 11 - Ficha do integrado - Nave, capela-mor e capela baptismal.....	79
Figura 12- Ficha do integrado - Frontais de altar.....	81
Figura 13 – Ficha do imóvel – Palácio/Museu do Hospital e das Caldas	83
Figura 14- Motor de pesquisa	84
Figura 15- Resultado de pesquisa	84
Figura 16- Vista da ficha da imóvel base.....	85
Figura 17- Igreja de Nossa Senhora do Pópulo – ficha do imóvel.....	86
Figura 18- Igreja de Nossa Senhora do Pópulo – ficha do espaço.....	86
Figura 19- Igreja de Nossa Senhora do Pópulo – ficha do revestimento da nave, capela-mor e capela batismal	89
Figura 20- Ficha de um dos padrões referidos na ficha do revestimento, e de acesso direto.....	90
Figura 21- Ficha de uma das referências bibliográficas referidas na ficha do revestimento, e de acesso direto.	90
Figura 22- Igreja de Nossa Senhora do Pópulo – ficha dos frontais de altar.	91
Figura 23- Palácio / Museu do Hospital e das Caldas – ficha do imóvel.....	92
Figura 24- Edifício central – ficha do imóvel	92
Figura 25- Edifício central, Enfermarias – ficha do espaço	93
Figura 26- Edifício central, Enfermarias – ficha do revestimento	95
Figura 27- Ficha de autoria referidas na ficha do revestimento, e de acesso direto.....	96
Figura 28- Edifício central, Enfermarias – ficha do espaço.	96
Figura 29- Edifício central, Enfermarias – ficha do revestimento	97

Agradecimentos

No decorrer da elaboração deste Trabalho de Projeto, foram muitos os contributos e os conhecimentos adquiridos e partilhados com diversas pessoas, a quem eu desejo demonstrar o meu mais sincero agradecimento.

Os meus primeiros agradecimentos são dirigidos à minha orientadora Professora Doutora Clara Moura Soares e à minha coorientadora Doutora Rosário Salema de Carvalho, pois foram incansáveis na sua disponibilidade, no apoio demonstrado, na dedicação e na motivação que foi dada ao longo deste trabalho. O meu mais sincero agradecimento pela orientação fornecida e por todas as correções que enriqueceram este projeto.

Dirijo também o meu agradecimento ao Museu do Hospital e das Caldas, à Diretora do museu, Dra. Dora Mendes e à subdiretora, Dra. Tânia Jorge, pela maneira como me acolheram e me fizeram sentir em “casa”, pela facilidade de acesso a este património do Hospital, que me é tão caro, e pela disponibilização de informações e de materiais para o meu trabalho. Um agradecimento também à Virgínia, funcionária do Museu do Hospital e das Caldas, pelo interesse e incentivo dado na realização deste trabalho.

Quero agradecer à minha família: pais, irmão e avós pelo apoio dado neste percurso académico e por terem possibilitado que se concretizasse. Um especial agradecimento à minha mãe por ter sempre acreditado em mim e por toda a força que me deu ao longo desta caminhada.

Um sincero agradecimento ao meu namorado, pela paciência e pelo incentivo e por acreditar que era capaz.

Por fim, quero agradecer às pessoas que também me acompanharam nesta etapa: Filipa Beça, Joana Lopes, Laura Santos, Tânia Moleiro e Célia Sobral.

Resumo

O Património Azulejar pertencente ao Hospital Termal das Caldas da Rainha, que inclui os painéis de azulejos das antigas enfermarias e oratórios do Hospital Termal, atualmente no Museu do Hospital e das Caldas, e o património azulejar que se conserva *in situ*, na Igreja de Nossa Senhora do Pópulo constituem exemplares importantes que demonstram a evolução e o gosto da arte azulejar em Portugal.

Desde cedo, pode perceber-se que o Hospital Termal foi um centro da atividade artística, quer, primeiramente, pela ação mecénica da rainha fundadora, D. Leonor de Lencastre (1458-1525), quer pelos reis que se seguiram. No contexto inicial da sua história, importa destacar os azulejos hispano-mouriscos que se encontram na Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, datados de cerca de 1500, de origem sevilhana, fazendo parte, possivelmente, de uma encomenda do reinado de D. Manuel I.

No século XVII, a Igreja de Nossa Senhora do Pópulo foi revestida por azulejos de padrão policromos. No século seguinte, destaca-se o papel de D. João V (1689-1750), realçando que foi neste reinado que o Hospital sofreu importantes obras, no contexto das quais foram aplicados os revestimentos azulejares nas antigas enfermarias e oratórios do Hospital Termal. Pode compreender-se, assim, que o espólio azulejar do Hospital Termal conta com importantes exemplares produzidos entre os séculos XVI e XVIII.

São muitos os autores que têm demonstrado interesse na história do Hospital e da Igreja, mas foi somente após 1987, com a exposição *Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha Século XVI-XVIII* e a publicação do catálogo respetivo, que os estudos sobre o seu património azulejar ganharam maior profundidade.

O nosso Trabalho de Projeto tem como principal objetivo realizar um inventário integrado de todo o conjunto azulejar, de modo a sistematizar a informação potenciando uma maior facilidade na leitura dos espaços, procurando perceber a função que o azulejo assumia ou assume em cada um deles. É com base neste trabalho que traçamos uma breve contextualização histórica-artística, que permite criar as grandes linhas que possibilitam enquadrar o estudo do azulejo, tendo em conta as diversas fases de construção do Hospital Termal e da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo. Perceber quem foram os seus protagonistas, identificar e caracterizar as intervenções de requalificação e restauro que o

azulejo foi objeto, ao longo do tempo, perceber quem foram os intervenientes, quais os critérios seguidos, assim como os materiais utilizados, estão entre os nossos objetivos.

Tendo em conta, que uma parte importante do espólio azulejar pertencente ao Hospital, se encontra no Museu, importa estudá-la a fim de se procurar compreender a proveniência desses azulejos, tentar identificar a sua localização original e quando, e em que circunstâncias, foram removidos das paredes onde se encontravam.

Palavras-chave: Azulejo, Hospital Termal, Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, Inventário, Caldas da Rainha.

Abstract

The Azulejo Heritage belonging to the Thermal Hospital of Caldas da Rainha, including the azulejo panels of the old wards and oratories of the Thermal Hospital, currently at the Museum of the Hospital and Caldas, and the azulejo heritage that is preserved in situ, in the Church of Nossa Senhora do Pópulo are important examples that demonstrate the evolution of azulejo art in Portugal.

The Thermal Hospital was a center of the artistic activity. First with the patronage action of the founding queen, Leonor de Lencastre (1458-1525), or by kings that followed. One of the first examples are the Hispano-Moorish azulejos that are in the Church of Nossa Senhora do Pópulo. Dating from about 1500, and of sevilian origin, they are probably part of an order from the reign of King Manuel I.

In the seventeenth century, the Church of Nossa Senhora do Pópulo was covered with a polychrome pattern azulejo. In the following century, the King João V (1689-1750) had a major role in the improvement of the hospital. It was in his reign that the old wards and oratories received azulejo panels. The azulejo collection of the Thermal Hospital has important examples produced between the sixteenth and eighteenth centuries.

There are many authors who have shown interest in the history of the Hospital and the Church, but it was only after 1987, with the exhibit of *Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha Século XVI-XVIII* and the publication of the respective catalog that the studies on the azulejo heritage gained greater depth.

Our work project aims to provide an integrated inventory of the whole azulejo. We systematized the information to make way for an easier reading of the different spaces. Based on this work, we drew a brief historical-artistic context, which allows to create the broad lines that allow the study of the azulejo, taking into account the various stages of construction of the Thermal Hospital and the Church of Nossa Senhora do Pópulo. Knowing who were its protagonists, identifying and characterizing the rehabilitation and restoration interventions that the azulejo has been made over time, see who were the actors, what the criteria they followed, as well as the materials they used, are among our goals.

Taking into account that an important part of the azulejo belonging to the Hospital estate, is currently found in the museum, it is important to study it in order to try to understand the origin of these azulejos, try to identify their original location, and under what circumstances were they removed from their original walls.

Key Words: Tiles, Thermal Hospital, Church of Nossa Senhora do Pópulo, Inventory, Caldas da Rainha.

Introdução

No âmbito do Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, optámos por realizar um Trabalho de Projeto dedicado ao inventário e documentação do *Património Azulejar do Hospital Termal de Caldas da Rainha*, que compreende o espólio azulejar do Museu do Hospital e das Caldas, assim como os revestimentos que se conservam *in situ* na Igreja de Nossa Senhora do Pópulo. O que motivou a elaboração deste Trabalho de Projeto é que este trabalho individual tem como objetivo aplicar o conhecimento teórico e as competências adquiridas ao longo do curso. Um trabalho desta natureza permite a formulação de soluções ou recomendações para questões concretas identificadas na área de conhecimento do curso.

O que motivou a escolha deste tema, foi, desde cedo, o interesse pelos azulejos quer do Museu quer os do templo, que permanecem *in situ*. Estes diversos núcleos correspondem a uma cronologia alargada que permite identificar nestes azulejos alguns dos principais momentos da história da azulejaria portuguesa, desde o século XVI até ao século XVIII.

Constata-se que estes revestimentos azulejares ou não estão inventariados, ou então, estão inventariados separadamente sem estarem integrados num conjunto, em particular os painéis historiados que se encontram atualmente no Museu do Hospital e das Caldas. Considerando, que estes conjuntos azulejares foram executados e aplicados num determinado espaço, para o qual foram pensados, com um propósito, e com uma função, seria relevante para uma maior compreensão dos mesmos, aprofundar a investigação de modo a reintegrar os azulejos na história e no edifício. Como se perceberá através do Estado da Arte, ainda não foi realizado um estudo que permitisse fazer uma leitura integrada deste conjunto azulejar, hoje musealizado, com o edifício termal, procurando identificar os locais onde outrora se encontravam aplicados.

Para além do interesse no estudo do Património Azulejar do Hospital Termal, a própria história do local foi outro dos aspetos que também motivou esta investigação. Desde a fundação do Hospital que este se tornou o centro de desenvolvimento da vida ativa, política e económica da vila das Caldas. No entanto, no meio de toda a potencialidade que o Hospital representa e de todo o significado histórico que ele assume como motor de desenvolvimento, nos últimos anos as atenções das diversas entidades

competentes têm-se focado pouco no seu património, o que tem suscitado alguma falta de valorização (ou escassa valorização) do mesmo.

O presente estudo acaba, assim, por pretender demonstrar a vida artística de que o Hospital também foi motor e tentar, deste modo, contribuir para a valorização, salvaguarda e divulgação desse património. Como já tem sido mencionado pela historiografia, o Hospital Termal foi detentor de um vasto e variado acervo patrimonial que agora se encontra, maioritariamente, no Museu do Hospital e das Caldas. Todavia, para além do acervo que se encontra musealizado também importa olhar para o que existe na Igreja de Nossa Senhora do Pópulo.

Não foi possível, no presente estudo, inserir a Capela de S. Sebastião, que se localiza na Praça da República, e faz parte do património do Hospital. Esta capela tem um conjunto de painéis historiados que traçam os principais momentos da vida de S. Sebastião são datáveis de 1743/1745. Contudo, o tempo disponível para a realização deste projeto não permitiu, por ora, a elaboração do seu estudo, esperando que no futuro se possa desenvolver um projeto mais amplo, de inventário de azulejos de Caldas da Rainha, que integre também esta Capela.

Com este tema, proponho-me desenvolver, para além de um breve estudo histórico-artístico sobre a azulejaria do Hospital, um trabalho de inventário sobre os sete painéis historiados das Enfermarias do Hospital, a Tábua do Almocharife, e os revestimentos azulejares da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo. Os resultados da investigação foram carregados no *Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo*. O *Az Infinitum* é, como o nome indica, um *Sistema de Referência e Indexação de Azulejo*, produzido ou aplicado em Portugal, desenvolvido pela Rede de Investigação em Azulejo que é um grupo de investigação do ARTIS – Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Esta ferramenta, e as metodologias de inventário que lhe estão associadas, pode ser usada por instituições e investigadores, como é o meu caso, possibilitando fazer o inventário do património que se conserva *in situ*, ou ligando os painéis em contexto museológico aos seus locais de origem – uma vez que a Rede de Investigação em Azulejo apenas se dedica ao inventário do património azulejar integrado -, e assim contribuir para organizar e sistematizar a informação.

Com este Trabalho de Projeto, esperamos poder contribuir, igualmente, para uma nova leitura integrada do espólio azulejar do Hospital Termal de Caldas da Rainha, e que

se possa entendê-lo como um conjunto. Contribuir para a divulgação e salvaguarda deste espólio, chamando a atenção para a importância deste Patrimônio, é também nosso objetivo.

1. Estado da Arte

São vários os autores que abordam a história do Hospital Termal das Caldas da Rainha e da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, quer em monografias, quer em referências integradas em outras obras de cariz mais amplo. Entre os autores mais antigos, destacamos José Pessanha (1910)¹, o Conde de Sabugosa (António Maria José de Melo César Meneses) (1921)², António de Melo Ferrari, Manuel de Melo Ferrari e Fernando da Silva Correia (1930)³ e Augusto da Silva Carvalho (1932)⁴.

Estes primeiros estudos refletem uma dependência da obra de Frei Jorge de S. Paulo, provedor do Hospital das Caldas da Rainha e autor da obra *O Hospital das Caldas da Rainha até ao ano de 1656*⁵, que se assume como uma fonte fundamental para estudar a história do Hospital e da sua fundação, abordando o período cronológico de 1484 a 1656.

Só mais tarde, a partir dos anos de 1990, se começa a perceber uma perspetiva mais crítica e alargada sobre as questões da fundação e das motivações que estiveram na origem do Hospital. Primeiro, com Fernando da Silva Correia, que chama desde cedo a atenção para a ação do monarca D. Afonso V, e depois com autores como João Saavedra Machado⁶ e João B. de Serra⁷ que indicam que, para além de motivações assistenciais, havia interesses numa política de revitalização económica, numa zona que estava sob a jurisdição de Óbidos e próxima dos limites meridionais dos Coutos de Alcobaça.

Sintetizando, os estudos e monografias mencionados primeiramente, obras da primeira metade do século XX apontam, na sua maioria, para questões como:

¹ PESSANHA, José, *A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha em 1656*, Lisboa, Real Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1910.

² SABUGOSA, Conde de, *A Rainha D. Leonor*, 2ª Edição, Lisboa: Livraria Sam Carlos, 1974.

³ FERRARI, António de Melo, FERRARI Manuel de Melo e CORREIA, Fernando da Silva, *O Hospital Termal das Caldas da Rainha, a sua história, as suas águas, as suas curas*, [S.l.: S.n], Caldas da Rainha, 1930.

⁴ CARVALHO, Augusto da Silva, *Memórias das Caldas da Rainha (1484-1884)*, Lisboa, Livraria Farim, 1932.

⁵ PAULO, Frei Jorge de S., *O hospital de Caldas da Rainha até ao ano de 1656*, Manuscrito de 1656, MHC/AH inv. 380.

⁶ MACHADO, João Saavedra, “As Caldas. A fundação do Hospital e da vila pela Rainha D. Leonor. Aspetos da sua evolução até ao século XVII”, *Terra de Águas História e Cultura*, Câmara Municipal de Caldas da Rainha, 1993.

⁷ SERRA João B, *Introdução à História das Caldas da Rainha*, Caldas da Rainha, Cadernos de História Local, 2ª Edição, Património Histórico – Grupo de Estudos, 1995.

- a origem das águas, que boa parte dos autores faz recuar à época romana, indicando a antiguidade dos banhos;
- a figura da rainha D. Leonor e o papel que desempenhou neste contexto. Têm sido, discutidas, neste sentido, diversas lendas, as datas de edificação do hospital e da igreja, mas não parece haver documentação que sustente as atribuições da fundação e construção da igreja e hospital, como aliás é claramente referido por Augusto da Silva Carvalho⁸;
- o contexto assistencial em que o hospital foi criado.

Lentamente, as obras vão alargando a janela cronológica e permitem perceber a ação que ocorreu em reinados posteriores, destacando-se o de D. João V, mencionado primeiramente em Augusto da Silva Carvalho e Fernando da Silva Correia, e mais recentemente, em Nicolau Borges⁹ e João B. Serra¹⁰.

A historiografia vai introduzindo lentamente a questão da autoria da igreja, atribuída por Augusto da Silva Carvalho a Mateus Fernandes, depois discutida por Reynaldo dos Santos¹¹ que, todavia concorda com o autor anterior. Por sua vez, Jorge Segurado¹² aponta também a participação de Boytaca.

Só mais recentemente a historiografia tem vindo a conferir alguma importância aos restauros e às intervenções de que a igreja foi objeto, a partir da década de 1930 pela DGMN, questão abordada por Nicolau Borges¹³.

No que diz respeito ao azulejo, que é o objeto central do nosso estudo as referências mais antigas remontam a Raul Proença, aquando da publicação do *Guia de Portugal*, em 1927, mencionando o revestimento azulejar da Igreja, e referindo também, os altares hispano-mouriscos da mesma.

Santos Simões, nos seus *corpus* da *Azulejaria em Portugal*, começa por mencionar os altares hispano-mouriscos, no volume dedicado aos séculos XV e XVI e publicado em 1969, deixando em aberto a questão sobre a extensão original destes revestimentos, tendo em conta que até à data de 1656 nos inventários feitos sobre a Igreja de Nossa Senhora do Pópulo não se faz qualquer menção a estes azulejos. Refere-se depois, já no volume

⁸ CARVALHO, Augusto da Silva, *Memórias das Caldas da Rainha (1484-1884)*, Lisboa, Livraria Farim, 1932, p.23.

⁹ BORGES, Nicolau, *O Hospital Termal de Caldas da Rainha - Arte e Património*, Tese de Mestrado em História da Arte, Património e Restauro, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1998.

¹⁰ SERRA João B, *21 anos pela História Caldas da Rainha*, Caldas da Rainha, Património Histórico – Grupo de Estudos, 2003.

¹¹ SANTOS, Reynaldo dos, Dona Leonor e a Arte: a arquitectura e as artes decorativas, “*Colóquio: revista de artes e letras*”, nº1, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1959.

¹² SEGURADO, Jorge, “Boytac e a Capela de Nossa Senhora do Pópulo”, *Belas-Artes*, 2ª série, nº31, 1977.

¹³ BORGES, Nicolau, *O Hospital Termal de Caldas da Rainha - Arte e Património*, Tese de Mestrado em História da Arte, Património e Restauro, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1998.

sobre a azulejaria do século XVII, publicado em 1971, aos azulejos de tapete aplicados nas paredes da nave e da capela-mor, identificando as tipologias dos diversos padrões e emolduramentos. Menciona também as obras de restauro, não indicando, todavia, qualquer referência a quando essas obras de restauro foram feitas nem por quem.

Muitas outras referências contemporâneas ou posteriores a Santos Simões são apenas informações sobre o estilo e a cor dos azulejos. Vieira da Silva¹⁴ é o primeiro a olhar para esta questão de forma mais fundamentada, indicando que pela mesma altura em que se deu o revestimento azulejar na Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, também se revestiram as enfermarias e oratórios do Hospital Termal, citando, para o efeito, um documento do *Livro de Receitas e Despesas do Hospital*¹⁵.

É, no entanto, com a exposição *Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha Século XVI-XVIII* e o catálogo respetivo, em 1987, que a história da azulejaria do hospital termal ganha uma maior visibilidade, chegando mesmo a ser divulgados vários documentos, que se encontravam até à data inéditos, e que ajudam a balizar as diversas campanhas de azulejo. Alguns destes documentos podem ser consultados no Arquivo do Museu do Hospital e das Caldas e outros no Arquivo Distrital de Leiria.

Para além de João Saavedra Machado, a história destes conjuntos é abordada por Cristina Ramos e Horta, que refere o conjunto azulejar da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo e da Capela de S. Sebastião, conferindo uma especial atenção aos painéis que estariam no Hospital Termal. Entre estes, destaca a Tábua do Almojarife, um painel azulejar do século XVII, para o qual sugere a atribuição a Gabriel del Barco¹⁶.

Os autores seguintes, como Rosário de Salema Carvalho, cuja tese de doutoramento - *A pintura do Azulejo em Portugal [1675-1725]: autorias e biografias – um novo paradigma* - foi defendida em 2012, pouco adiantam a estas questões, limitando-se esta última a discordar da atribuição ao pintor Gabriel del Barco e integrando este painel no que designou por “Ciclo de pintura mais dinâmica”¹⁷.

Também as outras igrejas e capelas que integravam o hospital e que têm azulejos vão sendo mencionadas, como a Capela de S. Sebastião e a desaparecida Igreja de S.

¹⁴SILVA, José Custódio Vieira da, *A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha*, [s.n.], Caldas da Rainha, 1985.

¹⁵ADLRA – *Livros de Receitas e Despesas do Hospital das Caldas da Rainha*, nº77, fl. 324.

¹⁶HORTA, Cristina, “As Artes nas Caldas da Rainha no século XVIII”, *Terra de Águas História e Cultura*, Câmara Municipal de Caldas da Rainha, 1993.

¹⁷CARVALHO, Rosário Salema de, *A pintura do Azulejo em Portugal [1675-1725]: autorias e biografias – um novo paradigma*, Tese de Doutoramento em História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2012.

Silvestre, que se localizava próxima ao Hospital, como indica João Saavedra Machado¹⁸ e Cristina Ramos e Horta¹⁹.

Esta última autora, na sua dissertação de mestrado sobre os *Percursos da azulejaria de interior no Conselho das Caldas da Rainha*, indica que na coleção do Hospital, existem vários exemplares de azulejo hispano-mourisco com a técnica de aresta e de corda seca, que teriam feito parte da ornamentação do Hospital e das igrejas e capelas que integram o património da Instituição. A este propósito, refere que a desaparecida Igreja de S. Silvestre, estaria decorada com azulejo hispano-mourisco.

¹⁸ MACHADO, João Saavedra, *Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha Séculos XVI-XVIII*, Caldas da Rainha, Instituto Português do Património Cultural, Museu de José Malhoa, 1987, p.14.

¹⁹ HORTA, Cristina Maria Ribeiro da Silva Ramos e, *Percursos da Azulejaria de Interior no concelho das Caldas da Rainha*, Tese de Mestrado em História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1999, p.58.

2. Contextualização histórico-artística

No âmbito do nosso tema de trabalho: *Património Azulejar do Hospital Termal de Caldas da Rainha* temos como objetivo nesta contextualização histórica-artística, situar o tempo, o espaço e os protagonistas que fizeram parte da história do Hospital Termal. Para o efeito, sistematizámos alguma informação que consideramos relevante relacionada com a fundação do Hospital Termal e a ação da rainha D. Leonor; com as diferentes fases de construção das instalações hospitalares e da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo; com as intervenções de conservação e restauro registadas nesses edifícios, que tiveram repercussões diretas no património azulejar existente; e com o estabelecimento do Museu do Hospital das Caldas, onde se exibem vários painéis de azulejo, outrora integrados nos paramentos do Hospital Termal caldense.

2.1. D. Leonor e a fundação do Hospital Termal

Antes de abordar a fundação do Hospital Termal, consideramos importante referir alguns aspetos significativos sobre a figura régia de D. Leonor de Lencastre (1458-1525), que nasceu em Beja, filha de D. Fernando (1433-1470) e de D. Beatriz (1430-1506), descendentes de D. João I, Mestre de Avis (1357-1433) e de D. Filipa de Lencastre (1459-1415) – Fundadores da Dinastia de Avis.

D. Fernando faleceu durante a infância de D. Leonor, contudo, conseguiu deixá-la prometida em casamento ao herdeiro do trono, D. João II (1455-1495), filho de D. Afonso V (1432-1481). D. Leonor casou aos treze anos e teve um único filho, D. Afonso, mas este acabou por falecer, num acidente, deixando o casal sem herdeiro ao trono. Desde cedo, D. Leonor opôs-se a que D. João II legitimasse o filho bastardo deste, D. Jorge de Lencastre, persuadindo o rei a nomear para herdeiro ao trono o seu irmão, D. Manuel (1469-1521).

É de realçar que D. Leonor foi uma rainha portuguesa nascida e criada no reino e com pais portugueses. Na sua longa vida, passou por diferentes reinados como o de D. Afonso V, D. João II, D. Manuel I e início do reinado de D. João III.

D. Leonor deixou bem presente a sua marca na História, não só no Hospital das Caldas mas também como fundadora das Misericórdias e do Convento Madre de Deus,

em Lisboa. Como referiu Joaquim Veríssimo Serrão: “São vários os títulos que impõe D. Leonor no consenso da história: a valorização dos «banhos» das Caldas que conseguiu transformar em vila; a fundação da grande obra de assistência a quem deu o nome de Misericórdias; e a protecção a letrados e artistas, numa forma de mecenato que honra a sua memória.”²⁰

Não é, contudo, nosso objetivo fazer um estudo intensivo sobre esta figura régia, pois já vários autores como o Conde de Sabugosa²¹, Ivo Carneiro de Sousa²², Sandra Cristina Gil, Isabel dos Guimarães Sá²³ contribuíram com importantes estudos sobre a mesma. Importa, todavia salientar a ação desta figura régia, que assume um papel relevante para a formação das Caldas.

Convém, ainda, destacar que embora tenha sido a rainha D. Leonor a fundar o Hospital Termal, autores como António de Melo Ferrari, Manuel de Melo Ferrari e Fernando da Silva Correia indicam que, no local onde se edificou o Hospital Termal, já existiriam ruínas que se presumem ser do tempo dos romanos, confirmando que desde cedo as águas termais eram utilizadas nesta área. Por outro lado, tem vindo a ser divulgada por diversos investigadores documentação anterior à presença da rainha. Veja-se o Testamento de D. Zouido (natural de Atougua da Baleia e proprietário da aldeia de Cornaga, atual Tornada), o Compromisso da Gafaria de Santarém e a Carta de Álvaro Pais. Estes documentos comprovam não apenas a antiguidade dos banhos das Caldas de Óbidos como também a existência de balneários. No Testamento de D. Zouido, verifica-se que este legou três morabitinos, um para a recuperação dos banhos e outro para a albergaria, que ali existiria, e por fim, outro para a Confraria do Espírito Santo. Importa referir tal como fizeram Sandra Cristina Gil e Lisbeth Rodrigues, que este documento é o mais antigo de que se tem conhecimento e está datado de 1222 por Ruy de Pinto Azevedo, desconhecendo-se, todavia, a sua localização arquivística.

João B. Serra também refere o Compromisso da Gafaria de Santarém, e indica que, por vezes, os enfermos percorriam um longo caminho até chegar às Caldas de Óbidos (antiga designação das Caldas da Rainha, por estas serem no termo de Óbidos e ainda

²⁰ SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal [1495-1580]*, Verbo, 2ª Edição, 1980, p. 347.

²¹ SABUGOSA, Conde de, *A Rainha D. Leonor*, 2ª Edição, Lisboa: Livraria Sam Carlos, 1974.

²² SOUSA, Ivo Carneiro De, *A Rainha D. Leonor (1458-1525) poder, misericórdia, religiosidade e espiritualidade no Portugal do Renascimento*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e para a Tecnologia / Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2002.

²³ SÁ, Isabel Dos Guimarães, *De princesa a rainha velha Leonor de Lencastre*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2011.

estarem sob sua jurisdição). Outro documento mencionado é uma carta da primeira metade do século XIV do bispo de Silves, Álvaro Pais, que escreve a D. Afonso IV (1291-1357) a informá-lo que seguiria de Alcobaça para Caldas de Óbidos a fim de tratar uma doença de pele.

Por sua vez Manuela Santos Silva²⁴ indica, que, estando as Caldas situadas no termo de Óbidos, se inseriam na jurisdição da Casa das Rainhas e que as mesmas estavam interessadas em promover o desenvolvimento de uma população em redor das Caldas para um aproveitamento daquelas águas que eram consideradas milagrosas. Refere ainda a mesma autora que D. Isabel (1397-1471), filha de D. João I, que não foi rainha, durante o tempo em que administrou as terras que tinham pertencido a sua mãe, D. Filipa de Lencastre, tomou algumas medidas no sentido de melhorar as casas já existentes nas Caldas e encarregou Frei Agostinho, um freire da Ordem Terceira de S. Francisco, que era administrador de hospitais e gafarias que existiam nas suas terras, de administrar as Caldas.

É importante ressaltar a ação de D. Afonso V²⁵ na futura fundação das Caldas da Rainha, como se pode verificar na seguinte documentação:

"avendo nos emformaçom çerta de como as caldas que estam açerca da nossa villa d obidos sam de tall virtude que nosso señor pos na augua dellas que muytas pessoas que a ellas vão rreçebem saude de grãdes e diuersas Jmfirmitades pollo quall nosso desejo e vomtade he açerca dellas viuerem alguuas pessoas de bem que possam fazer gasalhado e dem camas e mantijmento aos que aas ditas caldas se forem curar por seus dinheyros por teerem mays rrezam e vomtade de o fazer e sentymdo assy por seruiço de deus e nosso"²⁶.

A proteção que D. Afonso V dava às Caldas teria como objetivo a revalorização económica e social da exploração das águas. Contudo, foi a intercessão da rainha D.

²⁴ SILVA, Manuela Santos, *O concelho de Óbidos*, Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008.

²⁵ CARVALHO, Augusto da Silva, "Novas contribuições para a História das Caldas da Rainha". 1º Congresso Luso-Espanhol de Hidrologia. Actas, alocações, comunicações. Lisboa, 1947; SILVA, Manuela Santos, *O concelho de Óbidos*, Centro de História da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008

²⁶ Estremadura, L.º 4, fols.30v-31 (1474 - Santarém, 16 de Junho), cit por: SILVA, Manuela Santos, *O concelho de Óbidos*, p. 71.

Leonor (detentora do senhorio de Óbidos) junto de D. João II e, mais tarde, de D. Manuel I, o fator determinante para a formação do que virá a ser a Vila das Caldas.

A historiografia ainda hoje se questiona sobre as motivações de D. Leonor em mandar edificar o Hospital Termal. Do mesmo modo, conhecem-se diferentes versões sobre o contacto da rainha com as Caldas de Óbidos. As principais fontes que relatam esse acontecimento são Frei Jorge de S. Paulo²⁷ e o Padre Francisco de Santa Maria²⁸, que foi um dos principais biógrafos da rainha.

Augusto da Silva Carvalho aponta que a principal fonte para quem estuda o Hospital é a obra de Frei Jorge de São Paulo. A propósito da mesma fonte, também Ivo Carneiro de Sousa refere: “Neste domínio, a obra do provedor e cronista loio constitui um trabalho quase único, indispensável para qualquer estudo interessado em reconstruir a história do hospital de Santa Maria do Pópulo e, a partir dela, veios significativos para a história da assistência.”²⁹

De igual modo, Sandra Cristina Gil defende que, embora o Padre Francisco de Santa Maria tenha sido um dos primeiros biógrafos de D. Leonor e deste ter dedicado a parte final da sua obra à Fundação do Hospital Termal, é o texto de Frei Jorge de S. Paulo a fonte principal, pois o cronista loio foi o pioneiro.

Na versão mais comum dos acontecimentos, relatada por Frei Jorge de São Paulo, e que a historiografia considera mais próxima do que realmente aconteceu, em 1484, D. Leonor viria de Óbidos em direção a Batalha, para se encontrar com D. João II, e terá visto pessoas a banharem-se em poças de água termal, tendo-lhe sido explicado que essas pessoas sofriam de algumas doenças e que aproveitavam os benefícios daquelas águas.

Embora, a principal fonte para o estudo da fundação do Hospital seja a do cronista loio, a historiografia continua com as mesmas dúvidas relativamente às reais motivações de D. Leonor para a edificação do Hospital Termal.

Ivo Carneiro de Sousa e Sandra Cristina Gil apontam que este empreendimento de D. Leonor teve presente uma importante ação política e não apenas necessariamente misericordiosa. É importante, relembrar que D. Leonor era casada com D. João II, um rei

²⁷ PAULO, Frei Jorge de S., *O hospital de Caldas da Rainha até ao ano de 1656*, Manuscrito de 1656, MHC/AH inv. 380.

²⁸ SANTA MARIA, Padre Francisco de, *O Ceo aberto na Terra*, Lisboa, 1697.

²⁹ SOUSA, Ivo Carneiro De, *A Rainha D. Leonor (1458-1525) poder, misericórdia, religiosidade e espiritualidade no Portugal do Renascimento*, p. 96.

que defendia uma política de centralização régia e que procurava reforçar o poder régio face ao do clero e da nobreza.

Como Sandra Cristina Gil referiu na sua tese podemos entender a edificação do Hospital Termal como “fator de unidade régia nesta região”, uma vez que as Caldas se encontrava nos termos de Óbidos e nos limites meridionais dos Coutos de Alcobaça.

Verificamos, assim, que a edificação do Hospital Termal constituiu mais do que única e exclusivamente uma ação misericordiosa e humanitária, mas tendo também interesses políticos para a Casa Real. Como indica João B. Serra: “A instituição do Hospital pela Rainha deve ser vista como um processo e não como um acto súbito e único.”³⁰

A data da fundação do Hospital Termal das Caldas da Rainha é adiantada por Frei Jorge de S. Paulo como sendo 1485, como se pode verificar na seguinte citação: “O anno podemos também coniecturar fosse o de 1485 o que collijo da Provizão del Rey D. João II seu marido em que concede privilegios a trinta cazaes pera virem povoar o lugar das Caldas passada no anno de 1488, e da provisão consta dizer a Raynha que ia tinha feitas enfermarias e cazas & e sempre nesta obra se havia de gastar perto de 3 annos, donde infiro que o anno da fundação deste generoso Hospital fosse no de 1485 tres annos antes do de 1488, em que El Rey concedeo os Privilegios (...) Assy que por coniecturas e inferencias se pode afirmar que em 22 dias de janeiro do anno de 1485 se lançou a primeira pedra no magestoso edificio deste Hospital das Caldas.”³¹

Para afirmar tal facto, serve-se da Carta Régia de D. João II (carta datada de 4 de dezembro de 1488 e onde se afirma que estavam já edificadas casas e enfermarias e que estas teriam levado aproximadamente três anos a serem concluídas). Daí se deduz o ano de 1485 para o início das obras do Hospital, que se localizava junto às nascentes de águas termais. Presume-se que estas obras, iniciadas em 1485, tinham como objetivo a reconstrução de uma albergaria mas o que daí ocorreu foi um afluxo de doentes vindos de todo o país. Contudo, como indica Augusto da Silva Carvalho não existe um

³⁰ SERRA João B, *Introdução à História das Caldas da Rainha, Caldas da Rainha*, Cadernos de História Local, 2ª Edição, Património Histórico – Grupo de Estudos, 1995, p. 23.

³¹ SÃO PAULO, Jorge de, *O Hospital das Caldas da Rainha até ao Ano de 1656*, Lisboa, Academia das Ciências, 1967-1968, p. 95.

documento fidedigno que nos permita fixar em que data terá começado a edificação do Hospital Termal.

A Carta Régia, de 1488, também teve como objetivo atrair população, através da entrega de benefícios, entre os quais a isenção de empréstimos e pedidos reais; não obrigatoriedade de pagamento de tributos para compra ou venda de mercadoria; o facto de apenas os reis poderiam cobrar por determinadas prestações de serviços; não pagamento dos oitavos do vinho cultivado no concelho. João B. Serra afirma que houve quem tivesse tirado conclusões precipitadas acerca desta carta de 1488 e que vissem D. João II como fundador da vila. Diz o autor: “Nada há no documento, porém que autorize tal conclusão. O monarca limita-se a criar um novo concelho, colocando-o expressamente fora da jurisdição de Óbidos, mas sob a da Rainha.”³²

Acresce que o grande investimento de D. Leonor neste projeto coincidiu com os seus anos de viuvez, depois de 1495. Segundo Isabel dos Guimarães Sá, quando se lê crónicas como a de Damião de Góis, o que surge ligado à memória da Rainha é o Hospital das Caldas, que foi sem dúvidas uma das principais obras da sua vida, como se pode verificar na seguinte citação do cronista: “Fundou o nouo hospital das caldas, em termos dobidos, e lhe deu muitas rêdas, que pera isso comprou da Coroa do Regno, e ricos ornamentos pera ho serviço diuino, com grande soma de roupa pera camas, e serviço das pessoas que se alli viessem curar, assi riquos, quomo pobres, e pera hos pobres deixou rações ordenadas per spaço de hum mes, que he ho tempo em que has augoas daquellas caldas fazem sua obra”³³.

E foi nesta viragem do século XV para o XVI, com a fixação de um Hospital Termal e com uma nova população, que Caldas surge, já no reinado de D. Manuel I, como vila, a 23 de Janeiro de 1503. Embora só a 21 de Março de 1511 tenha sido confirmada a sua criação e demarcação, surgindo, assim, no contexto das reformas administrativas e territoriais em curso, uma zona fronteira entre os domínios dos coutos de Alcobaça e o concelho medieval de Óbidos.

O Hospital constituiu uma novidade no panorama da criação de hospitais em Portugal: primeiro não era igual aos típicos hospitais medievais, pois muitos eram simples

³² SERRA João B, *21 anos pela História Caldas da Rainha*, Caldas da Rainha, Património Histórico – Grupo de Estudos, 2003, p.284-85

³³ GÓIS, Damião de, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, parte IV, Coimbra, Imprensa da Universidade, cap.26, p.67-68.

divisões onde se colocava palha e uma candeia; a maioria dos hospitais também se destinava a pobres, uma vez que os ricos eram tratados em casa por pessoas da sua confiança e quando chamavam um médico era normalmente de origem judaica³⁴; segundo, não se encontra localizado numa grande área urbana, como acontecia por exemplo com o Hospital de Todos os Santos em Lisboa.

Como refere Isabel dos Guimarães Sá: “(...) O hospital das Caldas era diferente por vários motivos: situava-se numa zona abertamente rural (vimos que nem a vila existia ao tempo da sua criação), enquanto os hospitais da época eram consequência do desenvolvimento urbano; acolhia gente abastada que ia tratar das suas maleitas; enquanto a maior parte dos hospitais acabava recebendo uma percentagem de homens muito superior à de mulheres, no hospital das Caldas parece não ter sido esse o caso. O hospital especializar-se-ia até, séculos mais tarde, em receber religiosas provenientes dos conventos de todo o reino. Tratava-se também de um hospital sazonal, uma vez que as curas coincidiam com períodos específicos do ano. De resto, a sua organização espacial denota estas características: seria sempre frequentado por «pessoas de qualidade», a par das mais pobres, e existiriam instalações diferenciadas para uns e outros. O hospital das Caldas disporia até de espaços especiais, reservados aos reis (...).”³⁵

Até ao final da sua vida, a Rainha D. Leonor geriu o Hospital, mesmo à distância, em consequência da sua vontade e: “(...) só bastante mais tarde, ou seja, vinte e seis anos depois da primeira menção que dele temos, em 1512, é que recebeu o seu compromisso.”³⁶

D. Leonor quis garantir, desde cedo, que a sua obra ficaria assegurada. Pediu, para o efeito, ao seu irmão, o Rei D. Manuel I, que aprovasse o Documento do Compromisso para o Hospital:

“Determinamos e ordenamos em louvor de Deus e da Nossa Senhora a Virgem gloriosa Maria sua madre, e por usarmos da caridade com os próximos mandar fazer uma igreja da invocação de Nossa Senhora do Pópulo e um hospital dentro em nossa vila das Caldas em que queremos que se cumpram as ditas obras de misericórdia espirituais e

³⁴ Sá Isabel Dos Guimarães, *De princesa a rainha velha Leonor de Lencastre*, p.110.

³⁵ Idem, *Ibidem*, p.110-11.

³⁶ Idem, *Ibidem*, p.113.

corporais quanto possível for pela alma del rei D. João meu senhor e minha e do príncipe D. Afonso nosso filho que santa glória hajamos.”³⁷

O Hospital Termal das Caldas foi considerado o primeiro hospital termal do mundo, tese defendida e apresentada por Fernando da Silva Correia, em 1930, num Congresso Internacional de Hidrologia, Climatologia e Geologias médicas. Certo é que anos mais tarde o próprio já tinha reservas quanto a esta sua afirmação.

Lisbeth Rodrigues salienta antes que: “(...) é dúbia a veracidade da tese de Correia. Mas não obstante, a aplicabilidade mundial ou mesmo europeia desta asserção, a verdade é que, pelo menos em território nacional se pode afirmar que o hospital de Nossa Senhora do Pópulo foi o primeiro hospital termal.”³⁸

O Hospital Termal das Caldas pode, de facto, não ter sido o primeiro Hospital Termal no mundo, mas como já como explicámos anteriormente e como a historiografia tem defendido, constituiu uma novidade com características únicas no quadro de hospitais da época em Portugal.

Aliada à fundação do Hospital Termal, a rainha D. Leonor mandou erguer uma Igreja com a invocação de Nossa Senhora do Pópulo. É também através de Frei Jorge de S. Paulo que conseguimos obter informações mais precisas sobre a fundação deste templo. Sabemos, no entanto, que a Igreja foi o último elemento a ser inserido no conjunto hospitalar. A prioridade era a construção dos banhos e das enfermarias, dado que os cuidados corporais eram mais urgentes, mas isto não quer dizer que os cuidados espirituais tivessem de esperar pela construção da Igreja, pois das sete enfermarias existentes, cinco tinham capela própria. Apenas as enfermarias dos “Enfermos entravados” e de “mulheres entravadas” não possuíam capelas. No entanto, o problema foi resolvido colocando as enfermarias numa disposição em que estas tivessem contacto direto com a nova Igreja, possibilitando assim, que todos os doentes pudessem assistir aos ofícios religiosos³⁹.

³⁷ *Compromisso do Hospital*, p. 7 Cf. SÁ Isabel Dos Guimarães, *De princesa a rainha velha Leonor de Lencastre*, p.224.

³⁸ RODRIGUES, Lisbeth de Oliveira, *Os Hospitais portugueses no Renascimento (1480-1580): o Caso de Nossa Senhora do Pópulo nas Caldas da Rainha*, Volume I, p. 59.

³⁹ SILVA, José Custódio Vieira da, *A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha*, p.11

Em suma, verificamos que a ação de D. Leonor foi crucial para o desenvolvimento da vila das Caldas, sendo ainda hoje a sua memória perpetuada, no próprio topónimo – Caldas da Rainha.

2.2 As diversas fases de construção do Hospital e da Igreja e os seus protagonistas. As campanhas azulejares

Nesta parte do trabalho, sobre as diversas fases de construção do Hospital e da Igreja, pretendemos contextualizar, com base na documentação e na historiografia sobre o assunto, como seriam os edifícios do Hospital Termal e da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, bem como conhecer os protagonistas que fizeram parte da história da construção destes edifícios.

Procuramos, de igual modo, identificar em que datas ocorreram as campanhas azulejares, tendo como base, alguma da documentação que se encontra disponibilizada pela historiografia, e recorrendo à que se encontra no Arquivo Distrital de Leiria.

2.2.1 Hospital Termal

Como já foi referido anteriormente, e com base em Augusto da Silva Carvalho, embora não exista um documento fidedigno que nos permita fixar em que data terá começado a edificação do Hospital, a historiografia tem apontado o ano de 1485 como o início da sua construção. Também não existe uma data consensual quanto à conclusão do mesmo, mas ao que tudo indica, o Hospital já recebia doentes desde 1488.

Os autores de *O Hospital Termal das Caldas da Rainha, a sua história, as suas águas, as suas curas* (1930), referem que, antes de a Rainha ter mandado erguer o Hospital, terá encarregado o médico Mestre António Lucena da escolha do local da sua edificação. É também descrito nesta obra, como na de Augusto da Silva Carvalho, como seria o Hospital Termal nos tempos primitivos, embora este último considere que não existem elementos fidedignos que nos permitam reconstruir a planta do Hospital.

As informações disponibilizadas por estes autores, baseadas na obra de Frei Jorge de São Paulo⁴⁰, permitem-nos supor que o Hospital teria dois andares e que a sua fachada estaria de frente para um largo. As enfermarias das mulheres e dos homens entrevados estariam numa posição contígua à Igreja, de modo a que estes pudessem assistir aos ofícios divinos. A enfermaria das mulheres e dos homens estaria próxima das piscinas destinadas aos mesmos. Faz-se referência à copa, à botica e à rouparia. Ambos os autores indicam que existiriam um total de cento e dez camas para doentes e dependências para habitação de provedores, médicos e empregados.

Na obra de Helena Gonçalves Pinto e de Jorge Mangorrinha é referido que o hospital terá sido traçado por Mateus Fernandes⁴¹, e que este introduziu um modelo pioneiro na arquitetura hospitalar e termal “(...) com espaços únicos – três grandes piscinas com separação de sexos e poço de ingestão de águas na Copa – (...)”⁴².

No que aos azulejos diz respeito, Cristina Horta, na sua tese de Mestrado, indica-nos que desde sempre o Hospital Termal teve revestimentos azulejares “Desde a época da sua fundação, o Hospital Termal ostentou revestimentos azulejares no interior, conciliando razões de ordem estética e prática. Esta última justificava-se pela necessidade de utilizar um material resistente à acção agressiva dos vapores de água sulfurosa que deteriorava o edifício, como se comprova pela frequência com que se realizavam obras, não só no Hospital, como nos monumentos anexos, facto que se encontra documentado nos diversos livros de despesas do Arquivo Histórico deste Hospital.”⁴³

Com base nos documentos consultados, verifica-se que em 1658/1659, ou seja, nos anos iniciais do reinado de Afonso VI – correspondentes ao período de regência de D. Luísa de Gusmão -, aparecem referidas as encomendas de azulejos para a Igreja oratórios das enfermarias: "Despendeo mais o p.e Almo.x.e semto E sessenta mil r̄s por

⁴⁰ SÃO PAULO, Jorge de, *O Hospital das Caldas da Rainha até ao Ano de 1656*, Lisboa, Academia das Ciências, 1967-1968

⁴¹ Mateus Fernandes terá nascido na Covilhã. Segundo Paulo Pereira, na obra *História da Arte Portuguesa*, o Mestre Mateus Fernandes terá desenvolvido um papel importante nos edifícios dos finais do século XV e inícios do século XVI. Foi arquiteto do Mosteiro da Batalha durante mais de 25 anos. Serviu os reis D. Afonso V, D. João II e D. Manuel I. Terá falecido na Batalha em 1515, e encontra-se sepultado dentro da Igreja Monacal do Mosteiro da Batalha.

⁴² PINTO, Helena Gonçalves e MANGORRINHA, Jorge, *O desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*, 2009, p.100.

⁴³ HORTA, Cristina Maria Ribeiro da Silva Ramos e, *Percursos da Azulejaria de Interior no concelho das Caldas da Rainha*, Tese de Mestrado em História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1999, p. 58.

compra de azulejo com que se azulejou a Igreja e os oratorios das enfermarias, E capella da pia da ditto Igreja".

Na década seguinte, em 1667/1668, era a vez da Copa e ainda a enfermaria das mulheres: "Despendeo mais o p.e Almx.e setecentos e sesenta r̃s por compra de canastras em que vejo o azulejo do painel da copa"; "Despendeo mais o p.e Almx.e trinta E noue mil setesentos E oitenta rs por compra de tres mil quinhentos azulejos cõ alizares E do painel da Copa de azulejo pera a enfermaria descima das molheres E pera toda a Caza da Copa";

As campanhas azulejares do hospital termal continuam durante o reinado de D. Afonso VI e, em 1678/1679, o azulejo é novamente mencionado na documentação a propósito dos revestimentos das enfermarias: "Despendeo mais o dto. P.e Almx.e trinta e dous mil e quatrocentos Reis com tres Azolejadores que assentaram... os azulejos... da enfermaria de baixo das mulheres e a escada e a enfermaria dos Religiosos e dos homens"

Apesar das amplas campanhas azulejares documentadas para o período 1658/1679, desconhecemos a existência de obras no edifício termal em igual período. Estes azulejos que terão forrado as enfermarias, terão sido arrancados durante as obras que ocorreram no tempo de D. João V⁴⁴. Relativamente ao painel da copa, este encontra-se legendado: "ESTA OBRA MANDOU FAZER O P. [DA MED]S / A [...]" ou seja "Esta obra mandou fazer o Provedor Sebastião da Madre de Deus. Ano de 1667."⁴⁵Convém, no entanto, realçar que também surge na legenda "ANNO DE 171[...]"podendo então concluir-se, que a data de 171[...] é certamente posterior (pois os azulejos são de um outro azul), remontando o painel a 1667 indicado na documentação⁴⁶.

No reinado de D. João V (1706-1750), o Hospital Termal foi objeto de importantes obras como se pode verificar na seguinte citação: "Sua majestade, avendo consideração às ruinas com que se acha, e à necessidade que tem de algum acrescentamento o Hospital das Caldas, foi seruido ordenar ao Brigadeiro Manoel da Maya fosse ao dito Hospital, e fizece a planta do preciso e necessário para a dita obra se fizece e encarrega la ao dito Brigadeiro, mandando-lhe entregar Consinação Em cada hũ mês, para que no tempo de dois anos estivesse completa, e acabada, o que me manda participar a vossa mercê para

⁴⁴MACHADO, João Saavedra, *Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha Séculos XVI-XVIII*, Caldas da Rainha, Instituto Português do Património Cultural, Museu de José Malhoa, 1987, p.19.

⁴⁵ Idem, Ibidem, p.36.

⁴⁶ Idem, Ibidem, p.36.

que seja presente na Meza, e por ella se pacem as ordens necessárias ao Provedor Almojarife do Referido Hospital, para lhe darem todo o auxilio e favor de que necessitar.”⁴⁷ O projeto esteve a cargo de Manuel da Maia⁴⁸, teve como resultado a ampliação do Hospital, mas foram mantidas, no entanto, duas das piscinas primitivas numa atitude de precaução para com as nascentes, sendo ainda preservados os arco e o túnel que dava acesso à Igreja⁴⁹.

No esboço arquitetónico feito pelos autores, Helena Gonçalves Pinto e Jorge Mangorrinha, as enfermarias de ambos os sexos e a enfermaria dos religiosos situar-se-iam no piso superior, que teria uma capela e um refeitório particular, com um painel de azulejo historiado em azul e branco, com a invocação do santo que dera nome a cada uma das enfermarias. São os painéis hoje no acervo do Museu e que são filiáveis no ciclo pictórico designado como *Grande Produção Joanina*.

O revestimento azulejar, constituído pelos painéis de Nossa Senhora do Pópulo, São Pedro, São Camilo de Lélis, Santa Isabel, Santa Clara de Assis, Santo Amaro e São João de Deus, que terá sido aplicado entre 1747-1750 nas enfermarias do Hospital Termal, tem vindo a ser atribuído como parte de um projeto implementado por Manuel da Maia e sob a execução do empreiteiro Manuel Martins. Na cópia de uma carta de Manuel da Maia, aparece mencionado António Rodrigues⁵⁰, mestre ladrilhador de Lisboa, ligando-o assim também às obras no Hospital.

Atualmente, este conjunto de painéis, dos quais a seguir faremos uma breve descrição, encontram-se no Museu do Hospital e das Caldas. O painel de **Nossa Senhora do Pópulo** representa a imagem da Virgem com o menino, recebendo a veneração de doentes, e ainda se pode verificar a representação do casal régio D. Leonor e D. João II; o painel de **S. Pedro** representa o Santo acompanhado por S. João Evangelista curando os enfermos; o painel de **S. Camilo** representa o “padroeiro dos enfermos e hospitais”

⁴⁷ *Livro de memórias pertencentes à Reedificação da obra deste Hospital Real da Villa das Caldas da Rainha, que el Rey Nosso Senhor he seruido mandar se execute à custa da sua Real fazenda Em o mes de Mayo de 1747.* Cf MANGORRINHA, Jorge, “A Arquitectura Caldense no século XVIII” *Terra de Águas História e Cultura, Caldas da Rainha, Caldas da Rainha*, 1993, p. 139.

⁴⁸ Manuel da Maia nasceu em Lisboa, em 1677 e morreu no dia 12 de setembro de 1768. Foi arquiteto e engenheiro, em 1754, foi nomeado como engenheiro-mor do reino. Após 1755 foi responsável pela elaboração da planta de Lisboa, a Baixa Pombalina, também foi responsável pela construção do Aqueduto das Águas Livres, em Lisboa.

⁴⁹ MANGORRINHA, Jorge, “A Arquitectura Caldense no século XVIII” *Terra de Águas História e Cultura, Caldas da Rainha*, 1993, p. 140.

⁵⁰ http://redeazulejo.fl.ul.pt/pesquisa-az/autor_ficha.aspx?id=781

(declarado pelo papa Leão XIII em 1745); o painel de **Santa Isabel** representa o milagre feito pela Santa com as rosas; o painel de **Santa Clara** representa esta sendo abençoada pelo Papa estando rodeada por dignatários da Igreja e por freiras; de joelhos está a irmã Inês que roga que a leve consigo para junto do Senhor; o painel de **Santo Amaro** representa o Santo salvando o seu Mestre São Plácido de se afogar numa lagoa onde ia buscar água; o painel de **São João de Deus** representa o lava-pés de Cristo.

Ao estudar a documentação disponível, sobretudo nos *Livros de Receitas e Despesas do Hospital Termal*, ficamos com uma noção mais concretas sobre as campanhas azulejares ocorridas no Hospital Termal entre 1658 e 1750.

2.2.2 Igreja de Nossa Senhora do Pópulo

Relativamente à Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, existem questões acerca da data da sua fundação. A bula papal de Alexandre VI, que confirma e autoriza a fundação da Igreja, data de 10 de setembro de 1495. Tomando como referência o ano de 1495 como o da fundação, percebemos que as obras são feitas com rapidez, pois em 1496 existe uma bula pontifícia que refere conceder jubileu a: “todo o fiel christão que confessado e comungado visitasse a capela mor de Nossa Senhora do Pópulo”. Mas, como refere José Custódio Vieira da Silva, não foi encontrado o documento original que Frei Jorge de S. Paulo cita na sua obra⁵¹. Mais consistente é uma bula de 3 de novembro de 1496, através da qual se conseguiam indulgências para “todos aqueles que trabalhassem na construção do hospital, e da sua capela, ou que para isso contribuíssem materialmente”⁵².

Dadas as dimensões reduzidas do templo, Vieira da Silva deduz que em 1496 a capela-mor já estaria pronta e por isso realizar-se-iam aí atos litúrgicos. Contudo, a finalização dos trabalhos só deve ter ocorrido em 1500, tendo em conta a inscrição que se encontra na porta de comunicação com a sacristia “Esta capela mādou fazer a muito alta he escrarecida he ãlustrissima rainha dona lianor molher do muito alto he potetissimo rei dom Joham ho segundo he se aquabou na era de mill b.”. Augusto da Silva Carvalho⁵³ indica a data de 1505 para a finalização da Igreja, mas como refere Vieira da Silva, aquele

⁵¹ SÃO PAULO, Jorge de, *O Hospital das Caldas da Rainha até ao Ano de 1656*, Lisboa, Academia das Ciências, Vol. I, p. 107.

⁵² SILVA, José Custódio Vieira da, *A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha*, p.24

⁵³ CARVALHO, Augusto da Silva, *Memórias das Caldas da Rainha*, p.33.

autor não apresentou suporte documental para sustentar esta afirmação. Esta data, nas opiniões de Vieira da Silva e de Paulo Pereira⁵⁴, está relacionada com a construção da Torre Sineira que não estava incluída no plano inicial. Vieira da Silva esclarece: “O exame arqueológico mostra-o com clareza. Na verdade, a implantação da torre originou o entaipamento da primitiva janela da capela-mor; a sua inserção entre esta e o cruzeiro não ocultou internamente o cunhal da zona deste último, originando um espaço irregular do interior da sacristia; por fim, o seu alçado poente não tem a composição axial das outras fachadas, resultante da deficiente articulação com os volumes da igreja primeiramente construída”⁵⁵.

Isto prova que inicialmente a Igreja tinha sido pensada para ser apenas a capela do Hospital. No entanto, com o rápido crescimento da população e a elevação a vila passou a existir a necessidade de dotar o templo com elementos característicos de igreja matriz como a pia batismal e a torre sineira⁵⁶.

Outra questão, que também interessa destacar, é a invocação da Igreja a Nossa Senhora do Pópulo que constituiu uma novidade na época e no panorama religioso de finais de Quinhentos. Paulo Pereira e Vieira da Silva indicam que uma das explicações mais plausíveis para a escolha desta invocação deve-se à influência de D. Jorge da Costa, o cardeal Alpedrinha, uma figura “do prelado romano do Renascimento, coberto de benesses, vivendo no luxo da corte pontifícia”⁵⁷. O cardeal Alpedrinha intercedeu, junto ao papado, pela rainha, para assim conseguir privilégios a conceder à Igreja e reviu também os Compromissos do Hospital. Mais tarde, o próprio cardeal será sepultado na Igreja Romana do Pópulo. Não será deste modo coincidência encontrar um baixo-relevo e “de carácter florentino”, atualmente na face norte da Torre Sineira da Igreja das Caldas da Rainha, um medalhão semelhante ao existente no monumento funerário do Cardeal Alpedrinha, representando a Virgem do Pópulo⁵⁸.

Também é importante ter em conta, como destaca Paulo Pereira⁵⁹, que a Igreja Romana do Pópulo havia sido concedida à Congregação dos Eremitas de Santo Agostinho

⁵⁴ PEREIRA, Paulo, “A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo e a obra de Mateus Fernandes”, *História da Arte Portuguesa*, pp.44-47.

⁵⁵ SILVA, Custódio Vieira, *A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha*, p.25 e 26.

⁵⁶ Idem Ibidem, p.26.

⁵⁷ SERRÃO, Joaquim Veríssimo, Alpedrinha, Cardeal, *Dicionário de História de Portugal*, vol.I, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1971. Cit por: SILVA, Custódio Vieira, *A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha*, p.27

⁵⁸ SILVA, Custódio Vieira, *A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha*, p.27.

⁵⁹ PEREIRA, Paulo, “A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo e a obra de Mateus Fernandes”, p.44-47.

da Lombardia, a qual se empenhava numa reforma eclesial no sentido da *devotio moderna*, movimento pelo qual a D. Leonor mostrava simpatia.

A obra de Frei Jorge de S. Paulo permite reconstituir, quer o espaço, quer o revestimento da Igreja até ao ano de 1656. Com a consulta deste levantamento⁶⁰, verifica-se que, em 1656, a Igreja estaria coberta de panos e de tapeçarias que ainda seriam do tempo da Rainha, e que não existe qualquer menção aos azulejos hispano-mourisco que ainda subsistem, problemática que trataremos de seguida.

Os azulejos hispano-mouriscos, existentes nos altares laterais da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, estão datados de cerca de 1500, sendo a sua origem associável a Sevilha. No entanto, não existe documentação que permita fixar ao certo a data da sua aplicação, pois não aparecem referidos na obra de Frei Jorge de S. Paulo, até ao ano de 1656. Pode equacionar-se, então, que teriam sido aplicados na sua data de manufatura, no século XVI, mesmo não tendo sido mencionados pelo cronista loio, ou então poderão ter sido colocados posteriormente.

A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo terá recebido o seu revestimento azulejar de padrão em tons de azul, amarelo e branco, no século XVII. Terão sido aplicados, entre 1658-1659 como indicam os registos documentais. “Despendeo mais o p.e Almo.x. semto E sessenta mil r̃s por compra de azulejo com que se azulejou a Igreja e os oratorios das enfermarias, E capella da pia da ditta Igreja”⁶¹.

O interior da Igreja é revestido de riqueza artística na sua ornamentação e que reflete intervenções de diferentes épocas, nos seus revestimentos, quer no azulejo, como na talha dourada, nas pinturas encomendadas, como o tríptico⁶².

O tríptico que se encontra sobre o arco triunfal, e trata-se muito possivelmente de uma encomenda de D. Leonor, pertencendo assim ao primeiro quartel do século XVI. A autoria deste tríptico tem vindo a ser muito discutida pela historiografia, sendo que há

⁶⁰ PESSANHA, José, *A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha em 1656*, Lisboa, Real Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1910; CORREIA, Fernando da Silva, *Revisões, preferências e notas, Antiguidades do tempo da Rainha D. Leonor*, [s.n], Caldas da Rainha, 1959.

⁶¹ MACHADO, João Saavedra, *Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha Séculos XVI-XVIII*, p.57

⁶² HORTA, Cristina Maria Ribeiro da Silva e, *Manuel Mafra (1831-1905) e as Origens da Cerâmica Artística das Caldas da Rainha*, Doutoramento em História Especialidade História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2014, p.50.

autores que defendem a atribuição a Cristóvão de Figueiredo e outros ao Mestre da Lourinhã. A pintura representa o Calvário de Cristo⁶³.

2.3 As intervenções de restauro e de requalificação nos edifícios do Hospital Termal

Antes de abordarmos as Intervenções realizadas pela DGEMN na Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, consideramos relevante realçar que o Património do Hospital Termal conseguiu mesmo em períodos complicados da nossa história política e social, manter-se intacto. Como destacou Nicolau Borges, “As reformas estruturais empreendidas a nível nacional repercutiram-se no Hospital das Caldas de forma subtil, sem radicalismos e grandes alterações no seu normal e tradicional funcionamento. O que se verificou, nesses momentos, nomeadamente na Reforma do Regimento do Hospital, operada no reinado de D. José, por acção do Marquês de Pombal; na questão dos Bens Nacionais (1834), etc., foi a consolidação e a reafirmação dos objectivos que nortearam a fundação deste Hospital pela Rainha D. Leonor, reforçados com o aumento de dotações orçamentais e incorporações de bens patrimoniais.”⁶⁴

Os edifícios do Hospital Termal foram sofrendo algumas intervenções de restauro e de requalificação dos espaços. Com a nomeação de Rodrigo Berquó, como provedor do Hospital Termal, em 1889, o edifício foi objeto de obras de ampliação, sendo acrescentado mais um piso. Esta campanha teve como consequência o desaparecimento da Capela de Nossa Senhora do Carmo e do seu retábulo, e como Nicolau Borges indica, assiste-se a um “atrofiamento” do corpo da Igreja, que acaba por perder o seu lugar de predominância sobre o corpo do Hospital⁶⁵.

Relativamente ao nosso objeto de estudo, o azulejo, terá sido neste período que os painéis de azulejo da *Grande Produção Joanina*, que estariam nas Enfermarias do Hospital Termal, foram retirados. A documentação sobre este assunto é, porém, escassa.

⁶³ SILVA, Custódio Vieira, *A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha*, p.51 e 52.

⁶⁴ BORGES, Nicolau, *O Hospital Termal de Caldas da Rainha - Arte e Património*, Tese de Mestrado em História da Arte, Património e Restauro, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1998, 1 CD-ROM, parte 3, p.7

⁶⁵ Idem, *Ibidem*, parte 1, p.125 e 126.

João Saavedra Machado refere-se a um inventário de 1913⁶⁶: “São várias as notícias em inventários alusivas a este tipo de revestimento: referimos apenas que em 1913 existia «uma porção de azulejo velho» na «capela do cemitério velho»; «tres mil setecentos e vinte e cinco ladrilhos, mosaicos diversos; dez caixotes com diversos paneaux em azulejo; um caixote com noventa e sete azulejos amarelos, de barro; um caixote com cem faixas de azulejos azuis, de barro»; e outros, tudo guardado na «casa da ferramenta» onde também havia ainda «vinte e quatro azulejos Flor de Liz»»⁶⁷.

Este inventário permitiu à equipa coordenada pelo mesmo autor, aquando da preparação da exposição Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha Séculos XVI-XVIII, patente em 1987, localizar os azulejos e verificar que a maioria tinham pertencido às obras de D. João V, sobretudo os painéis quase completos das enfermarias que tinham sido retirados no tempo de Rodrigo Berquó⁶⁸.

Interessa-nos, em particular, estudar o caso da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, pois teve uma importante campanha de obras da DGEMN a partir dos anos de 1930. O estudo desta documentação, que se encontra disponibilizada pelo SIPA, apenas em parte trabalhada por Nicolau Borges, permite-nos compreender as importantes alterações que ocorreram no espaço, e em particular, nos revestimentos cerâmicos.

A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo encontra-se classificada como Monumento Nacional desde 16-06-1910. Em 1934, estando a Igreja em mau estado de conservação, particularmente a Torre Sineira, surgem os primeiros pedidos de intervenção por parte da Comissão de Iniciativa de Caldas da Rainha (composta por elites económicas e intelectuais locais). De ora em diante, verificam-se inúmeros pedidos à DGEMN, quer pelo Governador Civil de Leiria, e pela Câmara Municipal de Caldas da Rainha, quer pela Sociedade Nacional de Belas Artes e, mais tarde, pelo fundador e primeiro Diretor do Museu de José Malhoa, António Montês.

Na sequência dos esforços de 1934, a DGEMN pede orçamentos para as obras necessárias, e estas começam por 1936. Estando a Igreja em mau estado de conservação,

⁶⁶ *Autos de Arrolamento dos objetos existentes no Estabelecimento termal das Caldas da Rainha e anexos*, de 15 e 17.4.1913, de Custódio Maldonado Freitas, Pedro Ferreira, Francisco Oliveira Santos e Virgílio Cândido Ribeiro, fls. 20 v e 30 v. Inédito cf MACHADO, João Saavedra, *Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha Séculos XVI-XVIII* p.21

⁶⁷ MACHADO, João Saavedra, *Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha Séculos XVI-XVIII*, p.21

⁶⁸ Idem, *Ibidem*, p.21

são várias as campanhas de obras e são vários os Orçamentos e pedidos feitos para a resolução de problemas diversos. No que respeita ao revestimento azulejar da Igreja, ao analisar a documentação disponibilizada pelo SIPA, verifica-se a existência de lacunas e de espaços que têm falta de azulejo, como é o caso do coro. Nicolau Borges justifica essa falta de azulejos no Coro com as obras levadas a cabo no tempo do Provedor Rodrigo Berquó “ (...) preenchimento de lacunas existentes no revestimento azulejar do interior da igreja, mais concretamente, nas falhas existentes no Coro da igreja, na antiga ligação com a tribuna das religiosas, que havia sido desactivada com a obra levada a cabo por acção de Rodrigo Berquó, nos finais do século XIX (...) ”⁶⁹.

Verifica-se então, em orçamentos e propostas, “Fornecimento e assentamento de azulejo pintado à mão” e o “Assentamento de azulejo igual ao antigo.” É também, neste sentido que surge documentação acerca da remoção de azulejo do mesmo tipo de padrão do Claustro Grande do Convento da Graça, em Lisboa, que foram substituídos por azulejos brancos com a autorização da Direção Geral da Fazenda Pública e com a aceitação do Ministério da Guerra⁷⁰ com o propósito de serem aplicados na Igreja de Nossa Senhora do Pópulo.

Nicolau Borges refere que: “Para o efeito recorreu-se ao arrancamento de azulejos do mesmo tipo de “padrão”, existentes na Sala do Capítulo do Convento da Graça, em Lisboa (...)”⁷¹. No entanto, importa salientar, com base na documentação consultada, que a mesma se reporta a uma das alas do claustro grande do Convento da Graça, e não à Sala do Capítulo.

“Existindo numa das alas do claustro grande do extinto convento da Graça desta cidade (Monumento Nacional) e na parte actualmente entregue ao Batalhão de Caçadores Nº7 das cavalaria, restos ainda aproveitáveis de azulejos do séc. XVII iguais aos que revestem o interior da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha, venho rogar a V. Ex^a. A favor de interceder junto daquele regimento no sentido de ser autorizado a retirada daquele azulejo que seria aplicado na conclusão das obras da Igreja das Caldas da Rainha onde se torna necessário, se V. Ex^a. Assim o entender convenientemente.

⁶⁹ BORGES, Nicolau, *O Hospital Termal de Caldas da Rainha - Arte e Património*, 1 CD-ROM, p.137, parte 1.

⁷⁰ O Ministério da Guerra era o antigo departamento governamental responsável pela administração dos assuntos relativos ao Exército Português. Em 1950, este departamento governamental, passou a chamar-se de Ministério do Exército. Em 1974 é extinto e cria-se o Ministério de Defesa Nacional.

⁷¹ BORGES, Nicolau, *O Hospital Termal de Caldas da Rainha - Arte e Património*, 1 CD-ROM p.137, parte 1.

Informo V. Ex^a. De que o azulejo nenhuma falta faz naquele quartel onde está condenado a danificar-se. 7 de Agosto de 1937”⁷².

Acrescenta a documentação que:

“Tendo sido autorizado pelo Ministério da Guerra o arranque de azulejos antigos do Quartel da Graça para a sua aplicação na Igreja Matriz das Caldas da Rainha, entregando por troca, essa Direcção Geral no mesmo quartel, azulejos brancos, venho rogar a V. Ex^a. se digne a promover para que seja completa essa entrega com mais de 1000 azulejos conforme foi combinado pelo oficial chefe de secção com o Sr. Architecto Areal tratou deste assunto por parte dessa Direcção. 23 de Junho de 1938”⁷³.

O documento seguinte, atesta o atraso verificado no processo de transferência dos azulejos da Graça:

“Não tendo esta Direcção até esta data recebido qualquer resposta ao officio nº 3206 de 23 de Junho do ano findo, venho novamente rogar a V. Ex^a. se digne a promover para que sejam entregues na 3^a secção das obras militares, no Quartel da Graça, 1000 azulejos brancos, conforme fora combinado com o Sr. Architecto Areal, por troca de azulejos antigos que foram retirados do Claustro Grande do extinto Convento da Graça. 7 de Fevereiro de 1939”⁷⁴.

Os azulejos seiscentistas, depois de terem saído do Convento da Graça, estiveram armazenados em caixotes, não sendo a documentação suficientemente clara para perceber se já estariam na Igreja de Nossa Senhora do Pópulo. No entanto, estes, só vieram a ser colocados no Coro da Igreja depois de 1944. Como também referiu Nicolau Borges: “ (...) Este pedido recebeu resposta a 21 de Dezembro de 1944, pelo próprio Director da Direcção Geral dos Monumentos Nacionais que informa o pároco da Igreja, ser desejo da DGMN, concluir no ano seguinte as citadas obras, justificando o atraso das mesmas com a demora verificada no fabrico de azulejos semelhantes aos, do tipo padrão, existentes no interior da Igreja.”⁷⁵

Todavia, verifica-se que, em 1946, ainda estão por colocar azulejos no coro da Igreja. “ (...) no côro da Igreja Matriz de Caldas da Rainha, (Monumento Nacional) é

⁷² DGPC/DGEMN, Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, SIPA TXT 01003706.

⁷³ DGPC/DGEMN, Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, SIPA TXT 01003306.

⁷⁴ DGPC/DGEMN, Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, SIPA TXT 01003313.

⁷⁵ BORGES, Nicolau, *O Hospital Termal de Caldas da Rainha - Arte e Património*, 1 CD-ROM, p.138, parte 1.

necessário colocar 32 metros quadrados de azulejo os quais se encontram em caixotes para serem colocados. Em face do exposto julgo que podem ser colocados por esta direcção se V. Ex^a. o julgar conveniente e ordenar. 29 de Julho de 1946”⁷⁶. É importante, referir que, nem sempre, a documentação permite perceber exatamente a que azulejos se refere, dificultando a identificação dos azulejos tratados, substituídos, ou restaurados pela DGEMN.

Quanto aos azulejos da parede do fundo do coro alto da Igreja, esses foram fornecidos, por Manuel Ferreira da Costa (Tarefeiro de Obras Públicas de Alcobaça), e assentes em 1949, pelo valor de 18.000\$00⁷⁷. Para o efeito, foram realizados “estudos na composição de azulejos artísticos no interior” do templo de Nossa Senhora do Pópulo⁷⁸.

Entretanto, foram sendo feitas diversas obras e foram sendo elaborados novos pedidos para a recuperação e conservação da Igreja, sendo continuamente mencionada a falta de colocação de azulejos, como se pode perceber através deste pedido de 1950: “ (...) informando V. EX^a que esta Igreja, necessita de facto da colocação de azulejos no altar e, bem assim, substituição completa da instalação da iluminação eléctrica (...)” 27 de Maio de 1950⁷⁹. Na memória descritiva de 1951 aparece documentado: “(...) neste orçamento incluiu-se também o revestimento da parede do côro, com azulejos pintados à mão;”⁸⁰

No ano de 1952, devido a problemas no telhado e com as infiltrações de água, estava em perigo a instalação eléctrica, estando também a danificar-se o mobiliário, a pintura, a talha dourada, a escultura e a destacar-se o azulejo. Em 1953, faz-se novamente referência aos azulejos da Igreja: “(...) c) – Há ainda na própria Igreja vários azulejos partidos, no mediamento do altar lateral esquerdo e no côro.”⁸¹

Ainda, em 1966, o Diretor do Museu José Malhoa, António Montês, escreve um ofício para a DGEMN apelando a uma rápida intervenção devido às infiltrações. “ (...) Por não ter sido cuidado o telhado e falta a limpeza das gárgulas e outros escoadores, a água das chuvas entra na pequena igreja e danifica o tríptico, que já sofreu dois restauros em pouco tempo e ultimamente está provocando o deslocamento dos azulejos, e que se

⁷⁶ DGPC/DGEMN, Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, SIPA TXT 01003730.

⁷⁷ DGPC/DGEMN, Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, SIPA TXT 00346565.

⁷⁸ DGPC/DGEMN, Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, SIPA TXT 00346623.

⁷⁹ DGPC/DGEMN, Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, SIPA TXT 01003358.

⁸⁰ DGPC/DGEMN, Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, SIPA TXT 01003369.

⁸¹ DGPC/DGEMN, Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, SIPA TXT 01003382.

torna quase impossível de se substituir, se não houver o cuidado de os retirar antes que caiam e se destruam. (...) ”⁸².

Neste período, o jornal local, *Gazeta das Caldas*, noticia esta situação que se estava a passar na Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, intitulando a notícia como: “É preciso salvar o tríptico atribuído a Cristóvão de Figueiredo e azulejos do século XVII”⁸³.

Na sequência dos protestos, as obras de “Restauro de Conservação” foram retomadas na Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, em 1967, e os trabalhos adjudicados a Anselmo Costa⁸⁴. Porém, escassos anos depois, tanto em 1972 como em 1978, é relembrado à DGEMN que faltam as obras de acesso ao coro, existem arcos estruturais arruinado, “azulejos oscilantes” e outros por colocar⁸⁵. Em 1981, ainda surge documentado: “Por último, ficará da nossa competência, depois de devidamente ponderadas as soluções técnicas, o seu grau de urgência ou prioridade e ainda a possibilidade e cobertura financeira, os seguintes casos: acesso ao côro; vitrais; reparações de azulejos - se os houver; pinturas e outras reparações”⁸⁶.

João Miguel dos Santos Simões, em 1971, refere-se a estas várias campanhas de restauro da DGEMN, demonstrando a relevância do estudo desta documentação com a finalidade de compreender as alterações ocorridas: “Modernamente, quando das obras de restauro, mandaram-se fazer alguns azulejos de padrão, a pretender copiar os antigos, o que, pela diferença de colorido, é suficientemente patente.”⁸⁷

Através da observação *in loco*, na Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, é possível perceber essas diferenças de colorido nos azulejos, sobretudo, no coro alto do templo e nos arcos junto aos altares é onde se verifica melhor as diferentes tonalidades do azul, do amarelo e do branco.

Decorreram vários anos até à conclusão das obras na Igreja de Nossa Senhora do Pópulo e a intervenção da DGEMN teve as mais variadas alterações. Quanto ao revestimento azulejar, consideramos que ainda existem dúvidas para serem esclarecidas, em particular a questão da aplicação de azulejos brancos no Quartel da Graça, em

⁸² DGPC/DGEMN, Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, SIPA TXT 00347080.

⁸³ DGPC/DGEMN, Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, SIPA TXT00347083.

⁸⁴ DGPC/DGEMN, Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, SIPA TXT00346640.

⁸⁵ DGPC/DGEMN, Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, SIPA TXT 00347179.

⁸⁶ DGPC/DGEMN, Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, SIPA TXT 00347185.

⁸⁷ SIMÕES, João Miguel dos Santos, *Azulejaria em Portugal no século XVII*, tomo II, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971, p.73.

substituição dos que daí foram retirados. Procurámos averiguar esta situação mas, infelizmente, não se percebe no espaço mencionado, que visitámos, a existência de vestígios de azulejos.

Esta documentação levanta-nos alguns problemas, que se relacionam com as práticas restauracionistas de azulejo, que passam por fazer azulejos novos a imitar os antigos; retirar azulejos antigos de um sítio para levar para outro; e ainda a substituição de azulejos antigos por azulejos brancos. Podemos conjecturar que as práticas de restauro utilizadas seguem as da arquitetura com o princípio de “unidade de estilo”, em que ora se reutiliza azulejos antigos provenientes de outros locais, ora se refaz azulejo com base no antigo, com a finalidade de adequar as intervenções à estética original (ou mais relevante) do monumento. Como refere Maria João Neto, na sua tese de Doutoramento: “O ambiente vivido não só é determinante da selecção dos imóveis a restaurar como, também, influi decisivamente, nas doutrinas de intervenção praticadas. Importava repor os edifícios no seu estado primitivo, de acordo com o monumento histórico evocado, expurgando-o de acrescentos posteriores, que eventualmente, pudessem prejudicar a leitura pretendida da mensagem simbólica dos monumentos. A *unidade de estilo* encontrou no Portugal de então um campo favorável de implantação, mediante condicionalismos mentais próprios que proporcionaram a sua sobrevivência, entre nós, nos meados do século XX.”⁸⁸

Relativamente à aplicação de azulejo branco na Graça, ou pelo menos a intenção de o utilizar, pode passar pelo facto de ser mais barato, desempenhando os revestimentos cerâmicos brancos, de igual modo, funções de impermeabilização das paredes.

Face ao escasso conhecimento que se tem acerca dos critérios de intervenção da DGEMN nos revestimentos cerâmicos dos muitos edifícios que a instituição intervencionou, seria relevante, no futuro, o desenvolvimento de um estudo desta natureza.

⁸⁸ NETO, Maria João Baptista, *Memória, Propaganda e Poder. O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960)*, Faculdade de Arquitectura do Porto, 2001, p. 285.

2.4 O Museu do Hospital e das Caldas

O Museu do Hospital e das Caldas localiza-se na rua Rodrigo Berquó, em Caldas da Rainha, no antigo Palácio Real, que se situa um pouco acima da Igreja Nossa Senhora do Pópulo. Importa todavia realçar que pouco existe do edifício primitivo do tempo da rainha D. Leonor⁸⁹. No século XVIII, as comitivas régias instalavam-se nas melhores casas da vila, enquanto o Palácio era ocupado pelos Provedores do Hospital. Com o início da República, verificamos que este foi cedido a outras instituições públicas levando-o a um estado de quase ruína⁹⁰.

Desta maneira, e com a necessidade de recuperar o edifício, o Centro Hospitalar⁹¹ formalizou, em 1992, uma candidatura ao Programa de Infra Estruturas Turísticas e Equipamentos Culturais (PRODIATEC), financiado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, e assim foi apresentado um projeto de recuperação dos espaços interiores tal como o tratamento do espaço envolvente. Este projeto, da autoria do Arquiteto António Garcia Remédios, teve aprovação em 1992. Com a conclusão do projeto, verificamos que o edifício manteve a sua expressão de residência nobre⁹².

O Centro Hospitalar detinha um acervo constituído por pintura, escultura, talha, ourivesaria, paramentaria, azulejos, documentos gráficos, mobiliário, e instrumentos médicos e científicos. Verifica-se também a existência de uma diversificada documentação que vai desde o Compromisso da Rainha D. Leonor, de 1512, contando também com o primeiro regulamento do Hospital Termal, até aos cartazes de vivências sociais de 1930.

A Administração do Centro Hospitalar pediu apoio para o seu projeto de museu ao então Instituto Português dos Museus (IPM), tendo sido designados para a

⁸⁹ Cit, HENRIQUES, Paulo, “O Museu do Hospital e das Caldas. Sua Definição Museológica e Projeto Museográfico”, *Separatas das Atas do Congresso Comemorativo do V Centenário da Fundação do Hospital Espírito Santo de Évora*, Évora, 1996, p.213.

⁹⁰ HENRIQUES, Paulo, *O Museu do Hospital e das Caldas. Sua Definição Museológica e Projecto Museográfico*, p.213

⁹¹ Antes da criação do Centro Hospitalar, a gestão dos Edifícios era feita pelo próprio Hospital Termal. Em 1971, quando foi criado o Centro Hospitalar de Caldas da Rainha, o Hospital Termal é integrado nesta administração. Em 2009, o Centro Hospitalar de Caldas da Rainha é integrado no recém-criado Centro Hospitalar do Oeste Norte que engloba também os Hospitais de Peniche e Alcobaça. Em Dezembro de 2015, o Hospital Termal, a Mata e o Parque D. Carlos I são concessionados à Câmara Municipal de Caldas da Rainha por períodos de 50 e 70 anos.

⁹² HENRIQUES, Paulo, *O Museu do Hospital e das Caldas. Sua Definição Museológica e Projecto Museográfico*, p.214.

colaboração, Paulo Henriques (coordenador do projeto), Diretor do Museu José Malhoa, e Conservadora Matilde Tomás do Couto, do Museu José Malhoa, tal como a Diretora do Museu da Cerâmica, Nicole Ballu Loureiro, vindo também a associar-se Cristina Horta na qualidade de Técnica Superior do Museu da Cerâmica. Ao ser feita uma análise sobre a coleção em questão, concluiu-se que este museu não podia ser exclusivamente de Arte: dada a sua diversidade disciplinar, ganharia uma maior solidez ao ser um Museu de uma Instituição e do que gerou à sua volta⁹³.

Definiu-se, então, que este Museu seria no âmbito de História, da História do Hospital Termal e do desenvolvimento das Caldas da Rainha e, assim, ganhou o nome de Museu do Hospital e das Caldas da Rainha. Foi definido por uma equipa de museólogos do Museu José Malhoa e do Museu de Cerâmica, como vimos, e ainda com a colaboração de um Grupo de Investigadores de História Local – Grupo Património Histórico.

Relativamente à área da Museografia, o Museu do Hospital e das Caldas ainda contou com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito da qual o Arquiteto Nunes de Oliveira ajudou a realizar a montagem da exposição permanente, assim como os espaços de acolhimento ao público. E, assim, o Museu do Hospital e das Caldas foi inaugurado no dia 20 de Maio de 1993 (embora o edifício ainda não se encontrasse na totalidade recuperado) com uma exposição temporária sobre “O Palácio Real e o seu futuro Museu”, onde foram expostos, para além de textos e fotografias documentando as obras de recuperação do imóvel, a estrutura do museu através de painéis explicativos e de algumas peças da coleção, que estavam distribuídas por sete núcleos definidos no programa científico:

O primeiro núcleo tratava o *Antes da Fundação (Século XIII-XV)* e a sua autora foi Helena Gonçalves Pinto; O segundo núcleo é sobre *A Fundação do Hospital, Igreja, Vila (1484-1532)* sendo a autora deste núcleo Matilde Tomás do Couto; O terceiro núcleo sobre *A Rainha D. Leonor (1458-1525)* também esteve a cargo de Matilde Tomás Couto; O quarto núcleo sobre o *Tempo dos Loios (1532-1706)* foi tratado por Margarida Gouveia; O quinto núcleo sobre *O século das reformas (1706-1820)* esteve a cargo de Cristina Horta; O sexto núcleo sobre *As Termas da Moda (1820-1930)* teve como autor Jorge

⁹³ Idem, Ibidem, p.214.

Mangorrinha; O sétimo núcleo, *Crise. À procura de um novo modelo (1930...)* foi elaborado por Luís Nuno Rodrigues⁹⁴.

O objetivo desta exposição foi dar uma realidade física ao projeto do museu e tornar público o espólio do Hospital Termal, contribuindo, desta maneira para a consolidação da memória coletiva da população⁹⁵.

O Museu do Hospital e das Caldas tem, na sua exposição permanente, sete painéis historiados que estariam nas enfermarias do Hospital e a Tábua do Almojarife que estaria na copa do Hospital. Os sete painéis, de Nossa Senhora do Pópulo, S. Pedro, S. Camilo de Lélis, Santa Isabel, Santa Clara de Assis, Santo Amaro e São João de Deus, tal como a Tábua do Almojarife encontram-se distribuídos nas salas quatro, cinco e seis do Museu do Hospital e das Caldas.

O primeiro grande estudo sobre os Azulejos do Hospital Termal aconteceu antes da existência do Museu. Intitulado “Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha Séculos XVI-XVIII”, foi coordenado por João Saavedra, em 1987, e continua a ser uma das referências para estudar e conhecer os Azulejos do Hospital. Neste livro encontra-se um levantamento de grande parte dos azulejos do Hospital Termal, da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo e da Ermida de São Sebastião. Foi este estudo que levou à montagem dos sete painéis historiados e da Tábua do Almojarife que fazem hoje parte da exposição permanente do Museu.

Após vinte anos da realização desse estudo, em 2007, o Museu do Hospital e das Caldas, realizou uma exposição sobre “O Azulejo nas Caldas da Rainha Memória, Cerâmica, Brilho, Expressão e Narrativa Alegórica”, do qual também se encontra disponível um breve catálogo, em que divulga o seu património azulejar⁹⁶. Nesta exposição, de cariz mais alargado, foram reunidos os sete painéis azulejares provenientes do Hospital Termal, mas integrando igualmente os azulejos da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, tal como os da Capela de São Sebastião⁹⁷, que pertence ao Hospital, e as fachadas da cidade.

⁹⁴ HENRIQUES, Paulo, “O Museu do Hospital e das Caldas. Projecto e seu Desenvolvimento”, *2º Seminário do Património da Região Oeste*, Sobral de Monte Agraço, 1997, p. 195.

⁹⁵ Idem Ibidem 195.

⁹⁶ *O Azulejo nas Caldas da Rainha Memória, Cerâmica, Brilho, Expressão e Narrativa Alegórica*, Museu do Hospital e das Caldas, Caldas da Rainha, 2007.

⁹⁷ A Capela de S. Sebastião terá sido fundada no século XV, embora não haja documentação que sustente a data exata da sua construção. Esta Capela encontra-se classificada como imóvel de interesse público pelo

Pode verificar-se, numa visita ao Museu, que a legendagem das peças da exposição permanente se encontra em português e inglês mas as folhas de sala apenas em português. Para além disso o Museu não tem um Catálogo sobre o mesmo, o que deixa o visitante com pouca informação disponível. Outro problema que é condicionante para a visibilidade do Museu é a falta de sinalização do mesmo.

Contudo, o Museu tem um *site*, onde vai atualizando com alguma regularidade alguns dos seus eventos, disponibilizando ainda algumas informações, em português e inglês. Também existe página de facebook que é atualizada com muito mais frequência. O presente Trabalho de Projeto pretende contribuir para a divulgação e valorização deste património ao disponibilizar, numa plataforma própria e especializada, documentação atualizada sobre os azulejos do Hospital que, no futuro, podem ainda servir de base a outro género de conteúdos.

Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR) desde 1984. Contém um conjunto de painéis historiados datados de 1743-1745 que relatam a vida deste Santo. A Capela de S. Sebastião acabou por não fazer parte do nosso estudo por não haver tempo suficiente para estudar seu revestimento azulejar, que preenche toda a Capela. Contudo, não podíamos deixar de referir aqui o seu valor e destacar alguma informação pouco tratada sobre a mesma. No período da Primeira República (1910 a 1926), este conjunto azulejar, parece ter suscitado o interesse artístico particular, sendo a Capela de S. Sebastião mencionada na ata de uma reunião da Comissão de Monumentos sob a presidência Miguel Ventura Serra, em 1915, como se pode verificar na seguinte citação do documento: “Referindo-se ainda a Capela de S. Sebastião das Caldas da Rainha, que entende se deve considerar digna de ser registada, como monumento nacional e segundo ordena, e que nesse sentido relatou quando comissionado conjuntamente com o Snr. Luciano Freire pelo Conselho de Arte Nacional, arbitrando mais, que seria conveniente aplica-lo a um pequeno museu de ceramica, em que a região tanto se destingue, continuando assim os azulejos que decoram essa capela, a servir de ensinamento aos ceramistas locais.” (Ata da Reunião da Comissão de Monumentos de Janeiro de 1915).

Posteriormente, encontra-se em informação disponibilizada pelo SIPA, que a Capela de S. Sebastião estava num avançado estado de degradação, e que estava a ser utilizada para Serviços Fúnebres e não estava classificada. “Quanto à Capela de S. Sebastião que esteve entregue ao Patriarcado e que, até há pouco tempo, foi utilizada para serviços fúnebres encontra-se em estado deplorável quer exterior quer interiormente, especialmente a cobertura que quase chegou ao estado de ruína. Esta capela tem no seu interior valiosos painéis de azulejos que devem datar da primeira metade do século XVIII e recuperada poderia, segundo julgamos, servir para arrumo e exposição permanente das obras sacras acima referidas, caso os especialistas da matéria assim o entenderem. 18 de Setembro de 1978.” (SIPA TXT 01003581). Demonstrando, que embora, tenha sido mencionada a sua classificação como Monumento, na reunião de 1915, isto não chegou a acontecer, como também o projeto da Capela de São Sebastião de se tornar num pequeno museu de cerâmica não chegou a avançar. Os azulejos da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo foram aqueles que acabaram por colher maior atenção durante as intervenções da DGEMN.

3. O Inventário do Património azulejar do Hospital Termal

O presente capítulo começa por refletir sobre a importância do inventário e da documentação do património azulejar, ao mesmo tempo que justifica as metodologias seguidas neste projeto, no âmbito do *Az Infinitum* – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo. A esta contextualização segue-se a impressão das fichas de inventário dos conjuntos azulejares do Hospital Termal, na versão de *backoffice*, ou seja, diretamente impressas da base de dados utilizada – *InPatrimonium* – e na versão de capturas de ecrãs do *Az Infinitum*. Deste modo mostra-se o ambiente de trabalho do inventariante e aquele a que o utilizador acede no seu computador pessoal.

3.1 A importância do inventário e da documentação

Consideramos, que, antes de abordar a importância do inventário e da documentação, é necessário fazer uma distinção, ainda que necessariamente breve, entre o que se entende por património imóvel, património integrado e património móvel, uma vez que, no nosso estudo, nos deparamos com estes diferentes tipos de património. Se as noções de património imóvel e móvel estão bem definidas e consagradas na lei de bases do património⁹⁸, já a noção de património integrado tem sido bem mais debatida e, ainda hoje, é objeto de alguma discussão enquanto conceito. Muito embora se conheçam múltiplos exemplos de azulejo em contexto de museu, e os painéis das antigas enfermarias do Hospital das Caldas são disso um exemplo, a verdade é que, na sua origem, o azulejo é, por excelência, um património dito integrado, tendo sido pensado para um determinado espaço, com o qual estabelece uma relação próxima e que é essencial para o seu entendimento integral.

Segundo a Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) “Integram o património cultural imóvel os bens imóveis que assumem relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura. São bens que constituem testemunhos com valor de civilização ou de cultura. O interesse cultural relevante designadamente histórico, paleontológico, arqueológico,

⁹⁸ Diário da República, Lei n.º 107/2001 de 8 de Setembro,
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/legislacao-sobre-patrimonio/>

arquitectónico, artístico, etnográfico, científico, industrial ou técnico destes bens reflete valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade. (...) Os bens imóveis podem pertencer às categorias de monumento conjunto ou sítio. A protecção legal dos bens imóveis assenta na classificação e na inventariação. (...)”⁹⁹.

A designação de “património integrado”, que se reporta a um conjunto de bens imobilizados por destino, ou seja, um bem que se encontra integrado ou instalado nos imóveis, surge na Lei Orgânica de 1997 (Decreto-Lei 120/97 de 16 de maio) do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), hoje DGPC, com o objetivo de distinguir o integrado do património móvel¹⁰⁰.

No que diz respeito ao azulejo, este “(...) ganha, com este conceito, unidade e o estatuto de um bem cultural “especializado”, assim classificado por estar fixo na arquitetura e ser parte essencial das funcionalidades prática, estética e simbólica do edifício que integra, com frequência estruturando o próprio espaço e carregando-o de significados e sentidos”¹⁰¹.

Por sua vez, o património móvel está associado, geralmente, a um conjunto de bens culturais classificados ou não e que, devido ao seu valor, pode ser integrado nos acervos dos Museus. Segundo a DGPC, “A classificação determina que um certo bem possui um valor cultural inestimável, prevendo três categorias para a protecção: bem de interesse nacional ou “tesouro nacional”, bem de interesse público e bem de interesse municipal. Tal como no caso da classificação, para a figura da inventariação o impulso para a abertura do respectivo procedimento de protecção legal pode provir de qualquer entidade, pública ou privada.”¹⁰²

A Legislação Nacional prevê a protecção e valorização do património cultural, através da Lei 107/2001 de 8 de setembro – Lei de Bases do Património Cultural. A importância do inventário, como o que procurámos fazer numa perspetiva de

⁹⁹ <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/>

¹⁰⁰ CALADO, Luís Ferreira; LEITE, Joaquim Passos; PEREIRA. Paulo – Património integrado ou a alma dos monumentos. *Património. Estudos*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico. 4 (2003), pp. 5-15.

¹⁰¹ Câmara, Maria Alexandra Trindade Gago da, e Rosário Salema de Carvalho. «Azulejaria Barroca na Ilha de São Miguel: Temas e Perspectivas de Investigação». Em *Artes Decorativas nos Açores*, editado por Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, 15–46. Porto: Universidade Católica Editora – Porto / CITAR – Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes, 2015.

¹⁰² <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-movel/classificacao-do-patrimonio-movel/>

aprofundamento de inventário (ou documentação) para o caso do azulejo do Hospital das Caldas, é destacada no articulado da mesma Lei de Bases. Naturalmente, assegura-se o propósito do dever de inventariar e de documentar o património em contexto de museu (capítulo II, na secção IV, artigo 15º): “1 – Os bens culturais incorporados são obrigatoriamente objecto de elaboração do correspondente inventário museológico. 2 – O museu deve documentar o direito da propriedade dos bens culturais incorporados. 3 – Em circunstâncias excepcionais, decorrente da natureza e características do acervo do museu, a incorporação pode não ser acompanhada da imediata elaboração do inventário museológico de cada bem cultural.”¹⁰³

Todavia, importa destacar que, no artigo 16º sobre as formas de protecção dos bens culturais refere-se: “1 – A protecção legal dos bens culturais assenta na classificação e na inventariação; 2 – Cada forma de protecção dá lugar ao correspondente nível de registo, pelo que existirá : a) o registo patrimonial da classificação b) o registo patrimonial do inventário”¹⁰⁴.

O trabalho que nos propusemos desenvolver enquadra-se neste último, constituindo uma contribuição para um inventário maior, promovido não por entidade legalmente reconhecida para tal, mas sim numa perspectiva de conhecimento, dirigida para a investigação.

Importa, pois, refletir na múltiplas questões que se levantam em torno do património, procurando inverter algumas tendências que outros investigadores reconhecem no panorama nacional: “Esta valorização do património móvel em detrimento da Arquitectura e respectivo Património Integrado é recorrente no panorama nacional, onde regularmente se assiste a um reaproveitamento de espaços existentes, de forte carga histórica-artística, para os transformar em museus, que são na maior parte das vezes tematicamente distintos, achando que esta valorização museológica será suficiente enquanto estratégia de preservação e valorização do imóvel. Ora, torna-se urgente mudar esta concepção, sendo importante também perceber que os imóveis e o seu património integrado devem ser preservados, mas mais do que isso, devem ser considerados no

¹⁰³ Diário da República, Lei nº107/2001 de 8 de Setembro,
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/legislacao-sobre-patrimonio/>

¹⁰⁴ Diário da República, Lei nº107/2001 de 8 de Setembro,
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/legislacao-sobre-patrimonio/>

discurso museológico, uma vez que o espaço não acolhe apenas o museu, mas constitui parte integrante e indissociável do património cultural da instituição.”¹⁰⁵

O caso do Hospital Termal não deixa de refletir esta situação, observando-se a transformação do antigo Palácio Real em Museu, um espaço que alberga uma coleção com peças provenientes do Hospital Termal e da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo. O inventário que realizámos procurou, precisamente, ir ao encontro desta perspetiva, na medida em que se constitui como a base para um discurso sistematizado, que pode e deve ser utilizado para valorizar as peças e os espaços museológicos.

Detenhamo-nos agora sobre as questões relativas ao inventário. Entende-se por inventário o “Levantamento minucioso dos elementos de um todo; rol, lista, relação: qualquer descrição minuciosa de algo, levantamentos dos bens considerados como representativos de uma cultura com vista à sua prevenção.”¹⁰⁶

Os principais objetivos do inventário são: declarar, registar, e dar a conhecer o património. No ato de inventariar está a criar-se uma identidade, sendo necessário ter em conta, que é um processo em permanente aperfeiçoamento e que é um trabalho que nunca está concluído.

A importância do inventário como instrumento de salvaguarda tem reflexos nas recomendações das cartas internacionais de património. Na Carta de Atenas (1931) recomenda-se: “que os diferentes Estados, ou as instituições criadas por estes ou reconhecidas como competentes para este fim, publiquem um inventário dos monumentos históricos nacionais, acompanhado de fotografias e de dados.”¹⁰⁷

Em 1970, na Convenção da UNESCO, discute-se a prevenção e a proibição de importações ou exportações ilícitas de bens culturais e recomenda-se o estabelecimento do Inventário: “Inventorying objects in a standardized way can prevent loss and aid to recovery of lost items. The availability of good documentation also ensures about objects

¹⁰⁵ CRESPO, Maria Teresa Figueiredo, *Interpretação e comunicação do património cultural integrado em contexto museológico: o caso do Museu da Música Portuguesa – Casa Verdades de Faria*, Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), Março de 2012, p. 1 e 2.

¹⁰⁶ <http://www.matriz.dgpc.pt/>

¹⁰⁷ Carta de Atenas, Serviço Internacional de Museus, Atenas, 21 a 30 de Outubro de 1931, p. 5 www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf

extends beyond the objects themselves. It provides a foundation for the use of collection by curators, researchers and the public.”¹⁰⁸

A Declaração de Amesterdão, em 1975, no Conselho da Europa – Conservação do Património Arquitetónico, refere que “A fim de tornar possível essa integração, é conveniente organizar o inventário das construções, dos conjuntos arquitetónicos e dos sítios, o que compreende a delimitação das zonas periféricas de protecção. Seria desejável que esses inventários fossem largamente difundidos, notadamente entre as autoridades regionais e locais, assim como entre os responsáveis pela ordenação do espaço e pelo plano urbano como um todo, a fim de chamar a sua atenção para as construções e zonas dignas de serem protegidas. Tal inventário fornecerá uma base realista para a conservação, no que diz respeito ao elemento qualitativo fundamental para a administração de espaços.”¹⁰⁹

Em 1985, na Convenção de Granada, no Conselho da Europa – Salvaguarda do Património Arquitetónico – indica-se: “A fim de identificar com precisão os monumentos, os conjuntos arquitetónicos e os sítios susceptíveis de serem protegidos, cada país se compromete a proceder ao inventário e, em casos de ameaças graves sobre os bens considerados, a constituir, com a maior brevidade possível, documentação adequada.”¹¹⁰

Em outubro de 1996, o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) defende: “As the cultural heritage is a unique expression of human achievement; and as this cultural heritage is continuously at risk; and as recording is one of the principal ways available to give meaning, understanding, definition and recognition of the values of the cultural heritage; and as the responsibility for conserving and maintaining the cultural heritage rests not only with owners but also with conservation specialists and the professionals, managers, politicians and administrators working at all levels of government, and with the public;”¹¹¹

O ICOMOS recorda-nos, assim, da fragilidade do património cultural, e que a responsabilidade da sua conservação deve passar por todos. Nesta décima primeira

¹⁰⁸ Comité Internacional pela Documentação. Conselho Internacional de Museus, 1995, p.19, http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Guidelines/CIDOCguidelines1995.pdf

¹⁰⁹ Declaração de Amesterdão, outubro de 1975, p.4
portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/.../Declaracao%20de%20Amsterdã%201975.pdf

¹¹⁰ Convenção para a salvaguarda do Património Arquitetónico da Europa, 3 de outubro de 1985, p.2
www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/granada.pdf

¹¹¹ Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, ICOMOS, 1996, p.49
<http://www.icomos.org/charters/archives-e.pdf>

reunião, em outubro de 1996, define-se também que o registo do património cultural deveria ser visto como uma prioridade, a nível nacional, regional e local.

Na documentação disponibilizada pelo Comité Internacional da Documentação (CIDOC), é destacada a importância da documentação para os Museus: “ensure accountability for objects: they can be used to define the objects that are owned by a museum, identify the objects, and record their location; aid the security of objects: they can be used to maintain information about the status of objects and provide descriptions and evidence of ownership in the event of theft; provide an historic archive about objects: they can be used to maintain information about the production, collection, ownership, and use of objects and as a means of protecting the long term value of data support physical and intellectual access to objects: they can be used to support access to objects themselves and information about the objects.”¹¹²

A documentação referida mostra cabalmente, que o inventário é uma ferramenta de grande importância, quer no que diz respeito ao património edificado quer aos acervos museológicos, desempenhando um papel fundamental para a compreensão do que estamos a estudar, registar, preservar e conservar.

3.2 Inventário e documentação – Metodologias

Para o inventário e documentação que suporta o presente Trabalho de Projeto do mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro, iniciou-se uma recolha bibliográfica exaustiva, consultando-se ainda a documentação disponível. Foi efetuado o levantamento fotográfico da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo e dos painéis que se encontram no Museu do Hospital e das Caldas, que serviu de apoio às descrições, contribuindo também para um conhecimento mais efetivo dos azulejos a analisar.

As fichas de inventário seguem as metodologias ditadas pelo *Guia de Inventário de Azulejos in situ*¹¹³. Este foi um projeto desenvolvido em conjunto pela Rede de Investigação em Azulejo (à época designada Rede Temática em Estudos de Azulejaria e

¹¹² Comité Internacional pela Documentação. Conselho Internacional de Museus, 1995, p.19, http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Guidelines/CIDOCguidelines1995.pdf

¹¹³ CARVALHO, Rosário Salema de; PAIS, Alexandre; FIGUEIREDO, Ana Paula, *Guia de Inventário de azulejo In Situ*, versão I, Outubro de 2014, p. 11. Disponível em: http://redeazulejo.fl.ul.pt/multimedia/File/guia_inventario_v1.pdf

Cerâmica João Miguel dos Santos Simões), ARTIS - IHA/FLUL, pelo Museu Nacional do Azulejo e pelo Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA), então integrado no Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU) e atualmente na DGPC. É, como o próprio nome indica, um guia que pretende criar regras de inventário para o azulejo que se conserva *in situ*, de forma a que as instituições e investigadores uniformizem metodologias. Deste modo, é mais fácil incluir esses dados no *Az Infinitum*, e disponibilizar as respetivas fichas, contribuindo para o inventário alargado da azulejaria nacional, que é objetivo desta plataforma *online*.

Muito embora, no que diz respeito ao património que nos propusemos inventariar, apenas os revestimentos azulejares da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo se conservem *in situ*, o *Az Infinitum* documenta os revestimentos a partir dos seus locais de origem, o que permitiu usar a mesma ferramenta para tratar os conjuntos que se encontravam nas enfermarias e oratórios do Hospital e que hoje são parte integrante do espólio do Museu do Hospital e das Caldas. Como tal, esta ferramenta foi fundamental para o desenvolvimento do nosso trabalho, permitindo organizar a informação disponível e faz um estudo integrado do azulejo relacionado com o seu local de origem.

Seguindo, como já foi referido, as metodologias propostas pelo *Guia de Inventário de Azulejos in situ*, foi necessário, antes de iniciar qualquer trabalho de levantamento, tomar algumas decisões.

As primeiras relacionam-se diretamente com a identificação dos imóveis e espaços a considerar neste trabalho, organizando-se o seguinte esquema de leitura, que agrupa hierarquicamente todos os imóveis e espaços com azulejos sob o *imóvel pai* Hospital Termal:

Hospital Termal

Edifício Central

Enfermarias

Copa

Igreja de Nossa Senhora do Pópulo

Nave, capela-mor e capela baptismal

Palácio/ Museu do Hospital e das Caldas [ligado às enfermarias e copa]

O número de inventário utilizado segue as regras da Rede, sendo que as primeiras duas letras correspondem a uma abreviatura do concelho, as seguintes à freguesia e as últimas à designação do imóvel. Seguem-se números que definem os espaços e os revestimentos. Por exemplo, CR_NSP_HTCR020101, CR refere-se ao concelho de Caldas da Rainha, NSP à freguesia de Nossa Senhora do Pópulo, HTCR a Hospital Termal das Caldas da Rainha, 02 ao espaço com este número (a Igreja de Nossa Senhora do Pópulo), 01 ao espaço dentro deste espaço (nave, capela-mor e capela baptismal) e 01 ao revestimento.

Por outro lado, para a definição dos espaços a considerar em cada imóvel inventariado, usamos as recomendações do ponto 2 do Guia, onde se refere explicitamente que os revestimentos são, por norma, coincidentes com os espaços onde se encontram aplicados e que a junção de vários espaços constitui uma situação excecional, que deve ser devidamente justificada tendo em consideração os fatores apontados – entre outros, autorias, datações ou programas iconográficos¹¹⁴.

A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo enquadra-se nesta situação excecional, como procuraremos justificar de seguida. Na nave e capela-mor deste templo verifica-se a utilização dos mesmos padrões e elementos de remate, que se organizam, em ambos os espaços, segundo a mesma métrica. Assim, o padrão P-17-01049, que corresponde apenas à replicação de dois módulos, numa altura de oito azulejos, encontra-se aplicado no nível 1, sendo a restante superfície parietal, o nível 2, ocupada pelo padrão P-17-01029. Ambos são delimitados e separados pela barra B-17-00107, por sua vez delimitada pelo friso F-17-00052. No nível 2 observa-se ainda um friso monocromo, branco.

Conclui-se, desta forma, que estamos, muito possivelmente, perante uma mesma campanha e que a nave e a capela-mor foram pensadas como um conjunto na sua origem, que o inventário não deve dissociar. Esta ideia é corroborada pela documentação subsistente, localizada no *Livro de Receitas e Despesas* do Hospital Termal relativamente ao ano de 1658/1659 e que foi identificada por João Saavedra Machado¹¹⁵ «Despendeo mais o p.e Almox.e semto E sessenta mil rs por compra de azulejo com que se azulejou a Igreja e os oratorios das enfermarias, E capella da pia da ditta Igreja».

¹¹⁴ Idem, Ibidem, p. 11.

¹¹⁵ MACHADO, João Saavedra, *Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha Séculos XVI-XVIII*, 1987, p.57.

Neste registo não é apenas a igreja que é referida como um todo, sem especificar que os azulejos adquiridos seriam para a nave ou capela-mor, mas também é mencionada a capela baptismal.

Muito embora os padrões da capela baptismal sejam distintos, esta referência documental indica que, possivelmente, os azulejos da igreja foram todos aplicados na mesma campanha. Além disso, o padrão utilizado no nível 1 da capela baptismal é o mesmo que reveste a nave e capela-mor, tal como os emolduramentos. A opção por um padrão de maçaroca no nível 2 deve-se, certamente, à escala do espaço, mais reduzida em relação à nave e capela-mor.

Os altares laterais da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo são tratados em ficha própria por se considerar que os azulejos hispano-mouriscos que os revestem foram aplicados numa campanha distinta, e anterior à dos azulejos de padrão do restante espaço - nave, capela-mor e capela-baptismal. Estes azulejos, de origem sevilhana, estão datados de cerca de 1500¹¹⁶ mas não se conhece documentação que mencione a sua aplicação no templo, como vimos no capítulo II no subcapítulo 2.2.2. Com base na obra de Frei Jorge de S. Paulo¹¹⁷, autores como José Pessanha¹¹⁸ e Fernando da Silva Correia¹¹⁹ fizeram o inventário dos bens que a Igreja de Nossa Senhora do Pópulo possuía até ao ano de 1656, no qual o azulejo hispano-mourisco não é mencionado.

Relativamente, aos azulejos que terão estado aplicados nas enfermarias e na copa do Hospital Termal, e que atualmente se encontram no Museu do Hospital e das Caldas, foram elaboradas fichas no sentido de integrar este património ao seu espaço de origem.

As enfermarias estão inseridas no edifício central do Hospital Termal. Apesar da documentação não permitir reconstituir com exatidão a planta primitiva do edifício, os relatos conhecidos indicam que as enfermarias das mulheres e dos homens entrevados estaria numa posição contígua à Igreja, para que estes pudessem assistir ao ofício divino. Do lado norte situar-se-ia a enfermaria das mulheres, do lado a dos homens¹²⁰.

¹¹⁶ Idem, Ibidem, p.31.

¹¹⁷ SÃO PAULO, Jorge de, *O Hospital das Caldas da Rainha até ao Ano de 1656*, Lisboa, Academia das Ciências, 1967-1968.

¹¹⁸ PESSANHA, José, *A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha em 1656*, Lisboa, Real Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1910.

¹¹⁹ CORREIA, Fernando da Silva, *Revisões, preferências e notas, Antiguidades do tempo da Rainha D. Leonor*, [s.n.], Caldas da Rainha, 1959.

¹²⁰ FERRARI, António de Melo, FERRARI Manuel de Melo e CORREIA, Fernando da Silva, *O Hospital Termal das Caldas da Rainha, a sua história, as suas águas, as suas curas*, 1930, p.10

Na sequência das intervenções de que o Hospital foi objeto, as enfermarias dos entrevados continuaram a ser piso térreo e com acesso direto à piscina. O piso superior estaria destinado às enfermarias femininas, masculinas e para os religiosos. Estas enfermarias possuiriam um refeitório, assim como um oratório, que estaria ornamentado com um painel de azulejo, em azul e branco, com a invocação do santo que daria o nome à enfermaria¹²¹. Há notícia de pagamentos de azulejos para estes espaços em 1667-1668, mas cuja configuração se desconhece¹²², conservando-se os painéis com representações de Nossa Senhora do Pópulo, S. Pedro, S. Camilo de Lélis, Santa Isabel, Santa Clara de Assis, Santo Amaro e São João de Deus certamente executados no contexto da renovação ocorrida entre 1747 e 1750.

Ainda durante a regência de D. Pedro, em 1668, há notícia de trabalhos na Copa que incluíam pagamentos de azulejos «Despendeo mais o p.e Almx.e trinta E noue mil setesentos E oitenta r̃s por compra de tres mil quinhentos azulejos cõ alizares E do painel da Copa de azulejo pera a emfermaria descima das molheres E pera toda a Caza da Copa.»¹²³

Destas diferentes campanhas que incluem azulejo, apenas se conserva o painel intitulado “Tábua do Almoxarife”, havendo ainda referência a um outro representando a “Vida de Nossa Senhora do Pópulo”, do qual subsistem azulejos dispersos no acervo do Museu¹²⁴.

Uma vez definido o esquema de leitura e a hierarquia correspondente, iniciou-se o preenchimento dos restantes campos, cuja descrição detalhada, ainda que apenas no que respeita aos mais significativos, apresentamos de seguida.

Começamos pelo levantamento fotográfico, as fotografias assumem-se como um fator essencial nos inventários atuais, evitando descrições exaustivas e permitindo a utilização de listas de vocabulário controlado de catalogação, o que trás vantagens óbvias na pesquisa.

¹²¹PINTO, Helena Gonçalves e MANGORRINHA, Jorge, *O desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*, Lisboa, Direção Geral de Energia e Geologia, Ministério da Economia e Inovação, 2009, p.100.

¹²² MACHADO, João Saavedra, *Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha Séculos XVI-XVIII*, 1987, p. 57 e 58

¹²³ Idem, Ibidem, p. 57 e 58.

¹²⁴ Idem, Ibidem, p. 21.

Depois de ter sido feito um levantamento fotográfico, as imagens escolhidas foram distribuídas pelas diversas fichas, no sentido de melhor ilustrar as notas histórico-artísticas e descrições efetuadas. A cada imagem foi atribuído um código, que reflete o número de inventário seguido e, sempre que tal se justifique, do número da parede e do nível ou da secção a que se reporta. Os últimos dois dígitos referem-se ao número da imagem dentro da série anterior. Por exemplo: CR_NSP_HTCR0201_1_0101. É idêntico ao número de inventário, mas termina no espaço. Separado o primeiro 1 refere-se à parede, o 01 à secção e o 01 seguinte à sequência de imagens dentro dessa secção. No caso das fotografias do revestimento da nave, capela-mor e capela baptismal, optámos por não organizar por paredes, mas sim por vistas gerais, o que explica que todas elas tenham um 00, que indica tratar-se de imagens gerais e não específicas: CR_NSP_HTCR02010001.

Paralelamente, foram elaboradas notas histórico-artísticas sucintas referentes aos imóveis e espaços, remetendo para os inventários de cariz arquitetónico já existentes, como é o caso do SIPA, de forma a não duplicar trabalho, mas privilegiando uma redação em que o azulejo ganha protagonismo e se assume como o fio condutor. O revestimento azulejar mereceu, naturalmente, uma descrição aprofundada, que tem em conta o enquadramento dos azulejos na arquitetura, a sua articulação com o espaço e a ligação com outros elementos artísticos, fazendo e organizando o texto por paredes e por níveis de leitura, seguindo a metodologia do Guia “(...)o inventário deve ser efectuado parede a parede: quando se entra num determinado espaço, a primeira parede é a que fica à esquerda e a última a que corresponde à entrada.”; “O revestimento deve ser lido, verticalmente, por níveis (de baixo para cima) e, horizontalmente, por secções (da esquerda para a direita), que podem corresponder a secções figurativas, ornamentais ou a áreas de padrão.”¹²⁵

Um dos aspetos mais significativos deste trabalho relacionou-se com as questões de catalogação que, no conjunto dos revestimentos cerâmicos, se inscrevem em duas tipologias – padrão e figuração.

¹²⁵ CARVALHO, Rosário Salema de; PAIS, Alexandre; FIGUEIREDO, Ana Paula, Guia de Inventário de azulejo In Situ, versão I, Outubro de 2014, p. 12 e 13. Disponível em: http://redeazulejo.fl.ul.pt/multimedia/File/guia_inventario_v1.pdf

Relativamente aos padrões, que encontramos na Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, procedeu-se à catalogação com base na obra de Santos Simões¹²⁶ e no projeto *Catalogação de padrões da azulejaria portuguesa*, ferramenta de trabalho disponível no *Az Infinitum* e à qual o inventário de património *in situ* se liga, e à identificação dos emolduramentos como as barras e os frisos, indicando a sua localização.

No caso dos painéis que estavam nas enfermarias do Hospital Termal, e que atualmente se encontram no Museu do Hospital e das Caldas, foi utilizado o ICONCLASS – Sistema de Classificação para Conteúdos Culturais, que é uma ferramenta científica utilizada na descrição de assuntos representados em imagens, pinturas e fotografias, utilizado por museus e instituições artísticas (<http://www.iconclass.org/>). Procurou-se o tema de cada painel, que depois foi complementado por um texto ou pela transcrição das legendas inscritas nos próprios azulejos.

A vantagem da utilização deste género de catalogação consiste na eficácia das pesquisas, pois ao procurarmos no *Az Infinitum* por 11H (JOHN OF GOD) 52- São João de Deus lavando os pés a Cristo, significa que apenas vão aparecer imagens de São João de Deus lavando os pés a Cristo, os resultados são apenas referentes à pesquisa e não a vários outros. Por outro lado, um dia que o *Az Infinitum* tenha mais dados, será possível, por exemplo, analisar de forma eficaz as representações em azulejo de São João de Deus 11H (JOHN OF GOD) 52.

Outros campos mais “tradicionais” num inventário foram também contemplados. Quanto ao campo das autorias, este é utilizado para a identificação dos intervenientes envolvidos na conceção da obra, fossem estes os autores, os pintores os oleiros ou os azulejadores. Neste campo também se inclui a referência ao facto de a obra ser assinada, documentada ou atribuída. No nosso caso, relativamente aos seis painéis historiados que estão no Museu do Hospital e das Caldas temos como autor António Rodrigues, que era ladrilhador, e esta informação surgiu-nos através da documentação. Quanto à Tábua do Almoxarife temos como seu autor Gabriel del Barco, a quem tem vindo a ser atribuída a pintura, por vários autores, como Cristina Horta, Nicolau Borges, José Meco e Vítor Serrão. Em ambos os casos, ao carregar sobre os nomes dos autores somos

¹²⁶ SIMÕES, João Miguel dos Santos, *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI*. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1969; SIMÕES, João Miguel dos Santos, *Azulejaria em Portugal no século XVII*. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971; SIMÕES, João Miguel dos Santos, *Azulejaria em Portugal no século XVIII*, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

reencaminhados para as respectivas biografias, que ficam também enriquecidas com esta contribuição.

No campo da cronologia procurou-se disponibilizar as informações relativas à data ou o período correspondente às várias fases da obra como a conceção, execução, aplicação ou intervenções posteriores, como se pode verificar, em particular na ficha da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo que refere as intervenções da DGEMN. Procurou-se, que a cada informação correspondesse a uma data e que esta fosse o mais detalhada possível com recurso à bibliografia.

No que diz respeito a áreas mais técnicas, no campo dos materiais foi dada informação relativa à composição dos revestimentos. Quanto ao campo das técnicas deu-se informações relativas à manufatura do azulejo e no campo das cores indicou-se a cor dos respetivos azulejos. Por fim, no campo dos inventariantes, indicou-se as pessoas responsáveis pelo preenchimento das fichas de inventário e fichas de inventário relacionadas.

Por fim, importa destacar que, tal como fomos referindo, que todo este conjunto de informação se relaciona entre si, permitindo cruzar informação. Foi esta sistematização da informação que contribuiu de forma decisiva para escrever o capítulo anterior sobre a história e as intervenções ocorridas nos Azulejos do Hospital Termal.

3.3 InPatrimonium

De seguida apresentamos as fichas *Inpatrimonium*, e os printscreens do *Az Infinitum* com o objetivo de ilustrar o resultado final deste trabalho de inventário.

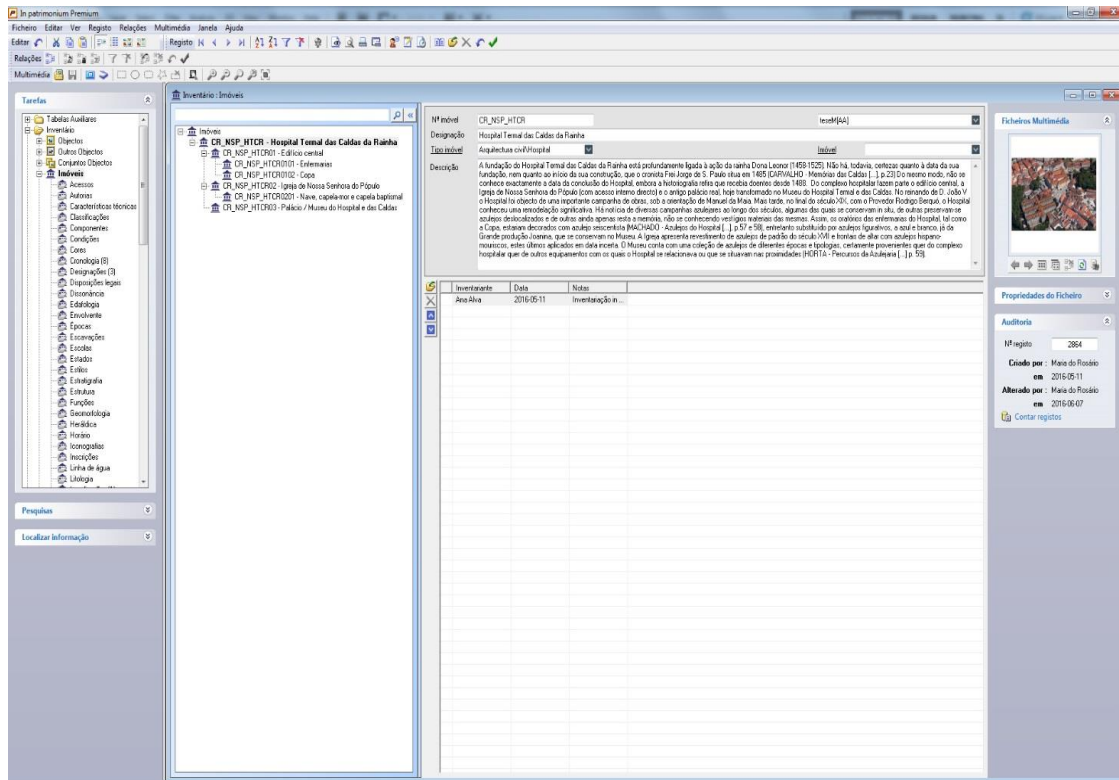


Figura 1- Vista geral do módulo IMÓVEL, com visão hierárquica em “árvore”

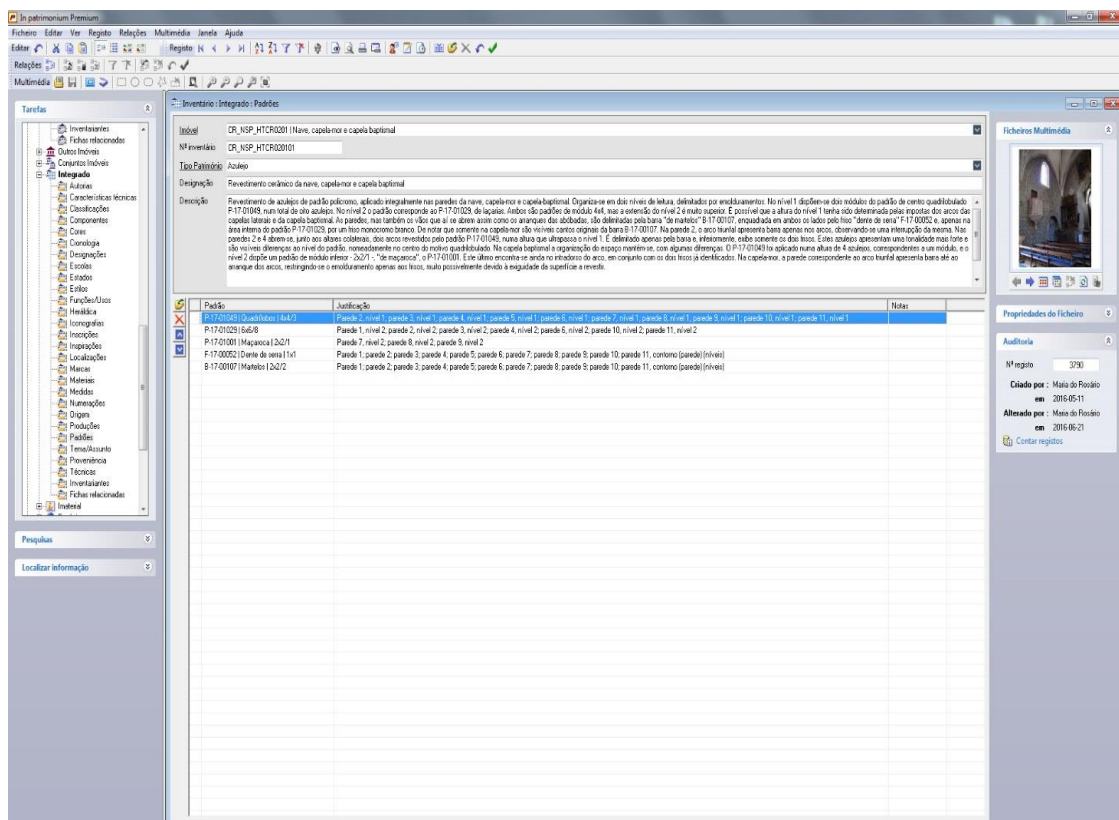



Figura 2- Vista geral do módulo INTEGRADO

05-09-2016 15:33:46

Inventário : Imóveis

Azulejo

Nº imóvel	CR_NSP_HTCR	
Designação	Hospital Termal das Caldas da Rainha	
Tipo imóvel	Arquitectura civil\Hospital	
Imóvel		
Descrição	<p>A fundação do Hospital Termal das Caldas da Rainha está profundamente ligada à ação da rainha Dona Leonor (1458-1525). Não há, todavia, certezas quanto à data da sua fundação, nem quanto ao início da sua construção, que o cronista Frei Jorge de S. Paulo situa em 1485 (CARVALHO - Memórias das Caldas [...], p.23) Do mesmo modo, não se conhece exactamente a data da conclusão do Hospital, embora a historiografia refira que recebia doentes desde 1488. Do complexo hospitalar fazem parte o edifício central, a Igreja de Nossa Senhora do Pópulo (com acesso interno directo) e o antigo palácio real, hoje transformado no Museu do Hospital Termal e das Caldas. No reinado de D. João V o Hospital foi objecto de uma importante campanha de obras, sob a orientação de Manuel da Maia. Mais tarde, no final do século XIX, com o Provedor Rodrigo Berquó, o Hospital conheceu uma remodelação significativa. Há notícia de diversas campanhas azulejares ao longo dos séculos, algumas das quais se conservam in situ, de outras preservam-se azulejos deslocados e de outras ainda apenas resta a memória, não se conhecendo vestígios materiais das mesmas. Assim, os oratórios das enfermarias do Hospital, tal como a Copa, estariam decorados com azulejo seiscentista (MACHADO - Azulejos do Hospital [...], p.57 e 58), entretanto substituído por azulejos figurativos, a azul e branco, já da Grande produção Joanina, que se conservam no Museu. A Igreja apresenta revestimento de azulejos de padrão do século XVII e frontais de altar com azulejos hispano-mouriscos, estes últimos aplicados em data incerta. O Museu conta com uma coleção de azulejos de diferentes épocas e tipologias, certamente provenientes quer do complexo hospitalar quer de outros equipamentos com os quais o Hospital se relacionava ou que se situavam nas proximidades (HORTA - Percursos da Azulejaria [...] p. 59).</p>	

Informação específica

Cronologia					
Data inicial	Data final	Época	Data textual	Parte descrita	Justificação
1490-00-00	1510-00-00	Cerâmica\Século XV e XVI [final e início] \Hispano-mourisco	c. 1500	Revestimento - Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, frontais de altar	Atribuído
1658-00-00	1659-00-00	Cerâmica\Século XVII\Segunda metade\Azulejaria de padrão		Revestimento - edifício central, oratórios das enfermarias; Igreja de Nossa Senhora do Pópulo	Documentado - "Despenseo mais o p.e Almox.e semto E sessenta mil r?s por compra de azulejo com que se azulejou a Igreja e os oratorios das enfermarias, E capella da pia da ditta Igreja" (MACHADO - Azulejos do Hospital [...], p. 57)
1667-00-00	1668-00-00			Revestimento - copa e enfermaria das mulheres	Documentado - "Despenseo mais o p.e Almx.e setecentos e sesenta rs por compra de canastras em que vejo o azulejo do painel da copa" (MACHADO - Azulejos do Hospital [...], p. 58); "Despenseo mais o p.e Almx.e trinta E noue mil setesentos E oitenta rs por compra de tres mil quinhentos azulejos cõ alizares E do painel da Copa de azulejo pera a enfermaria descima das mulheres E pera toda a Caça da Copa" (MACHADO - Azulejos do Hospital [...], p. 58)
1678-00-00	1679-00-00	Cerâmica\Século XVII\Segunda metade		Revestimento - enfermarias "de baixo das mulheres", na "dos Religiosos", na "dos homens" e na escada	Documentado - "Despenseo mais o dto. P.e Almx.e trinta e dous mil e quatrocentos Reis com tres Azulejadores que assentaram ... os azulejos... da enfermaria de baixo das mulheres e a escada e a enfermaria dos Religiosos e dos homens" (MACHADO - Azulejos do Hospital [...], p. 58)
1710-00-00	1719-00-00	Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Ciclo dos Mestres	171?	Revestimento - copa	Atribuído - entre 1710 e 1719 terá decorrido uma importante obra na copa, data coincidente com o ano de 171? patente na Tábua do Almojarife, ao qual falta o último dígito
1747-00-00	1750-00-00	Cerâmica\Século XVIII\Primeira metade\Grande Produção Joanina		Revestimento - enfermarias	Atribuído - Os painéis de Nossa Senhora do Pópulo, S. Pedro, S. Camilo de Lélis, Santa Isabel, Santa Clara de Assis, Santo Amaro e São João de Deus terão sido aplicados entre 1747-1750, fazendo parte do projecto implementado por Manuel da Maia e sob a execução do empreiteiro Manuel Martins (MACHADO - Azulejos do Hospital [...], p.27)
1949-00-00	1951-00-00	Cerâmica\Século XX		Revestimento - Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, intervenção de restauro da DGEMN	Documentado - em cartas, ofícios e memórias descritivas dos trabalhos efectuados (ver ficha referente à igreja para cronologia detalhada da intervenção)
1967-00-00	1981-00-00	Cerâmica\Século XX		Revestimento - Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, intervenção de restauro da DGEMN	Documentado - em cartas, ofícios e medições dos trabalhos efectuados (ver ficha referente à igreja para cronologia detalhada da intervenção)

Designações		
Tipo designa.	Designação	Justificação
Comum	Hospital de Nossa Senhora do Pópulo	
Histórica	Real Hospital das Caldas da Rainha	
Histórica	Hospital Termal Rainha D. Leonor (Centro Hospitalar Caldas da Rainha)	

Localizações												
Local administ.	Topónimo	Morada	Data	Geo Datum	Método	Códi SIG	Coord. Geo. X	Coord. Geo. Y	Coord. Plana X	Coord. Plana Y	Coord. Plana Z	Ambiente
Portugal/Leiria/Caldas da Rainha/Nossa Senhora do Pópulo	Caldas da Rainha	Caldas da Rainha, Largo Rainha D. Leonor	11-05-2016				39.4051287	-9.130909400000064				

Inventariantes	
Inventariante	Data
Ana Alva	11-05-2016

Notas: Inventariação in situ, investigação e descrição no âmbito da tese - Património Azulejar do Hospital Termal das Caldas da Rainha

Fichas relacionadas				
Tipo de ficha	Dados da ficha	Inf. específica	Dados Inf. específica	Tipo relação
Todas Entidades	Ana Alva	Inventariantes	Ana Alva 2016-05-11	

Notas: (directa - Inventariantes)

Ficheiros CR_HTCR0001 | R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_HTCR0001.jpg |

Monografia Referência bibliográfica

Monografia Referência bibliográfica

Monografia Referência bibliográfica

Ficheiros multimédia: Informação genérica




cr_htcr0001.jpg

Figura 3- Ficha do imóvel - Hospital Termal das Caldas da Rainha

05-09-2016 15:36:34

Inventário : Imóveis

Azulejo

Nº imóvel	CR_NSP_HTCR01	
Designação	Edifício central	
Tipo imóvel		
Imóvel	CR_NSP_HTCR - Hospital Termal das Caldas da Rainha	
Descrição	<p>Construído ao tempo da Rainha D. Leonor (1458-1525), numa janela cronológica pouco definida mas que se situaria, sensivelmente, entre 1485 e 1488, o edifício central organizava-se em dois pisos e a sua fachada abrir-se-ia para um largo. Muito embora não existam dados seguros que permitam avançar com a reconstituição da planta original (CARVALHO - Memórias das Caldas [...], p.33), sabe-se que, nestes anos iniciais, o Hospital teria a capacidade de receber cento e dez camas e existiam enfermarias para mulheres, para homens e outra para religiosos. Para além destes espaços contava-se ainda uma sala, a copa, a botica, a rouparia, a casa de despensa e arrumação de combustível, de géneros alimentares e utensílios. A piscina das mulheres situar-se-ia no lado norte junto à enfermaria das mesmas. A piscina dos homens situar-se-ia no lado sul junto à enfermaria respectiva. O edifício foi objecto de significativas alterações ao longo do tempo, sobretudo no contexto das obras levadas a cabo por Manuel da Maia, no reinado de D. João V (1706-1750).</p>	

Informação específica

Inventariantes	
Inventariante	Data
Ana Alva	11-05-2016

Notas: Inventariação in situ, investigação e descrição no âmbito da tese - Património Azulejar do Hospital Termal das Caldas da Rainha

Fichas relacionadas				
Tipo de ficha	Dados da ficha	Inf. específica	Dados Inf. específica	Tipo relação
Todas Entidades	Ana Alva	Inventariantes	Ana Alva 2016-05-11	

Notas: (directa - Inventariantes)

Ficheiros CR_HTCR010001 |
R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR01\CR_HTCR010001.JPG |

Monografia

Referência bibliográfica

Ficheiros multimédia: Informação genérica



Figura 4- Ficha do imóvel - Edifício Central

05-09-2016 15:37:08

Inventário : Imóveis

Azulejo

Nº imóvel	CR_NSP_HTCR0101
Designação	Enfermarias
Tipo imóvel	
Imóvel	CR_NSP_HTCR01 - Edifício central
Descrição	Apesar da documentação não permitir reconstituir com exactidão a planta primitiva do edifício, os relatos conhecidos indicam que as enfermarias das mulheres e dos homens entrevados se encontrariam numa posição contígua à Igreja, para que estes pudessem assistir ao ofício divino. Do lado norte situar-se-ia a enfermaria das mulheres, do lado sul a dos homens (FERRARI e CORREIA - O Hospital Termal das Caldas da Rainha [...], p.10). Na sequência das intervenções de que o Hospital foi objecto, as enfermarias dos entrevados continuaram a ser piso térreo e com acesso directo à piscina. O piso superior estaria destinado às enfermarias femininas, masculinas e para os religiosos. As enfermarias conheceram vários revestimentos azulejares, em particular, nos oratórios / retábulos que existiam em cada uma delas, ao longo dos anos.

**Informação específica**

Inventariantes	
Inventariante	Data
Ana Alva	07-06-2016

Notas: Inventariação in situ, investigação e descrição no âmbito da tese - Património Azulejar do Hospital Termal das Caldas da Rainha

Fichas relacionadas				
Tipo de ficha	Dados da ficha	Inf. específica	Dados Inf. específica	Tipo relação
Todas Entidades	Ana Alva	Inventariantes	Ana Alva 2016-06-07	

Notas: (directa - Inventariantes)

Ficheiros imovel_inexistente | R:\FOTOS_inpatrimonium\icones\imovel_inexistente.jpg |

Integrado CR_NSP_HTCR010101 | Revestimento cerâmico das enfermarias | CR_NSP_HTCR0101 | Enfermarias | Azulejo |

Notas: (directa)

Monografia	Referência bibliográfica
Monografia	Referência bibliográfica

Ficheiros multimédia: Informação genérica



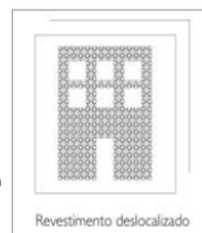
Figura 5- Ficha do imóvel - Enfermarias

Inventário : Integrado

05-09-2016 15:42:36

Azulejo

Imóvel	CR_NSP_HTCR0101 Enfermarias
Nº Inventário	CR_NSP_HTCR010101
Tipo Património	Azulejo
Designação	Revestimento cerâmico das enfermarias
Descrição	De acordo com a documentação subsistente, as enfermarias receberam diversos revestimentos em azulejo, desde a segunda metade do século XVII até meados da centúria seguinte (MACHADO - Azulejos do Hospital [...], p. 57 e 58), aplicados nos seus oratórios/retábulos. Estes tiveram azulejos idênticos aos da Igreja, dos quais restam exemplares no Museu, tendo sido retirados no contexto das reformas de D. João V (MACHADO - Azulejos do Hospital, p. 19), conservando-se, ainda, no espólio do Museu do Hospital e das Caldas, os painéis com representações de Nossa Senhora do Pópulo, Santa Isabel, Santa Clara de Assis, São Pedro, São Camilo de Lélis, Santo Amaro e São João de Deus, certamente executados no contexto da renovação ocorrida entre 1747 e 1750. De acordo com Nicolau Borges, as enfermarias dispunham de pequenos oratórios com os respectivos retábulos padronizados: um pequeno altar, em local de destaque, na referida enfermaria, composto por um crucifixo e por um painel de Nossa Senhora do Pópulo, nalguns casos em suporte azulejar. Noutros casos mantinha-se o figurino do crucifixo, mas o painel passava a ser da invocação do santo ou santa, patrono da enfermaria, como se pode constatar pelo inventário de 1660." (BORGES - O Hospital Termal de Caldas [...], p. 16).



Revestimento deslocalizado

Informação específica

Autorias	
Autor	Tipo autoria
RODRIGUES, António	Ladrihador

Documentado - Cópia de uma carta de Manuel da Maia em que se refere o nome do mestre ladrihador de Lisboa António Rodrigues, ligado assim à obra do Hospital (AHCH - Livro de memorias Pertencentes á Reedificação da Obra deste Hosp.al Real (...), fl. 84, 86v., 110, 111, 111v, transcrito por MACHADO - Azulejos do Hospital, p. 59)

Classificações	
Classificação	Justificação
Revestimento cerâmico/figurativo	

Cores	
Cor	Parte descrita
Branco	Vidrado
Azul	Pintura

Cronologia					
Data inicial	Data final	Época	Data textual	Parte descrita	Justificação
1658-00-00	1659-00-00	Cerâmica/Século XVII\Segunda metade		Revestimento	Documentado - "Despendeo mais o p.e Almx.e semto E sessenta mil rs por compra de azulejo com que se azulejou a Igreja e os oratorios das enfermarias, E capella da pia da ditaa Igreja" (MACHADO - Azulejos do Hospital [...], p. 57)
1667-00-00	1668-00-00	Cerâmica/Século XVII\Segunda metade		Revestimento	Documentado - "Despendeo mais o p.e Almx.e setecentos e sesemta rs por compra de canastras em que vejo o azulejo do painel da copa" (MACHADO - Azulejos do Hospital [...], p. 58); "Despendeo mais o p.e Almx.e trinta E nove mil setesentos E oitenta rs por compra de tres mil quinhentos azulejos cô alizares E do painel da Copa de azulejo pera a enfermaria descima das mulheres E pera toda a Caza da Copa" (MACHADO - Azulejos do Hospital [...], p. 58)
1678-00-00	1679-00-00	Cerâmica/Século XVII\Segunda metade		Revestimento	Documentado - "Despendeo mais o dto. P.e Almx.e trinta e dous mil e quatrocentos Reis com tres Azulejadores que assentaram ... os azulejos... da enfermaria de baixo das mulheres e a escada e a enfermaria dos Religiosos e dos homens" (MACHADO - Azulejos do Hospital [...], p. 58)
<p>A documentação refere os gastos de forma descriminada: adquiriram-se 4500 azulejos para as enfermarias por 40 500 réis, custando o milheiro 9 000 réis; 2 500 réis por 50 alizares, a 50 réis cada um; as seiras e as cordas onde vieram os azulejos custaram 4 000 réis; o carreto das seiras, o azulejador até à Ribeira importou 17 00 réis; o frete do barco até à Azambuja e os oficiais custaram 4 000 réis; tirar o azulejo do barco e transportá-lo em carros até à vila custou mais 800 réis; no mês de Janeiro houve que transportar, em 3 carros, da Azambuja até à vila, o que totalizou 8 100 réis; alugaram-se quatro bestas, por não haver carros, para transportar mais um milheiro de azulejo, custando cada uma 11 réis, somando mais 4 400 réis; alugaram-se mais 3 bestas para trazer 3 azulejadores para fazerem a obra, num total de 3 400 réis; os 3 azulejadores que trabalharam na enfermaria de baixo das mulheres, nas escadas, na enfermaria dos religiosos e na dos homens, custaram 32 400 réis; os oficia</p>					
1747-00-00	1750-00-00	Cerâmica/Século XVIII\Primeira metade\Grande Produção Joanina		Revestimento	Atribuído - os painéis de Nossa Senhora do Pópulo, São Pedro, São Camilo de Lélis, Santa Isabel, Santa Clara de Assis, Santo Amaro e São João de Deus terão sido aplicados entre 1747-1750, fazendo parte do projecto implementado por Manuel da Maia e sob a execução do empreiteiro Manuel Martins (MACHADO - Azulejos do Hospital [...], p.27)
<p>Refere-se a aplicação de ladrilhos entre os vãos das janelas da Enfermaria nova, em cima do Hospital dos Peregrinos; e a 21 de Julho de 1748 o alizar da Enfermaria dos Frades e da parede Norte (AHCH - Livro de memorias Pertencentes á Reedificação da Obra deste Hosp.al Real (...), fl. 84, 86v., 110, 111, 111v, transcrito por MACHADO - Azulejos do Hospital, p. 59)</p>					
11-09-1747	11-09-1747	Cerâmica/Século XVIII\Primeira metade\Grande Produção Joanina		Revestimento	Documentado - Cópia de uma carta de Manuel da Maia em que se refere o nome do mestre ladrihador de Lisboa António Rodrigues, ligado assim à obra do Hospital (AHCH - Livro de memorias Pertencentes á Reedificação da Obra deste Hosp.al Real (...), fl. 84, 86v., 110, 111, 111v, transcrito por MACHADO - Azulejos do Hospital, p. 59)

Iconografias			
Tipo iconog.	Descrição	Localização	
1 - Religião e Magia\11 - Religião cristã\11F - Virgem Maria\11F6 - Nossa Senhora (i.e. Maria com o Menino) acompanhada ou envolta por outros\11F62 - tipos específicos de Nossa Senhora com outros	Legenda: "N.S DO POPULO"		
1 - Religião e Magia\11 - Religião cristã\11H - santos\11HH(...) - santas femininas\11HH(CLARE) - virgem e fundadora da Ordem das Clarissas Menores ou Pobres, Clara de Assis, possíveis atributos: livro, cruz, chifre ardente, lírio, ostensório, palma, báculo pastoral, rosário\11HH(CLARE)6 - martírio, sofrimento, infortúnio, morte de Santa Clara\11HH(CLARE)68 - leito de morte de Santa Clara: freiras, mártires femininas e o papa com cardeais podem estar presentes	Legenda: "S. CLARA ENFERMA DEPOIS DE TER RECEBIDO O S./ VIATICO FOI VIGITADA E ASVLIDA PELO SVMO PON=/ TIFICE INVCENCIO 4º"		
1 - Religião e Magia\11 - Religião cristã\11H - santos\11HH(...) - santas femininas\11HH(ELISABETH OF PORTUGAL) - Isabel, mulher e viúva do Rei de Portugal e terciária Franciscana, possíveis atributos: coroa, rosas, véu, jarra de vinho\11HH(ELISABETH OF PORTUGAL)5 - Isabel, mulher e viúva do Rei de Portugal e terciária Franciscana, possíveis atributos: coroa, rosas, véu, jarra de vinho - actividades miraculosas e acontecimentos - santas femininas	Legenda: "S. ISABEL DANDO FOLRES AOS OFISIAIS/ E SE LHE CONVERTERAM EM DOR/RIS"		
7 - Bíblia\73 - Novo Testamento\73F - vidas e actos dos apóstolos de Cristo, epístolas\73F2 - vidas e actos dos apóstolos (parte I)\73F21 - vida e actos de Pedro\73F212 - milagres de Pedro (por vezes em cooperação com outros)\73F2122 - uma multidão de doentes curados por Pedro e por outros discípulos (Actos 5, 12-16)	Legenda: "S. PEDRO CORANDO OS ENFERMOS"		
1 - Religião e Magia\11 - Religião cristã\11H - santos\11H(...) - santos masculinos	Legenda: "S. CAMILO DE LELLIS"		
Notas: São Camilo de Lellis			
1 - Religião e Magia\11 - Religião cristã\11H - santos\11H(...) - santos masculinos	Legenda: "S.AMARO LIVRANDO A PLACIDO DE SE AFOGAR"		
Notas: Santo Amaro			
1 - Religião e Magia\11 - Religião cristã\11H - santos\11H(...) - santos masculinos\11H(JOHN OF GOD) - João de Deus de Granada, fundador da ordem dos Irmãos Hospitalários, possíveis atributos: pedintes, criança, caixa de esmolas, coroa de espinhos, crucifixo, romã (com cruz), pessoas doentes\11H(JOHN OF GOD)5 - milagres e actividades miraculosas - São João de Deus\11H(JOHN OF GOD)52 - São João de Deus lavando os pés de Cristo	Legenda: "S.JOÃO DE DEUS LAVANDO / OS PES A CHRISTO S.N EM FIGURA DE POBRE Q. SE DEOA CONHECER / PELO RESPALDOR DE HUMA SVA CHAGAS"		

Localizações			
Tipo localiz.	Local habitual	Data localização	Localização
Interior	Sim		

Materiais		
Tipo material	Cor	Parte descrita
Matéria transformada\Produto cerâmico\Faiança		Azulejo

Proveniência					
Tipo proven.	Entidade	Local	Data	Atribuição	Justificação
Alteração de localização	Museu do Hospital e das Caldas	[original] - enfermarias / [actual] - exposição permanente			

Técnicas		
Técnica	Parte descrita	Justificação
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre	Azulejo	

Inventariantes	
Inventariante	Data
Ana Alva	07-06-2016

Notas: Inventariação in situ, investigação e descrição no âmbito da tese - Património Azulejar do Hospital Termal das Caldas da Rainha

Fichas relacionadas				
Tipo de ficha	Dados da ficha	Inf. específica	Dados inf. específica	Tipo relação
Todas Entidades	António Rodrigues	Autorias	RODRIGUES, António Ladrilhador	
Notas: (directa - Autorias)				
Todas Entidades	Museu do Hospital e das Caldas	Proveniência	Alteração de localização Museu do Hospital e das Caldas [original] - enfermarias / [actual] - exposição permanente	
Notas: (directa - Proveniência)				
Ficheiros	revestimento_deslocalizado R:\FOTOS_inpatrimonium\icones\revestimento_deslocalizado.jpg			

Ficheiros	CR_NSP_HTCR0101_0101 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR01\CR_NSP_HTCR0101\CR_NSP_HTCR0101_0101.JPG	Iconografias	1 - Religião e Magia\11 - Religião cristã\11F - Virgem Maria\11F6 - Nossa Senhora (i.e. Maria com o	
Ficheiros	CR_NSP_HTCR0101_0201 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR01\CR_NSP_HTCR0101\CR_NSP_HTCR0101_0201.jpg	Iconografias	1 - Religião e Magia\11 - Religião cristã\11H - santos\11HH(...) - santas femininas\11HH (CLARE) - vi	
Ficheiros	CR_NSP_HTCR0101_0401 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR01\CR_NSP_HTCR0101\CR_NSP_HTCR0101_0401.jpg	Iconografias	7 - Bíblia\73 - Novo Testamento\73F - vidas e actos dos apóstolos de Cristo, epístolas\73F2 - vidas	
Ficheiros	CR_NSP_HTCR0101_0501 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR01\CR_NSP_HTCR0101\CR_NSP_HTCR0101_0501.JPG	Iconografias	1 - Religião e Magia\11 - Religião cristã\11H - santos\11H(...) - santos masculinos	
Ficheiros	CR_NSP_HTCR0101_0601 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR01\CR_NSP_HTCR0101\CR_NSP_HTCR0101_0601.jpg	Iconografias	1 - Religião e Magia\11 - Religião cristã\11H - santos\11H(...) - santos masculinos	
Ficheiros	CR_NSP_HTCR0101_0701 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR01\CR_NSP_HTCR0101\CR_NSP_HTCR0101_0701.jpg	Iconografias	1 - Religião e Magia\11 - Religião cristã\11H - santos\11H(...) - santos masculinos\11H (JOHN OF GOD)	
Imóveis	CR_NSP_HTCR03 Palácio / Museu do Hospital e das Caldas	Proveniência		
Imóveis	CR_NSP_HTCR0101 Enfermarias			
Notas: (directa)				
Monografia				Referência bibliográfica
Monografia				Referência bibliográfica

Ficheiros multimédia: Informação genérica



Ficheiros multimédia: Informação específica

Iconografias			
cr_nsp_htcr0101_0101.jpg	cr_nsp_htcr0101_0401.jpg	cr_nsp_htcr0101_0501.jpg	cr_nsp_htcr0101_0201.jpg
cr_nsp_htcr0101_0601.jpg	cr_nsp_htcr0101_0701.jpg		

Figura 6 – Ficha do integrado – Enfermarias

05-09-2016 15:37:39

Inventário : Imóveis

Azulejo

Nº imóvel	CR_NSP_HTCR0102
Designação	Copa
Tipo imóvel	
Imóvel	CR_NSP_HTCR01 - Edifício central
Descrição	Ainda durante a regência de D. Pedro, há notícia, em 1668, de trabalhos na Copa que incluíam pagamentos de azulejos. Entre 1710 e 1719 terá decorrido nova intervenção neste espaço. Destas diferentes campanhas que incluem azulejo, apenas se conserva o painel intitulado "Tábua do Almojarife", havendo ainda referência a um outro representando a "Vida de Nossa Senhora do Pópulo", do qual subsistem azulejos dispersos no acervo do Museu (MACHADO - Azulejos do Hospital [...], p. 21). No entanto, Nicolau Borges refere que o painel de Nossa Senhora do Pópulo deveria ser para a enfermaria de cima das mulheres (BORGES - O Hospital Termal de Caldas [...], p.). /// NOTA: no contexto da preparação da exposição de azulejos do Hospital, foi realizado, em 1985, um longo trabalho de reconstituição dos painéis, que ainda se concluiu (HORTA - Percursos da azulejaria [...], p.).



Informação específica

Inventariantes

Inventariante	Data
Ana Alva	07-06-2016

Notas: Inventariação in situ, investigação e descrição no âmbito da tese - Património Azulejar do Hospital Termal das Caldas da Rainha

Fichas relacionadas

Tipo de ficha	Dados da ficha	Inf. específica	Dados Inf. específica	Tipo relação
Ficheiros	imovel_inexistente R:\FOTOS_inpatrimonium\icones\imovel_inexistente.jpg			

Integrado CR_NSP_HTCR010201 | Tábua do Almojarife | CR_NSP_HTCR0102 | Copa | Azulejo |

Notas: (directa)

Monografia	Referência bibliográfica
Monografia	Referência bibliográfica
Monografia	Referência bibliográfica

Ficheiros multimédia: Informação genérica



Figura 7- Ficha do imóvel - Copa

05-09-2016 15:43:20

Inventário : Integrado

Azulejo

Imóvel	CR_NSP_HTCR0102 Copa
Nº inventário	CR_NSP_HTCR010201
Tipo Património	Azulejo
Designação	Tábua do Almoxarife
Descrição	<p>Painel de azulejos, em tons de azul e branco, que deveria medir 12x18 azulejos mas que se encontra incompleto, com vários exemplares em falta. Representa, ao centro, uma Tábua do Almoxarife, ou seja, a relação entre o número de doentes (na coluna da esquerda) e "(...) o algoritmo da multiplicação de três quartas de carneiro de ração (...)" (MACHADO - Azulejos do Hospital, p. 24) (à direita) a distribuir ao jantar a cada doente do Hospital, funcionando como um útil documento de administração hospitalar. Esta tábua fazia parte de um conjunto de oito que, originalmente, teria sido em madeira e, só mais tarde, em azulejo (MACHADO - Azulejos do Hospital, p. 23). As restantes calculavam "(...) os gastos que faziam em cada ano com o «carneiro», a «galinha», as «padas de pão aluio», as «padas de Rolão no tempo da cura e das camizas», com o que se «dá de mais a mais nas quatro festas no tempo da cura», com as «pessoas a quem se dão Pitanças nas festas do Natal e Páscoa, e quinta-feira maior», com os «ordenados do trigo» e com as «velhas bentas» dadas a pessoas para a festa de Nossa Senhora das Candeias" (MACHADO - Azulejos do Hospital, p. 24). Esta tábua inscreve-se numa estrutura arquitectónica simulada, com embasamento, pilastras laterais e entablamento, destacando-se, neste último, o brasão de armas de D. Pedro II. Inferiormente, o embasamento apresenta figuras infantis e, em cada uma das pilastras figuras femininas alusivas à caridade (esquerda) e ao trabalho (direita), complementadas por uma legenda inferior em letras maiúsculas - "[...] IDA / [...]E" e "LAB[...] / D[...]". Toda a composição exhibe ainda uma profusão de festões de flores. Abaixo da tábua, uma outra legenda, truncada, indica que "ESTA O [...] / "ANNO DE 171[...]", referindo-se certamente ao ano em que se fez esta obra e que deve ser balizada na segunda década do século XVIII. Todavia, é possível reconstituir a legenda: "ESTA OBRA MANDOU FAZER O P. [DA MED]S / A [...]", ou seja, "Esta obra mandou fazer o Provedor Sebastião da Madre de Deus. Ano de 1667" (MACHADO - Azulejos do Hospital, p. 36). Assim, conclui-se que a data de 171[...] é certamente posterior (os azulejos são de um outro azul), remontando o painel ao ano de 1667 indicado na documentação (MACHADO - Azulejos do Hospital, p. 36). Superiormente, lê-se a transcrição "TABOA DO [CA]RNEIRO Q? SE DÃ AOS ENF[ERM]OS AO IANTAR TRES QVARTAS ACADA hum de resam".</p>



Informação específica

Autorias	
Autor	Tipo autoria
BARCO, Gabriel del (1648-)	Pintor
<p>Atribuído - [1993] HORTA - As artes nas Caldas [...], p. ; [1998] BORGES - O Hospital Termal de Caldas [...], p. 85-86; [1998] MECO - Azulejos e Cerâmica [...], p. 112; [2003] SERRÃO- O Barroco [...], p. 123. ///</p> <p>NOTA: considerando a data apontada de 1667 (entendendo a de 171[?] como um acrescento posterior), esta atribuição perde fundamento pois Gabriel del Barco chegou a Portugal apenas em 1669. Nicolau Borges defende esta teoria porque admite que Barco pintou nestes anos os azulejos do Convento de Nossa Senhora da Assunção de Montemor-o-Novo, mas na verdade deveria referir-se ao convento de Arraiolos, de 1699-1700 (BORGES - O Hospital Termal de Caldas [...], p.)</p>	

Classificações	
Classificação	Justificação
Revestimento cerâmico\figurativo	

Cores	
Cor	Parte descrita
Branco	Vidrado
Azul	Pintura

Cronologia					
Data inicial	Data final	Época	Data textual	Parte descrita	Justificação

1667-00-00	1668-00-00	Cerâmica\Século XVII\Segunda metade\Azulejaria figurativa		Revestimento	Documentado - "Despendeo mais o p.e Almx.e setecentos e sesenta rs por compra de canastras em que vejo o azulejo do painel da copa" (MACHADO - Azulejos do Hospital [...], p. 58); "Despendeo mais o p.e Almx.e trinta e nove mil setecentos e oitenta rs por compra de tres mil quinhentos azulejos cõ alizares E do painel da Copa de azulejo pera a emfermaria descima das mulheres E pera toda a Caza da Copa" (MACHADO - Azulejos do Hospital [...], p. 58)
------------	------------	---	--	--------------	--

Notas: Encomenda do provedor Sebastião da Madre de Deus. A documentação refere os gastos de forma discriminada: 420 réis para o carreto de 21 carradas de areia para a cal dos azulejos; aquisição de 3500 azulejos com alizares para o painel da Copa, enfermaria de cima das mulheres e toda a Casa da Copa por 39 680 réis; 2 700 réis para a compra de materiais necessários à vinda do azulejo; 2 950 réis com os azulejadores de 3,5 braças de assentar o azulejo, sendo que cada braça custou 1 500 réis, na enfermaria e copa (e dos tijolos sobre os leitos), e da maioria do painel da Copa ("E poial da enfermaria E contos de hum caminho"); 8 870 réis com os carros que foram buscar o azulejo várias vezes, assim como com os barcos, grude e aluguer em "pouos da caza onde esteue"; 770 réis pela compra das canastras em que veio o painel da Copa (BPADL - Livro de Receitas e Despesas, de 1-7-1667 a 30-6-1668, fl. 180, transcrito por MACHADO - Azulejos do Hospital, p. 58)

Localizações			
Tipo localiz.	Local habitual	Data localização	Localização
Interior	Sim		

Materiais		
Tipo material	Cor	Parte descrita
Matéria transformada\Produto cerâmico\Faiança		Azulejo

Proveniência					
Tipo proven.	Entidade	Local	Data	Atribuição	Justificação
Alteração de localização	Museu do Hospital e das Caldas	[original] - copa / [actual] - exposição permanente			

Técnicas		
Técnica	Parte descrita	Justificação
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre		Azulejo

Inventariantes	
Inventariante	Data
Ana Alva	07-06-2016

Notas: Inventariação in situ, investigação e descrição no âmbito da tese - Património Azulejar do Hospital Termal das Caldas da Rainha

Fichas relacionadas				
Tipo de ficha	Dados da ficha	Inf. específica	Dados inf. específica	Tipo relação

Todas Entidades	Gabriel del Barco 1648	Autorias	BARCO, Gabriel del (1648-) Pintor	
-----------------	--------------------------	----------	-------------------------------------	--

Notas: (directa - Autorias)

Todas Entidades	Ana Alva	Inventariantes	Ana Alva 2016-06-07	
-----------------	----------	----------------	-----------------------	--

Notas: (directa - Inventariantes)

Todas Entidades	Museu do Hospital e das Caldas	Proveniência	Alteração de localização Museu do Hospital e das Caldas [original] - copa / [actual] - exposição permanente	
-----------------	--------------------------------	--------------	---	--

Notas: (directa - Proveniência)

Ficheiros	CR_NSP_HTCR0102_0101 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR01\CR_NSP_HTCR0102\CR_NSP_HTCR0102_0101.JPG			
-----------	--	--	--	--

Imóveis	CR_NSP_HTCR03 Palácio / Museu do Hospital e das Caldas	Proveniência	
---------	--	--------------	--

Imóveis	CR_NSP_HTCR0102 Copa		
---------	------------------------	--	--

Notas: (directa)

Monografia		Referência bibliográfica
------------	--	--------------------------

Monografia		Referência bibliográfica
------------	--	--------------------------


Monografia		Referência bibliográfica
------------	--	--------------------------

Monografia	Analítico de Monografias	Referência bibliográfica
Monografia		Referência bibliográfica

Ficheiros multimédia: Informação genérica



Figura 8 - Ficha do integrado - Copa

Nº imóvel	CR_NSP_HTCR02	
Designação	Igreja de Nossa Senhora do Pópulo	
Tipo imóvel	Arquitectura religiosa/Igreja	
Imóvel	CR_NSP_HTCR - Hospital Termal das Caldas da Rainha	
Descrição	A construção da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo remonta à Fundação do Hospital Termal, no último quartel do século XV, pela ação de D. Leonor (1458-1525). A bula papal de Alexandre VI, que confirma e autoriza a fundação da Igreja, data de 10 de Setembro de 1495. Muito embora alguns autores apresentem outras datas este tem vindo a ser o ano de referência para o início do templo, que estaria concluído cerca de 1500. As características tardo-góticas que apresenta são, muito provavelmente, resultado da influência das obras que ainda decorriam no Mosteiro da Batalha, sendo atribuída a sua construção e a do Hospital ao Mestre Mateus Fernandes. Ao longo dos tempos foi objeto de múltiplas intervenções, visíveis nas diferentes campanhas e apresenta características manuelinas, renascentistas, maneiristas, barrocas e neomanuelinas.	

Informação específica

Numerações		
Número	Tipo numera.	Data numeração
IPA.00001764	Sistema de Informação para o Património Arquitectónico [SIPA-IHRU]	11-05-2016

Notas: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1764

Inventariantes	
Inventariante	Data
Ana Alva	11-05-2016

Notas: Inventariação in situ, investigação e descrição no âmbito da tese - Património Azulejar do Hospital Termal das Caldas da Rainha

Fichas relacionadas				
Tipo de ficha	Dados da ficha	Inf. específica	Dados Inf. específica	Tipo relação
Todas	Ana Alva	Inventariantes	Ana Alva 2016-05-11	
Entidades				

Notas: (directa - Inventariantes)

Ficheiros	CR_NSP_HTCR020001 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR020001.JPG	
Ficheiros	CR_NSP_HTCR020003 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR020003.JPG	
Ficheiros	CR_NSP_HTCR020002 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR020002.JPG	
Monografia		Referência bibliográfica
Monografia		Referência bibliográfica
Monografia		Referência bibliográfica

Ficheiros multimédia: Informação genérica




Figura 9 - Ficha do imóvel - Igreja de Nossa Senhora do Pópulo

05-09-2016 15:38:49

Inventário : Imóveis

Azulejo

Nº imóvel	CR_NSP_HTCR0201	
Designação	Nave, capela-mor e capela baptismal	
Tipo imóvel		
Imóvel	CR_NSP_HTCR02 - Igreja de Nossa Senhora do Pópulo	
Descrição	<p>A Igreja desenvolve uma planta longitudinal, articulando a nave única e a capela-mor através do arco triunfal policêntrico, onde se expõe um tríptico representando o Calvário, a Crucificação e a Deposição, possivelmente foi oferecido pela Rainha D. Leonor no início do século XVI (SILVA - A Igreja de Nossa [...], p. 51). Ambos os espaços possuem abóbadas polinervadas estreladas, assentes nas mísulas que se observam nas paredes laterais e, entre as quais, se abrem diversos vãos de janelas e de acesso. O coro, em madeira, é suportado por três colunas de influência clássica. No sub-coro (parede 9) abre-se o arco de volta perfeita assente em pilastras, de acesso ao baptistério. Este, de planta quadrada, apresenta cúpula semiesférica decorada com a pomba do Espírito Santo e pia baptismal manuelina ao centro, assim como um vão de janela na parede fundeira. Encontra-se azulejo aplicado nos frontais de altar (dedicados a Santo Amaro e São Silvestre), com padrões hispano-mouriscos do início do século XVI, mas cuja data de aplicação se desconhece. É, todavia, a restante azulejaria, que reveste todas as paredes do templo, que mais caracteriza este interior. São padrões do século XVII, de módulos distintos, certamente aplicados entre 1658 e 1659, conforme indicam os registos documentais (BPALD - Livro de Receitas e Despesas 1/7/1658 a 30/6/1659, publicado por MACHADO - Azulejos do Hospital). Importa destacar que, a partir da década de 1930, o templo foi alvo de importantes campanhas de obras pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), com intervenção directa no azulejo, procedendo-se ao "assentamento de azulejo igual ao antigo" (http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1764).</p>	

Informação específica

Numerações		
Número	Tipo numera.	Data numeração
IPA.00001764	Sistema de Informação para o Património Arquitectónico [SIPA-IHRU]	11-05-2016

Notas: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1764

Inventariantes	
Inventariante	Data
Ana Alva	11-05-2016

Notas: Inventariação in situ, investigação e descrição no âmbito da tese - Património Azulejar do Hospital Termal das Caldas da Rainha

Fichas relacionadas				
Tipo de ficha	Dados da ficha	Inf. específica	Dados Inf. específica	Tipo relação
Todas Entidades	Ana Alva	Inventariantes	Ana Alva 2016-05-11	

Notas: (directa - Inventariantes)

Ficheiros CR_NSP_HTCR02010001 | R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010001.JPG |

Ficheiros CR_NSP_HTCR02010006 | R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010006.JPG |

Ficheiros CR_NSP_HTCR02010013 | R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010013.JPG |

Ficheiros CR_NSP_HTCR02010016 | R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010016.JPG |

Integrado CR_NSP_HTCR020101 | Revestimento cerâmico da nave, capela-mor e capela baptismal | CR_NSP_HTCR0201 | Nave, capela-mor e capela baptismal | Azulejo |

Notas: (directa)

Integrado CR_NSP_HTCR020102 | Frontais de altar | CR_NSP_HTCR0201 | Nave, capela-mor e capela baptismal | Azulejo |

Notas: (directa)

Monografia	Referência bibliográfica
Monografia	Referência bibliográfica

Ficheiros multimédia: Informação genérica




Figura 10 - Ficha do imóvel - Nave, capela-mor e capela baptismal

Inventário : Integrado

05-09-2016 15:43:57

Azulejo

Imóvel	CR_NSP_HTCR0201 Nave, capela-mor e capela baptismal	
Nº inventário	CR_NSP_HTCR020101	
Tipo Património	Azulejo	
Designação	Revestimento cerâmico da nave, capela-mor e capela baptismal	
Descrição	<p>Revestimento de azulejos de padrão policromo, aplicado integralmente nas paredes da nave, capela-mor e capela-baptismal. Organiza-se em dois níveis de leitura, delimitados por emolduramentos. No nível 1 dispõem-se dois módulos do padrão de centro quadrilobulado P-17-01049, num total de oito azulejos. No nível 2 o padrão corresponde ao P-17-01029, de laçarias. Ambos são padrões de módulo 4x4, mas a extensão do nível 2 é muito superior. É possível que a altura do nível 1 tenha sido determinada pelas impostas dos arcos das capelas laterais e da capela baptismal. As paredes, mas também os vãos que aí se abrem assim como os arranques das abóbadas, são delimitadas pela barra "de martelos" B-17-00107, enquadrada em ambos os lados pelo friso "dente de serra" F-17-00052 e, apenas na área interna do padrão P-17-01029, por um friso monocromo branco. De notar que somente na capela-mor são visíveis cantos originais da barra B-17-00107. Na parede 2, o arco triunfal apresenta barra apenas nos arcos, observando-se uma interrupção da mesma. Nas paredes 2 e 4 abrem-se, junto aos altares colaterais, dois arcos revestidos pelo padrão P-17-01049, numa altura que ultrapassa o nível 1. É delimitado apenas pela barra e, inferiormente, exibe somente os dois frisos. Estes azulejos apresentam uma tonalidade mais forte e são visíveis diferenças ao nível do padrão, nomeadamente no centro do motivo quadrilobulado. Na capela baptismal a organização do espaço mantém-se, com algumas diferenças. O P-17-01049 foi aplicado numa altura de 4 azulejos, correspondentes a um módulo, e o nível 2 dispõe um padrão de módulo inferior - 2x2/1 -, "de maçaroca", o P-17-01001. Este último encontra-se ainda no intradorso do arco, em conjunto com os dois frisos já identificados. Na capela-mor, a parede correspondente ao arco triunfal apresenta barra até ao arranque dos arcos, restringindo-se o emolduramento apenas aos frisos, muito possivelmente devido à exiguidade da superfície a revestir.</p> <p>NOTA: na parede 3 e nas áreas das paredes 2 e 4 que contactam com a primeira, observa-se a ausência de molduras no nível 1 e também no janelão central, o que pode indicar possíveis alterações posteriores à aplicação original do revestimento. Situação idêntica é visível nos vãos da parede 3, nível 2, apenas delimitados pelos frisos F-17-00052 e o monocromo branco; e ainda nos vãos e nólito da parede 4.</p>	

Informação específica

Classificações	
Classificação	Justificação
Revestimento cerâmico\de padrão	

Cores	
Cor	Parte descrita
Branco	Vidrado
Amarelo	Pintura
Azul	Pintura

Cronologia					
Data inicial	Data final	Época	Data textual	Parte descrita	Justificação
1658-00-00	1659-00-00	Cerâmica\Século XVII\Segunda metade\Azulejaria de padrão		Revestimento - encomenda e obra	Documentado - "Despenceo mais o p.e Almo.e semto E sessenta mil rs por compra de azulejo com que se azulejou a Igreja e os oratórios das enfermarias, E capella da pia da dita Igreja" (BPALD - Livro de Receitas e Despesas 1/7/1658 a 30/6/1659, referido por MACHADO - Azulejos do Hospital Termal [...], p. 57)
<p>Notas: A documentação refere os gastos de forma discriminada: os azulejos foram adquiridos por 160 000 réis; despenderam-se 24 500 réis com carros e fretes, sendo que o azulejo veio de Lisboa por mar e por terra; 67 000 réis com oficiais que assentaram o azulejo, tendo sido pagas ainda as "(...) brasas E de Comer"; 56 000 réis pela cal, areia e carros de coisas diversas necessárias para assentar o azulejo e mais obras feitas nas enfermarias de São João Evangelista e São Pedro (ADL - Livro de Receitas e Despesas, de 1-7-1658 a 30-6-1659, fl. 224, transcrito por MACHADO - Azulejos do Hospital, p. 57)</p>					
1660-00-00	1660-00-00	Cerâmica\Século XVII\Segunda metade\Azulejaria de padrão		Revestimento - azulejos assentes na igreja	Documentado - a documentação refere que se despendeu 1620 réis de peixe com os azulejadores que trabalhavam na igreja e com os pintores que douravam os retábulos e arco (ADL, Real Hospital das Caldas, Livro de Receitas e Despesas, no. 78 fl. 224, referido por BORGES - O Hospital Termal de Caldas [...], p. 77)?
07-08-1937	07-08-1937	Cerâmica\Século XX		Revestimento - intervenção	Documentado - referência aos azulejos do Convento da Graça, em Lisboa, que poderiam ser aplicados na Igreja do Pópulo, nas Caldas da Rainha: "Existindo numa das alas do claustro grande do extinto convento da Graça desta cidade (Monumento Nacional) e na parte actualmente entregue ao Batalhão de Caçadores Nº7 das cavalaria, restos ainda aproveitáveis de azulejos do séc. XVII iguais aos que revestem o interior da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha, venho rogar a V. Exª. A favor de interceder junto daquele regimento no sentido de ser autorizado a retirada daquele azulejo que seria aplicado na conclusão das obras da Igreja das Caldas da Rainha onde se torna necessário, se V. Exª. Assim o entender convenientemente. Informo V. Exª. De que o azulejo nenhuma falta faz naquele quartel onde está condenado a danificar-se." (SIPA TXT 01003706)
10-11-1937	10-11-1937	Cerâmica\Século XX		Revestimento - intervenção	Documentado - há duas propostas para assentamento de azulejo "igual ao antigo" em paredes interiores, uma de Domingos Ferreira Rocha (construtor civil de Gondomar), que importava 19 \$00 cada m2, e outra de Arnaldo Garcia da Cruz (construtor civil, residente na Lourinhã), no valor de 18\$00 cada m2, tendo sido aprovada esta última proposta (SIPA TXT 00346535)
05-01-1938	05-01-1938	Cerâmica\Século XX		Revestimento - intervenção	Documentado - continuam as notícias da intervenção que envolve a Igreja da Graça: "Digne-se V. Exª. mandar elaborar estimativa das obras necessárias para a colocação de azulejos brancos, no extinto convento da Graça, desta cidade e na parte onde será retirado o azulejo existente do

século XVIII, conforme o seu ofício nº 2251." (SIPA TXT 00346914)

13-01-1938	13-01-1938	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - continuam as notícias da intervenção que envolve a Igreja da Graça: "(...) ao facto de ser necessário ainda uma pequena dotação para completar as obras de restauro da Igreja Matriz das Caldas da Rainha (vitrais, instalação eléctrica, etc.), na qual vão ser aplicados os azulejos do século XVIII, retirados do Convento da Graça, desta cidade, poder-se-ia pagar este último trabalho e a colocação de azulejos brancos por aquela verba se V. Exª. Assim julgar conveniente." (SIPA TXT 01003291)
07-03-1938	07-03-1938	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - a DGEMN manda aplicar azulejos de padrão na igreja, oriundos do Convento da Graça, em Lisboa, os quais haviam sido retirados das salas do Claustro Grande do Convento da Graça de Lisboa (ADL, Fundo do Governo Civil, Hospital das Caldas, Avulsos, transcrito por BORGES - O Hospital Termal de Caldas [...], p. 143). Na Graça seriam aplicados azulejos brancos.
23-06-1938	23-06-1938	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - continuam as notícias da intervenção que envolve a Igreja da Graça: "Tendo sido autorizado pelo Ministério da Guerra o arranque de azulejos antigos do Quartel da Graça para a sua aplicação na Igreja Matriz das Caldas da Rainha, entregando por troca, essa Direcção Geral no mesmo quartel, azulejos brancos, venho rogar a V. Exª. se digne a promover para que seja completa essa entrega com mais de 1000 azulejos conforme foi combinado pelo oficial chefe de secção com o Sr. Architecto Areal tratou deste assunto por parte dessa Direcção." (SIPA TXT 01003306)
25-06-1938	25-06-1938	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - continuam as notícias da intervenção que envolve a Igreja da Graça: "Solicitando a Direcção de Serviços das Obras e Propriedades Militares, por essa Direcção, seja feita a entrega de mais 1000 azulejos brancos », conforme ficou combinado, em virtude de arranque de azulejos antigos do Quartel da Graça, digne-se V. Exª. informar do que sobre o assunto se lhe oferecer." (SIPA TXT 01003307)
07-02-1939	07-02-1939	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - continuam as notícias da intervenção que envolve a Igreja da Graça: "Não tendo esta Direcção até esta data recebido qualquer resposta ao ofício nº 3206 de 23 de Junho do ano findo, venho novamente rogar a V. Exª. se digne a promover para que sejam entregues na 3ª secção das obras militares, no Quartel da Graça, 1000 azulejos brancos, conforme fora combinado com o Sr. Architecto Areal, por troca de azulejos antigos que foram retirados do Claustro Grande do extinto Convento da Graça." (SIPA TXT 01003313)
11-02-1939	11-02-1939	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - continuam as notícias da intervenção que envolve a Igreja da Graça: "Em referência ao seu ofício nº1003 (Proc.º158/8) tenho a honra de informar V. Exª. de que nesta data, foram dadas instruções para serem entregues a essa Direcção 1000 azulejos brancos, em substituição, do azulejo do século XVIII retirado do Claustro Grande do Convento da Graça." (SIPA TXT 01003315)
19-08-1941	19-08-1941	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - aplicação de azulejo no coro: "(...) O que está por fazer é o seguinte: 1) Em tudo se tocou menos no altar-mór, cujo o abandono destes do mais. O altar-mór podia e devia ter outra imponência. 2) Faltam azulejos do côro, vendo-se a respectiva parede em contraste com o restante, de bela apresentação." (SIPA TXT 00346933)
07-12-1942	07-12-1942	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - aprovação da proposta de António Domingues Esteves (construtor civil em Valadares) para "Painéis de azulejo (tapete) assentes em argamassa hidráulica, incluindo cercaduras. - 300\$00.1/2" (SIPA TXT 00346553)
05-11-1944	05-11-1944	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - alusão às obras de 1937: "(...) Em 1937, fizeram-se nela importantes obras de restauro, que nunca chegaram a ser concluídas. O que porém, está destoando mais de todo o conjunto, é o altar mor, verdadeiro amontoado de pedras e tábuas carunchosas envolvidas em velhos panos de (?). A instalação eléctrica, que é provisória, além de ser horrivelmente inestética, está em tal estado que a cada momento pode dar origem a um curto circuito de funestas consequências. (...) " (SIPA TXT 01003728)
21-12-1944	21-12-1944	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - preenchimento de lacunas na igreja por parte da DGEMN. Em carta do director, este informa o pároco da igreja de que era "(...) desejo da DGMN, concluir no ano seguinte as citadas obras, justificando o atraso das mesmas com a demora verificada no fabrico de azulejos semelhantes aos, do tipo padrão, existentes no interior da Igreja." (BORGES - O Hospital Termal de Caldas [...], p. 138)
29-07-1946	29-07-1946	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - aplicação de azulejo no coro: "(...) no côro da Igreja Matriz de Caldas da Rainha, (Monumento Nacional) é necessário colocar 32 metros quadrados de azulejo os quais se encontram em caixotes para serem colocados. Em face do exposto julgo que podem ser colocados por esta direcção se V. Exª. o julgar conveniente e ordenar. 29 de Julho de 1946" (SIPA TXT 01003730). Em resposta: "(...) concordo com a colocação dos azulejos no côro da Igreja Matriz de Caldas da Rainha (Monumento Nacional)" (SIPA TXT 01003731)
1949-00-00	1949-00-00	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - aplicação de azulejos na parede do fundo do coro alto (BORGES - O Hospital Termal de Caldas [...], p. 140). De acordo com a documentação, eram provenientes do Convento da Graça, em Lisboa (BORGES - O Hospital Termal de Caldas [...], p. 138)
16-08-1949	16-08-1949	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - há três propostas para "fornecimento e assentamento de azulejo pintado à mão na parede do fundo do côro", de Raúl Marques da Graça (tarefeiro de obras públicas de Tomar) no valor de 18.500\$00, de José de Sousa Camarinha (tarefeiro de obras públicas, residente em Lisboa) no valor de 20.000\$00 e de Manuel Ferreira da Costa (tarefeiro de obras públicas de Alcobaça) no valor de 18.000\$00, tendo sido aprovada a última (SIPA TXT 00346565)
15-04-1950	15-04-1950	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - referência a azulejos no altar-mor: "(...) fazendo-me aquele senhor notar apenas a necessidade que há de se arranjar a pedra da frente do altar da Capela Mor, pois estando o altar revestido a azulejos somente aquela face esta sem revestimento (...) " (entrada a 17 de Abril de 1950) (SIPA TXT 01003357)
27-05-1950	27-05-1950	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - referência a azulejos no altar-mor: "(...) informando V. EXª que esta Igreja, necessita de facto da colocação de azulejos no altar e, bem assim, substituição completa da instalação da iluminação eléctrica (...) " (SIPA TXT 01003358)

Documentado - aplicação de azulejos no coro: Memória descritiva onde se refere que "(...) neste

19-07-1951	19-07-1951	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	orçamento incluiu-se também o revestimento da parede do côro, com azulejos pintados à mão;" (SIPA TXT 01003369)
1952-00-00	1952-00-00	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - infiltrações colocam em perigo vários elementos, entre os quais o azulejo, em perigo de destacamento (BORGES - O Hospital Termal de Caldas [...], p. 138)
18-05-1953	18-05-1953	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - referência aos azulejos da igreja: "(...) c) - Há ainda na própria Igreja vários azulejos partidos, no mediamento do altar lateral esquerdo e no côro." (SIPA TXT 01003382)
07-02-1966	07-02-1966	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - referência ao estado de conservação dos azulejos: "(...) Por não ter sido cuidado o telhado e falta a limpeza das gárgulas e outros escoadores, a água das chuvas entra na pequena igreja e danifica o triptico, que já sofreu dois restauros em pouco tempo e ultimamente está provocando o deslocamento dos azulejos, e que se torna quase impossível de se substituir, se não houver o cuidado de os retirar antes que caiam e se destruam. (...) (Antônio Montêz do Museu José Malhoa)" (SIPA TXT 00347080)
16-09-1966	16-09-1966	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - no Relatório pelo Agente Técnico de Engenharia Civil - José da Conceição Vaz, pode ler-se que "A fresta no lado norte da Capela-mor, que do lado interior está tapada com azulejos, tem as cantarias completas na face exterior." (SIPA TXT00347102)
18-04-1967	18-04-1967	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - memória Igreja de Nossa Senhora do Pópulo - Obras de Restauro e Conservação, que inclui no artigo 15º relativo a medições a "sondagem e estudos na composição de azulejos artísticos no interior" (SIPA TXT 00346623)
29-04-1967	29-04-1967	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - proposta de intervenção adjudicada a Anselmo da Costa pela importância de 59.800\$00 (SIPA TXT00346640)
13-10-1972	13-10-1972	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - referência à obra do azulejo: "2) - Acabamento das obras interiores completando os painéis de azulejo e ainda o acesso ao côro." Data de 13 de Outubro de 1972 com entrada a 20 de Outubro na Direcção dos Serviços dos Monumentos Nacionais (SIPA TXT 01003503)
28-02-1978	28-02-1978	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - referência à obra do azulejo, inacabada: "4. De entre as partes inacabadas, lembra-se a colocação dos azulejos em falta e o acesso ao côro, e, ainda que parte dos arcos abobadados não oferecem segurança." (SIPA TXT 01003580)
27-12-1978	27-12-1978	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - referência à obra do azulejo, inacabada: "Igreja do Pópulo - Temos perfeito conhecimento das carências desta Igreja, classificada como M.N. As obras que carece particularmente o tão necessário acesso ao côro - por bastante dispendiosas, têm aguardado disponibilidade orçamental. Esperamos que seja possível inscrever o imóvel no Plano de Obras de 1979." (SIPA TXT 01003586); "3 - Quanto à Igreja do Pópulo deverá assinalar-se a viabilidade da sua inclusão no plano de obras de 1979; 4 - Nesta data se dá conhecimento da informação prestada ao Centro Hospitalar de Caldas da Rainha à Direcção-Geral do Património Cultural, sugerindo a conveniência de arrolamento do espólio histórico na posse do Centro, se ainda não foi feita medidas para a sua conservação até que seja possível a sua exposição permanente. Lisboa, 27 de Dezembro de 1978" (SIPA TXT 01003587)
20-06-1979	20-06-1979	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - obras na Igreja: "1 - arruinamento de arcos estruturais; 2 - azulejos oscilantes; 3 - acesso ao coro alto. E informamos: Os dois primeiros já foram considerados nas obras recentemente adjudicadas a Anselmo Costa. Saliente-se, entre tanto, que o primeiro dos casos nunca teve um aspecto alarmante que foi posto. Por último informamos ser nossa intenção considerar o ponto 3 em 1980. 20 de Junho de 1979" (SIPA TXT 00347179)
20-01-1981	20-01-1981	Cerâmica\Século XX	Revestimento - intervenção	Documentado - obras na Igreja: "Por último, ficará da nossa competência, depois de devidamente ponderadas as soluções técnicas, o seu grau de urgência ou prioridade e ainda a possibilidade e cobertura financeira, os seguintes casos: acesso ao côro; vitrais; reparações de azulejos - se os houver; pinturas e outras reparações" (SIPA TXT 00347185)

Localizações			
Tipo localiz.	Local habitual	Data localização	Localização
Interior	Sim	12-03-2016	

Materiais		
Tipo material	Cor	Parte descrita
Matéria transformada\Produto cerâmico\Faiança		Azulejo

Padrões	
Padrão	Justificação
P-17-01049 Quadrilobos 4x4/3	Parede 2, nível 1; parede 3, nível 1; parede 4, nível 1; parede 5, nível 1; parede 6, nível 1; parede 7, nível 1; parede 8, nível 1; parede 9, nível 1; parede 10, nível 1; parede 11, nível 1
P-17-01029 6x6/8	Parede 1, nível 2; parede 2, nível 2; parede 3, nível 2; parede 4, nível 2; parede 6, nível 2; parede 10, nível 2; parede 11, nível 2
P-17-01001 Maçaroca 2x2/1	Parede 7, nível 2; parede 8, nível 2; parede 9, nível 2
F-17-00052 Dente de serra 1x1	Parede 1; parede 2; parede 3; parede 4; parede 5; parede 6; parede 7; parede 8; parede 9; parede 10; parede 11, contorno (parede) (níveis)
B-17-00107 Martelos 2x2/2	Parede 1; parede 2; parede 3; parede 4; parede 5; parede 6; parede 7; parede 8; parede 9; parede 10; parede 11, contorno (parede) (níveis)

Tema / Assunto	
Tema	Assunto
01_Revestimento cerâmico\de padrão\revestimento parietal com 2 níveis\4x4 e 4x4	

Técnicas		
Técnica	Parte descrita	Justificação
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre	Azulejo	

Inventariantes	
Inventariante	Data
Francisco Queiroz	11-08-2008
Notas: Inventariação in situ	
Lúcia Marinho	2011-00-00
Notas: Ficha n.º 531 referente à Igreja de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha, integrada no "Repertório Fotográfico e Documental da Cerâmica Arquitectónica Portuguesa", promovido pelo Instituto de Promoción Cerámica (Castellón, Espanha) e realizada por Lúcia Marinho, com revisão técnica de Isabel Ferreira.	
Ana Alva	11-05-2016
Notas: Inventariação in situ no âmbito da tese - Património Azulejar do Hospital Termal das Caldas da Rainha	

Fichas relacionadas				
Tipo de ficha	Dados da ficha	Inf. específica	Dados inf. específica	Tipo relação
Todas Entidades	Lúcia Marinho	Inventariantes	Lúcia Marinho 2011-00-00	
Notas: (directa - Inventariantes)				
Todas Entidades	Francisco Queiroz	Inventariantes	Francisco Queiroz 2008-08-11	
Notas: (directa - Inventariantes)				
Todas Entidades	Ana Alva	Inventariantes	Ana Alva 2016-05-11	
Notas: (directa - Inventariantes)				
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010001 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010001.JPG			
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010006 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010006.JPG			
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010013 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010013.JPG			
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010016 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010016.JPG			
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010018 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010018.JPG			
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010019 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010019.JPG			
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010020 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010020.JPG			
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010021 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010021.JPG			
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010022 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010022.JPG			
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010023 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010023.JPG			

Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010002 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010002.JPG		
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010003 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010003.JPG		
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010004 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010004.JPG		
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010005 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010005.JPG		
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010007 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010007.JPG		
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010008 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010008.JPG		
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010009 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010009.JPG		
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010010 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010010.JPG		
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010011 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010011.JPG		
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010012 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010012.JPG		
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010014 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010014.JPG		
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010015 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010015.JPG		
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010017 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010017.JPG		
Imóveis	CR_NSP_HTCR0201 Nave, capela-mor e capela baptismal		
Notas: (directa)			
Monografia			Referência bibliográfica
Monografia			Referência bibliográfica
Padrões	P-17-01001 Maçaroca 2x2/1	Padrões	3790
Notas: (directa - Padrões)			
Padrões	P-17-01029 6x6/8	Padrões	3790
Notas: (directa - Padrões)			
Padrões	F-17-00052 Dente de serra 1x1	Padrões	3790
Notas: (directa - Padrões)			
Padrões	P-17-01049 Quadrilobos 4x4/3	Padrões	3790
Notas: (directa - Padrões)			
Padrões	B-17-00107 Martelos 2x2/2	Padrões	3790
Notas: (directa - Padrões)			

Ficheiros multimédia: Informação genérica

--	--	--	--

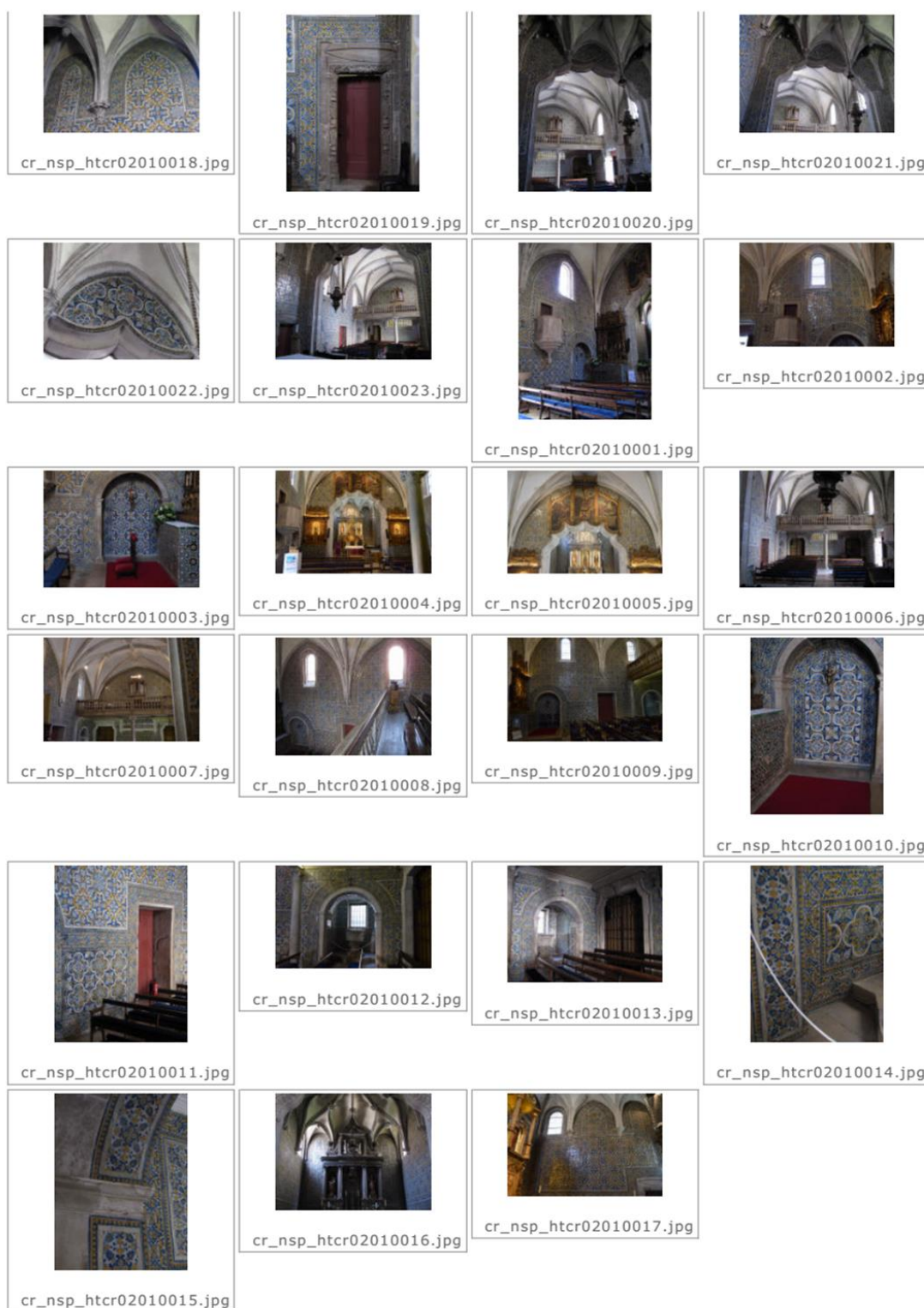


Figura 11 - Ficha do integrado - Nave, capela-mor e capela baptismal

Inventário : Integrado

05-09-2016 15:44:33

Azulejo

Imóvel	CR_NSP_HTCR0201 Nave, capela-mor e capela baptismal
Nº inventário	CR_NSP_HTCR020102
Tipo Património	Azulejo
Designação	Frontais de altar
Descrição	Revestimento dos altares laterais em azulejo hispano-mourisco, executados na técnica de corda seca. Ambos os frontais de altar apresentam azulejos de padrão com motivos geométricos em combinações radiais, e ao centro, observa-se uma cruz formada por azulejos com um padrão diferente. São delimitados por uma cercadura semelhante ao de padrão e por um friso já do século XVII, de "dente de serra" (F-17-00052), que deverá ter sido aplicado posteriormente.



Informação específica

Classificações	
Classificação	Justificação
Revestimento cerâmico\de padrão	

Cores	
Cor	Parte descrita
Verde	Pintura
Azul	Pintura
Branco	Pintura
Amarelo	Pintura
Laranja	Pintura

Cronologia					
Data inicial	Data final	Época	Data textual	Parte descrita	Justificação
1490-00-00	1510-00-00	Cerâmica\Século XV e XVI [final e início]\Hispano-mourisco	c. 1500	Frontais de altar	Atribuído

Localizações			
Tipo localiz.	Local habitual	Data localização	Localização
Interior	Sim		

Materiais		
Tipo material	Cor	Parte descrita
Matéria transformada\Produto cerâmico\Faiança		Azulejo

Padrões	
Padrão	Justificação
F-17-00052 Dente de serra 1x1	

Técnicas		
Técnica	Parte descrita	Justificação
Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Corda seca	Azulejo	

Inventariantes	
Inventariante	Data
Francisco Queiroz	11-08-2008

Notas: Inventariação in situ

Lúcia Marinho 2011-00-00

Notas: Ficha n.º 531 referente à Igreja de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha, integrada no "Repertório Fotográfico e Documental da Cerâmica Arquitectónica Portuguesa", promovido pelo Instituto de Promoción Cerámica (Castellón, Espanha) e realizada por Lúcia Marinho, com revisão técnica de Isabel Ferreira.

Ana Alva 07-06-2016

Notas: Inventariação in situ no âmbito da tese - Património Azulejar do Hospital Termal das Caldas da Rainha

Fichas relacionadas





Tipo de ficha	Dados da ficha	Inf. específica	Dados inf. específica	Tipo relação
Todas Entidades	Lúcia Marinho	Inventariantes	Lúcia Marinho 2011-00-00	
Notas: (directa - Inventariantes)				
Todas Entidades	Francisco Queiroz	Inventariantes	Francisco Queiroz 2008-08-11	
Notas: (directa - Inventariantes)				
Todas Entidades	Ana Alva	Inventariantes	Ana Alva 2016-06-07	
Notas: (directa - Inventariantes)				
Ficheiros	CR_NSP_HTCR02010001 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR02010001.JPG			
Ficheiros	CR_NSP_HTCR0201_1_0202 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR0201_1_0202.JPG			
Ficheiros	CR_NSP_HTCR0201_1_0101 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR0201_1_0101.JPG			
Ficheiros	CR_NSP_HTCR0201_1_0201 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR02\CR_NSP_HTCR0201_1_0201.JPG			
Imóveis	CR_NSP_HTCR0201 Nave, capela-mor e capela baptismal			
Notas: (directa)				
Padrões	F-17-00052 Dente de serra 1x1	Padrões	3791	
Notas: (directa - Padrões)				
Ficheiros multimédia: Informação genérica				
<div><div><p>cr_nsp_htcr0201_1_0202.jpg</p></div><div><p>cr_nsp_htcr0201_1_0201.jpg</p></div><div><p>cr_nsp_htcr0201_1_0101.jpg</p></div><div><p>cr_nsp_htcr02010001.jpg</p></div></div>				

Figura 12- Ficha do integrado - Frontais de altar

05-09-2016 15:40:58

Inventário : Imóveis

Azulejo

Nº imóvel	CR_NSP_HTCR03
Designação	Palácio / Museu do Hospital e das Caldas
Tipo imóvel	
Imóvel	CR_NSP_HTCR - Hospital Termal das Caldas da Rainha
Descrição	O Palácio Real localiza-se um pouco acima da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, tendo sido, muito provavelmente, construído na mesma altura que os restantes equipamentos. Se, numa primeira fase, este edifício recebeu a família real, já no século XVIII as comitativas régias instalavam-se nas melhores casas da vila, enquanto o Palácio era ocupado pelos Provedores do Hospital. Com Rodrigo Berquó, em 1890, foram feitas obras de grande profundidade no sentido de devolver ao Palácio a sua função original. Contudo, com o início da República, o palácio acabou por ser cedido a outras Instituições Públicas que o conduziram a um estado de degradação. Com o objectivo de recuperar o edifício e os seus espaços internos, devolvendo-lhes a sua expressão de residência nobre, o Centro Hospitalar formalizou uma candidatura ao PRODIAEC (Programa de Infra Estruturas Turísticas e Equipamentos Culturais), aprovada em 1992. Depois de um processo de remodelação, sob projecto do arquiteto Manuel Remédios, aí se instalou o Museu do Hospital e das Caldas, detentor de um variadíssimo acervo, entre o qual se incluem muitos painéis cerâmicos e azulejos soltos, certamente provenientes dos equipamentos ligados ao Hospital Termal.

**Informação específica**

Numerações		
Número	Tipo numera.	Data numeração
IPA.00001764	Sistema de Informação para o Património Arquitectónico [SIPA-IHRU]	11-05-2016

Notas: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1764

Inventariantes	
Inventariante	Data
Ana Alva	11-05-2016

Notas: Inventariação in situ, investigação e descrição no âmbito da tese - Património Azulejar do Hospital Termal das Caldas da Rainha

Fichas relacionadas				
Tipo de ficha	Dados da ficha	Inf. específica	Dados Inf. específica	Tipo relação
Todas Entidades	Ana Alva	Inventariantes	Ana Alva 2016-05-11	

Notas: (directa - Inventariantes)

Ficheiros CR_MHC_HTCR030002 |
R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR03\CR_MHC_HTCR030002.JPG |

Ficheiros	CR_MHC_HTCR030001 R:\FOTOS_inpatrimonium\IN_SITU\CR_NSP_HTCR\CR_NSP_HTCR03 \CR_MHC_HTCR030001.JPG	
Integrado	CR_NSP_HTCR010201 Tábua do Almoxarife CR_NSP_HTCR0102 Copa Azulejo	Proveniência
Integrado	CR_NSP_HTCR010101 Revestimento cerâmico das enfermarias CR_NSP_HTCR0101 Enfermarias Azulejo	Proveniência

Ficheiros multimédia: Informação genérica



Figura 13 – Ficha do imóvel – Palácio/Museu do Hospital e das Caldas

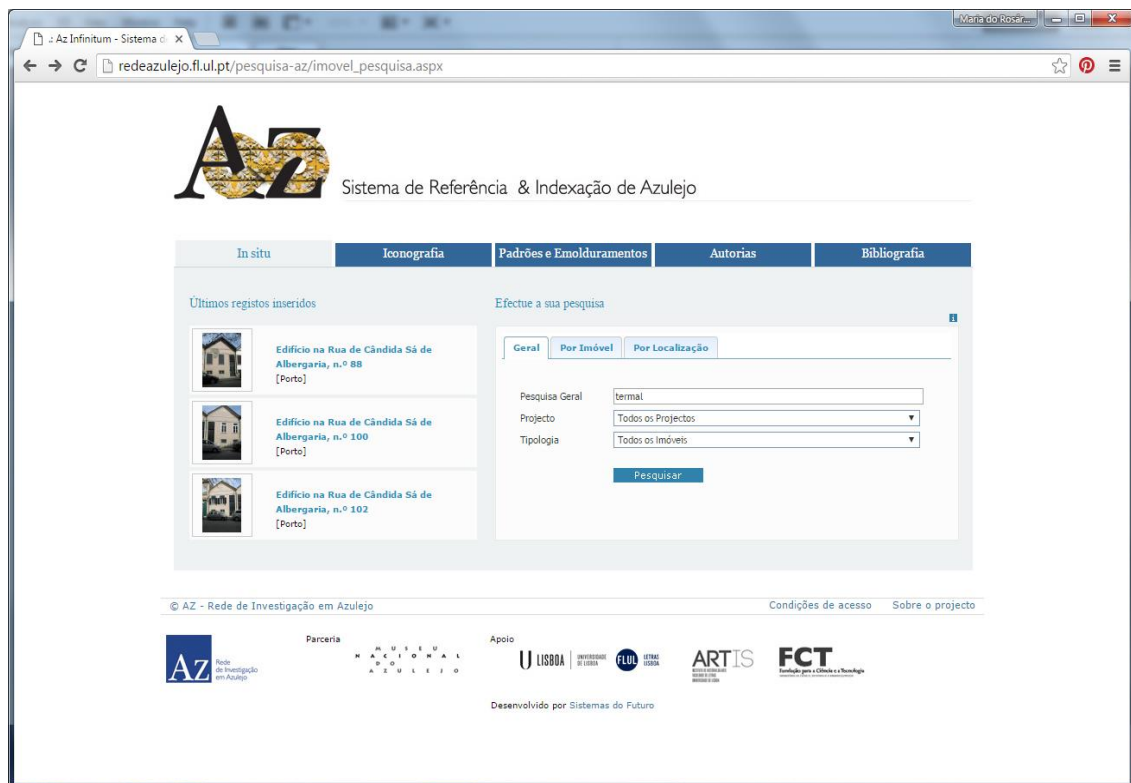


Figura 14- Motor de pesquisa

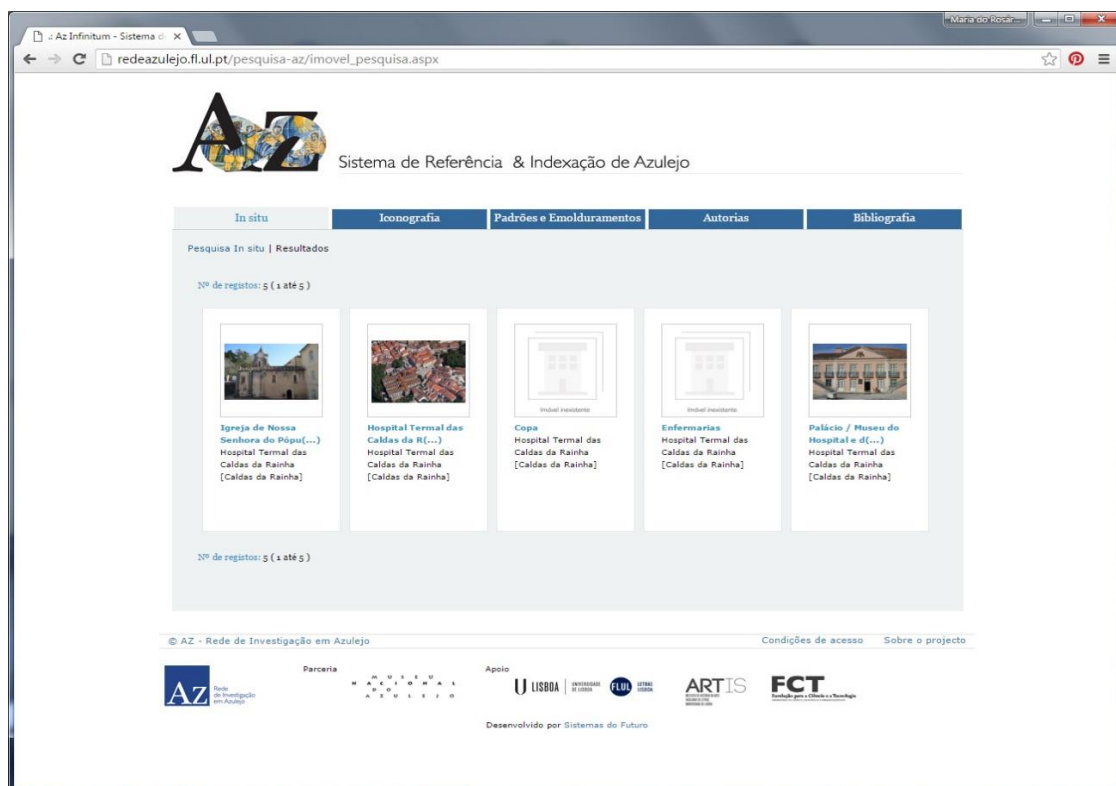
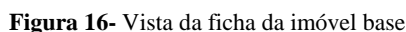


Figura 15- Resultado de pesquisa



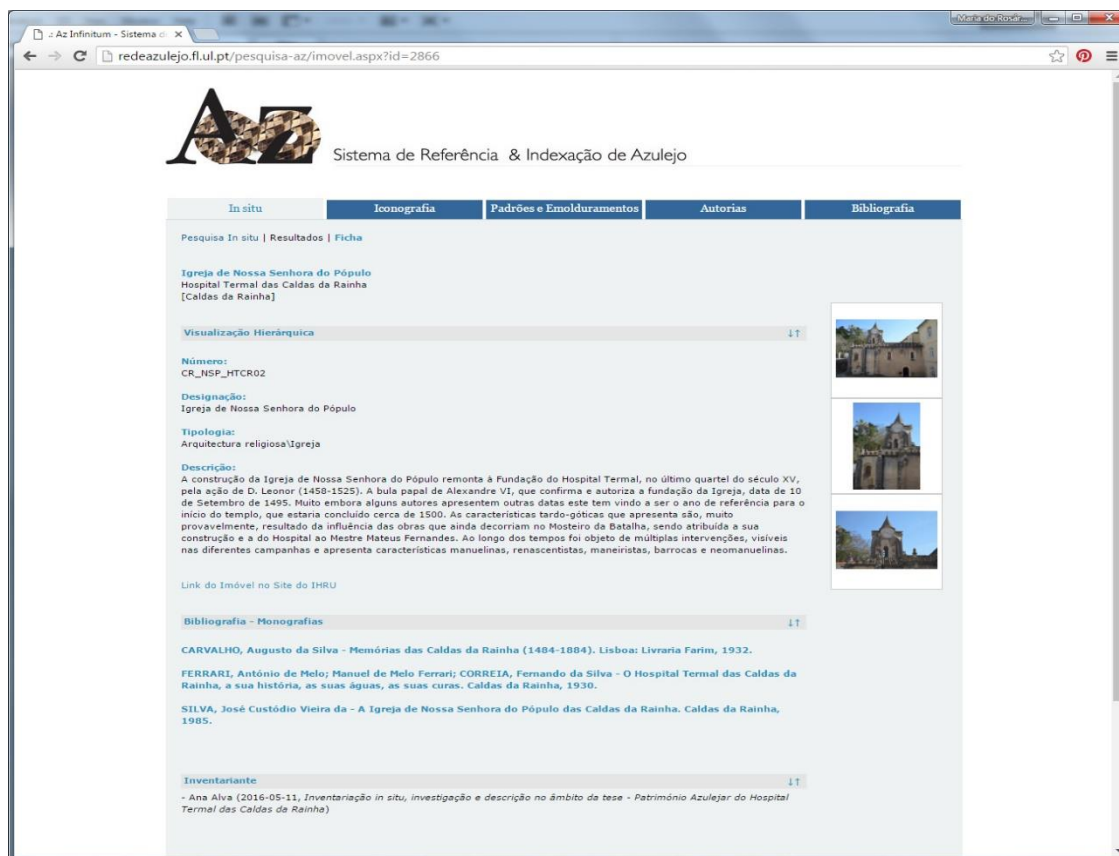


Figura 17- Igreja de Nossa Senhora do Pópulo – ficha do imóvel

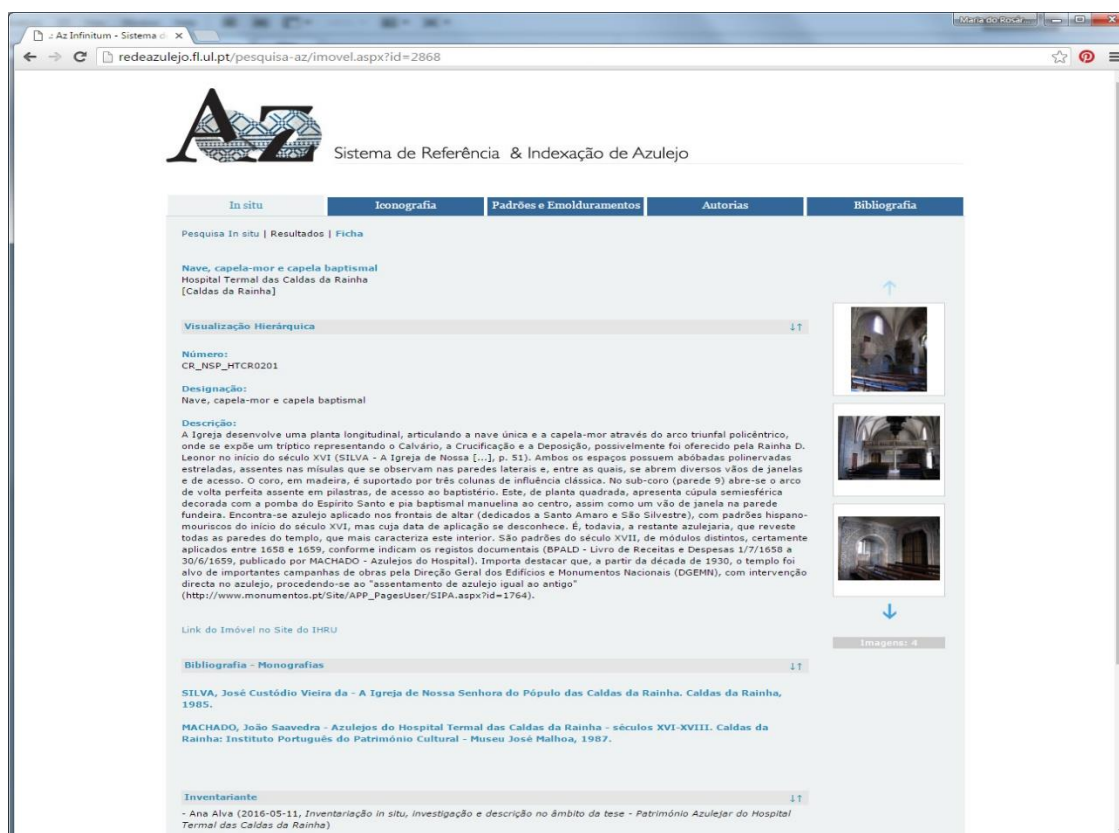


Figura 18- Igreja de Nossa Senhora do Pópulo – ficha do espaço

- **1938-06-25** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - continuam as notícias da intervenção que envolve a Igreja da Graça: "Solicitando a Direcção de Serviços das Obras e Propriedades Militares, por essa Direcção, seja feita a entrega de mais 1000 azulejos brancos », conforme ficou combinado, em virtude de arranque de azulejos antigos do Quartel da Graça, digne-se V. Exª, informar do que sobre o assunto se lhe oferecer." (SIPA TXT 01003307)

- **1939-02-07** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - continuam as notícias da intervenção que envolve a Igreja da Graça: "Não tendo esta Direcção até esta data recebido qualquer resposta ao ofício nº 3206 de 23 de Junho do ano findo, venho novamente rogar a V. Exª, se digne a promover para que sejam entregues na 3ª secção das obras militares, no Quartel da Graça, 1000 azulejos brancos, conforme fora combinado com o Sr. Arquitecto Areal, por troca de azulejos antigos que foram retirados do Claustro Grande do extinto Convento da Graça." (SIPA TXT 01003313)

- **1939-02-11** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - continuam as notícias da intervenção que envolve a Igreja da Graça: "Em referência ao seu ofício nº1003 (Proc.º158/8) tenho a honra de informar V. Exª, de que nesta data, foram dadas instruções para serem entregues a essa Direcção 1000 azulejos brancos, em substituição, do azulejo do século XVIII retirado do Claustro Grande do Convento da Graça." (SIPA TXT 01003315)

- **1941-08-19** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - aplicação de azulejo no coro: "(...) O que está por fazer é o seguinte: 1) Em tudo se tocou menos no altar-mór, cujo o abandono destes do mais. O altar-mór podia e devia ter outra imponentia. 2) Faltam azulejos do côro, vendo-se a respectiva parede em contraste com o restante, de bela apresentação." (SIPA TXT 00346933)

- **1942-12-07** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - aprovação da proposta de António Domingues Esteves (construtor civil em Valadares) para "Painéis de azulejo (tapête) assentes em argamassa hidráulica, incluindo cercaduras. - 300\$00.1/2" (SIPA TXT 00346553)

- **1944-11-05** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - alusão às obras de 1937: "(...) Em 1937, fizeram-se nela importantes obras de restauro, que nunca chegaram a ser concluídas. O que porém, está destoando mais de todo o conjunto, é o altar mor, verdadeiro amontoado de pedras e tábuas carunchosas envolvidas em velhos panos de (?). A instalação eléctrica, que é provisória, além de ser horivelmente inestética, está em tal estado que a cada momento pode dar origem a um curto circuito de funestas consequências. (...)” (SIPA TXT 01003728)

- **1944-12-21** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - preenchimento de lacunas na igreja por parte da DGE MN. Em carta do director, este informa o pároco da igreja de que era "(...) desejo da DGMN, concluir no ano seguinte as citadas obras, justificando o atraso das mesmas com a demora verificada no fabrico de azulejos semelhantes aos, do tipo padrão, existentes no interior da Igreja." (BORGES - O Hospital Termal de Caldas [...], p. 138)

- **1946-07-29** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - aplicação de azulejo no coro: "(...) no côro da Igreja Matriz de Caldas da Rainha, (Monumento Nacional) é necessário colocar 32 metros quadrados de azulejo os quais se encontram em caixotes para serem colocados. Em face do exposto julgo que podem ser colocados por esta direcção se V. Exª, o julgar conveniente e ordenar. 29 de Julho de 1946" (SIPA TXT 01003730). Em resposta: "(...) concordo com a colocação dos azulejos no côro da Igreja Matriz de Caldas da Rainha (Monumento Nacional)" (SIPA TXT 01003731)

- **1949-00-00** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - aplicação de azulejos na parede do fundo do coro alto (BORGES - O Hospital Termal de Caldas [...], p. 140). De acordo com a documentação, eram provenientes do Convento da Graça, em Lisboa (BORGES - O Hospital Termal de Caldas [...], p. 138)

- **1949-08-16** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - há três propostas para "fornecimento e assentamento de azulejo pintado à mão na parede do fundo do côro", de Raul Marques da Graça (tarefeiro de obras públicas de Tomar) no valor de 18.500\$00, de José de Sousa Camarinha (tarefeiro de obras públicas, residente em Lisboa) no valor de 20.000\$00 e de Manuel Ferreira da Costa (tarefeiro de obras públicas de Alcobaça) no valor de 18.000\$00, tendo sido aprovada a última (SIPA TXT 00346565)

- **1950-04-15** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - referência a azulejos no altar-mór: "(...) fazendo-me aquele senhor notar apenas a necessidade que há de se arranjar a pedra da frente do altar da Capela Mor, pois estando o altar revestido a azulejos somente aquela face esta sem revestimento (...)” (entrada a 17 de Abril de 1950) (SIPA TXT 01003357)

- **1950-05-27** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - referência a azulejos no altar-mór: "(...) informando V. Exª que esta Igreja, necessita de facto da colocação de azulejos no altar e, bem assim, substituição completa da instalação da iluminação eléctrica (...)” (SIPA TXT 01003358)

- **1951-07-19** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - aplicação de azulejos no coro: Memória descritiva onde se refere que "(...) neste orçamento incluiu-se também o revestimento da parede do côro, com azulejos pintados à mão;" (SIPA TXT 01003369)

- **1952-00-00** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - infiltrações colocam em perigo vários elementos, entre os quais o azulejo, em perigo de destacamento (BORGES - O Hospital Termal de Caldas [...], p. 138)

- **1953-05-18** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - referência aos azulejos da igreja: "(...) c) - Há ainda na própria Igreja vários azulejos partidos, no medimento do altar lateral esquerdo e no côro." (SIPA TXT 01003382)

- **1966-02-07** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - referência ao estado de conservação dos azulejos: "(...) Por não ter sido cuidado o telhado e falta a limpeza das gárgulas e outros escoadores, a água das chuvas entra na pequena igreja e danifica o triptico, que já sofreu dois restauros em pouco tempo e ultimamente está provocando o deslocamento dos azulejos, e que se torna quase impossível de se substituir, se não houver o cuidado de os retirar antes que caiam e se destruam. (...) (António Montêz do Museu José Malhoa)" (SIPA TXT 00347080)

- **1966-09-16** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - no Relatório pelo Agente Técnico de Engenharia Civil - José da Conceição Vaz, pode ler-se que "A fresta no lado norte da Capela-mor, que do lado interior está tapada com azulejos, tem as cantarias completas na face exterior." (SIPA TXT00347102)

- **1967-04-18** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - memória Igreja de Nossa Senhora do Pópulo - Obras de Restauro e Conservação, que inclui no artigo 15º relativo a medições a "sondagem e estudos na composição de azulejos artísticos no interior" (SIPA TXT 00346623)

- **1967-04-29** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - proposta de intervenção adjudicada a Anselmo da Costa pela importância de 59.800\$00 (SIPA TXT00346640)

- **1972-10-13** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - referência à obra do azulejo: "2) - Acabamento das obras interiores completando os painéis de azulejo e ainda o acesso ao côro." Data de 13 de Outubro de 1972 com entrada a 20 de Outubro na Direcção dos Serviços dos Monumentos Nacionais (SIPA TXT 01003503)

- **1978-02-28** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - referência à obra do azulejo, inacabada: "4. De entre as partes inacabadas, lembra-se a colocação dos azulejos em falta e o acesso ao côro, e, ainda que parte dos arcos abobadados não oferecem segurança." (SIPA TXT 01003580)

- **1978-12-27** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - referência à obra do azulejo, inacabada: "Igreja do Pópulo - Temos perfeito conhecimento das carências desta Igreja, classificada como M.N. As obras que carece particularmente o tão necessário acesso ao côro - por bastante dispendiosas, têm aguardado disponibilidade orçamental. Esperamos que seja possível inscrever o imóvel no Plano de Obras de 1979." (SIPA TXT 01003586); "3 - Quanto à Igreja do Pópulo deverá assimilar-se a viabilidade da sua inclusão no plano de obras de 1979; 4 - Nesta data se dá conhecimento da informação prestada ao Centro Hospitalar de Caldas da Rainha à Direcção-Geral do Património Cultural, sugerindo a conveniência de arrolamento do espólio histórico na posse do Centro, se ainda não foi feita medidas para a sua conservação até que seja possível a sua exposição permanente. Lisboa, 27 de Dezembro de 1978" (SIPA TXT 01003587)

- **1979-06-20** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - obras na Igreja: "1 - arruinamento de arcos estruturais; 2 - azulejos oscilantes; 3 - acesso ao coro alto. E informamos: Os dois primeiros já foram considerados nas obras recentemente adjudicadas a Anselmo Costa. Saliente-se, entre tanto, que o primeiro dos casos nunca teve um aspecto alarmante que foi posto. Por último informamos ser nossa intenção considerar o ponto 3 em 1980. 20 de Junho de 1979" (SIPA TXT 00347179)

- **1981-01-20** | Cerâmica/Século XX [Revestimento - intervenção]
Documentado - obras na Igreja: "Por último, ficará da nossa competência, depois de devidamente ponderadas as soluções técnicas, o seu grau de urgência ou prioridade e ainda a possibilidade e cobertura financeira, os seguintes casos: acesso ao côro; vitrais; reparações de azulejos - se os houver; pinturas e outras reparações" (SIPA TXT 00347185)

Padrões

» P-17-01049

Quadrilobos | módulo 4x4/3

[Parede 2, nível 1; parede 3, nível 1; parede 4, nível 1; parede 5, nível 1; parede 6, nível 1; parede 7, nível 1; parede 8, nível 1; parede 9, nível 1; parede 10, nível 1; parede 11, nível 1]

» P-17-01029

módulo 6x6/8

[Parede 1, nível 2; parede 2, nível 2; parede 3, nível 2; parede 4, nível 2; parede 6, nível 2; parede 10, nível 2; parede 11, nível 2]

» P-17-01001

Maçaroca | módulo 2x2/1

[Parede 7, nível 2; parede 8, nível 2; parede 9, nível 2]

» F-17-00052

Dente de serra | módulo 1x1

[Parede 1; parede 2; parede 3; parede 4; parede 5; parede 6; parede 7; parede 8; parede 9; parede 10; parede 11, contorno (parede) (níveis)]

» B-17-00107

Martelos | módulo 2x2/2

[Parede 1; parede 2; parede 3; parede 4; parede 5; parede 6; parede 7; parede 8; parede 9; parede 10; parede 11, contorno (parede) (níveis)]

Informação Técnica

Material

Materia transformada\Produto cerâmico\Faiança [Azulejo]

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre [Azulejo]

Cor

Branco [Vitrado]

Amarelo [Pintura]

Azul [Pintura]

Bibliografia - Monografias

MACHADO, João Saavedra - Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha - séculos XVI-XVIII. Caldas da Rainha: Instituto Português do Património Cultural - Museu José Malhoa, 1987.

BORGES, Nicolau João Gonçalves - O Hospital Termal das Caldas da Rainha: arte e património. Tese de Mestrado em História da Arte, Património e Restauro. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2 vols.re, 1998.

Inventariante

- Francisco Queiroz (2008-08-11, *Inventariação in situ*)

- Lúcia Marinho (2011-00-00, *Ficha n.º 531 referente à Igreja de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha, integrada no "Repertório Fotográfico e Documental da Cerâmica Arquitectónica Portuguesa", promovido pelo Instituto de Promoción Cerámica (Castellón, Espanha) e realizada por Lúcia Marinho, com revisão técnica de Isabel Ferreira.*)

- Ana Alva (2016-05-11, *Inventariação in situ no âmbito da tese - Património Azulejar do Hospital Termal das Caldas da Rainha*)

© AZ - Rede de Investigação em Azulejo

Condições de acesso Sobre o projecto



Parceria



Apoio



Desenvolvido por Sistemas do Futuro

Figura 19- Igreja de Nossa Senhora do Pópulo – ficha do revestimento da nave, capela-mor e capela batismal

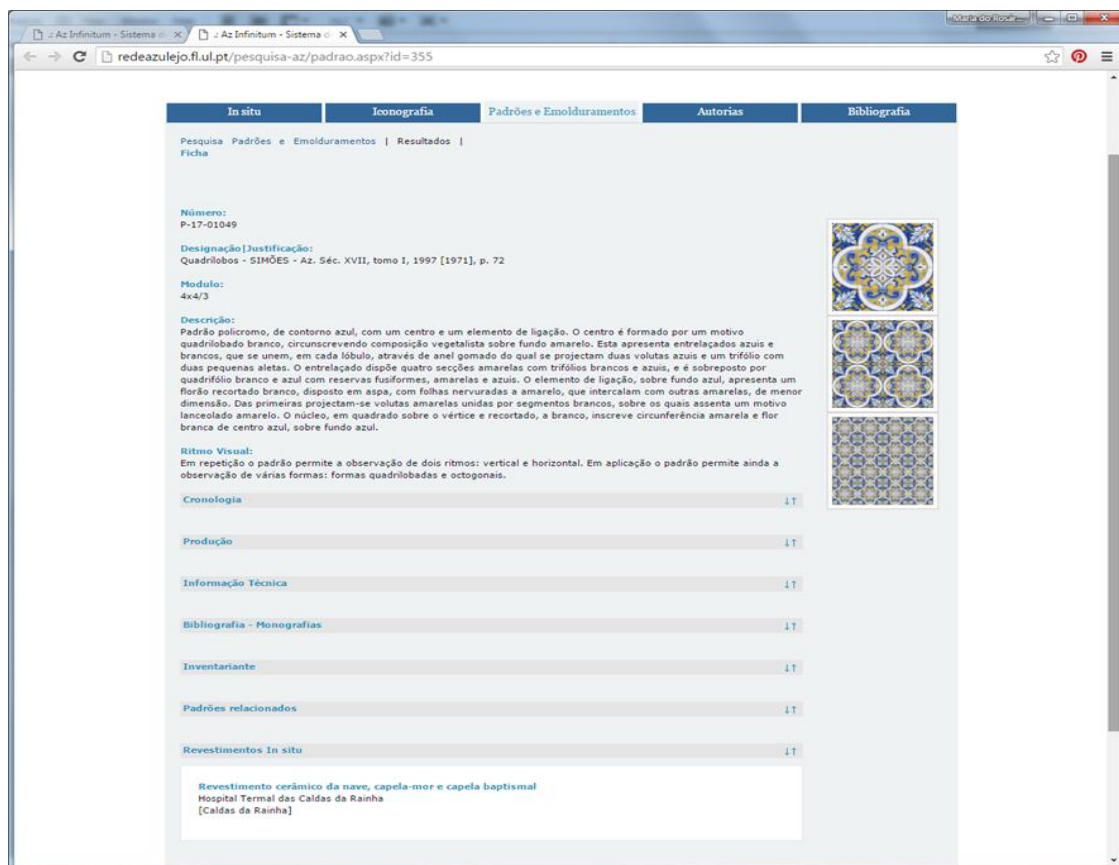


Figura 20- Ficha de um dos padrões referidos na ficha do revestimento, e de acesso direto.

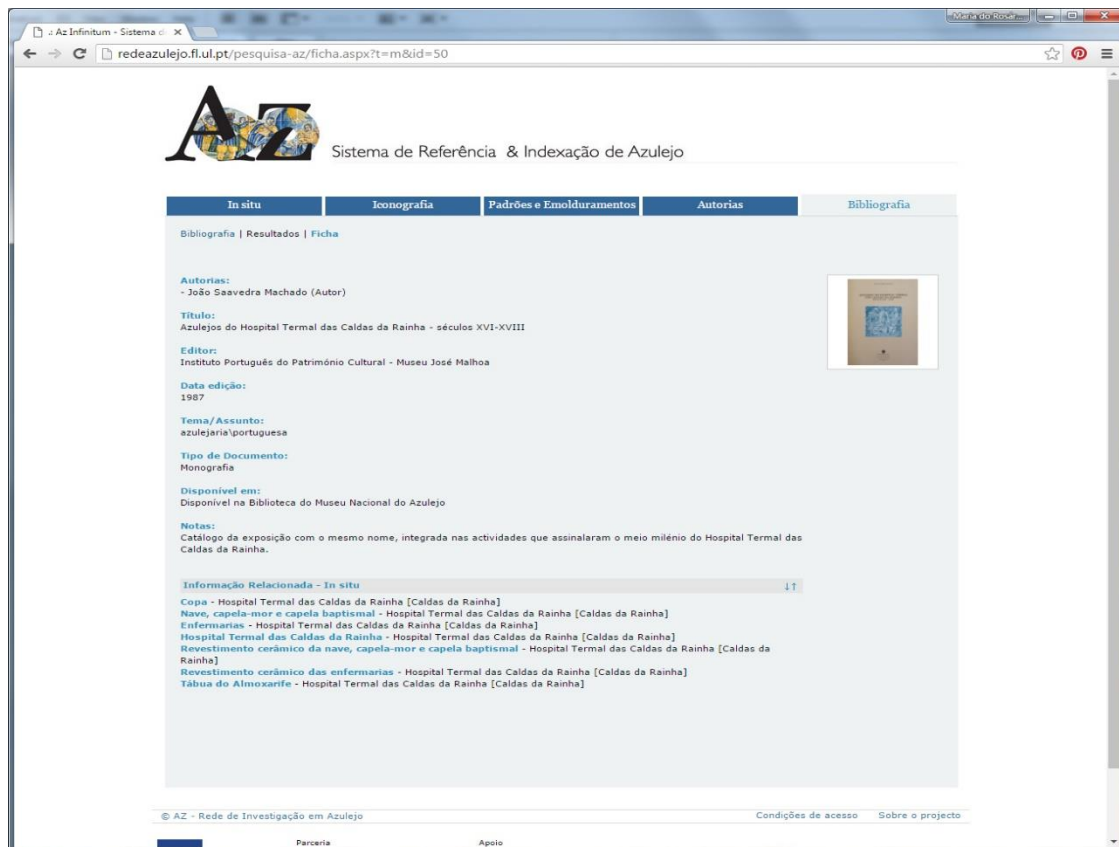
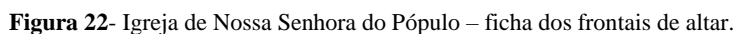


Figura 21- Ficha de uma das referências bibliográficas referidas na ficha do revestimento, e de acesso direto.



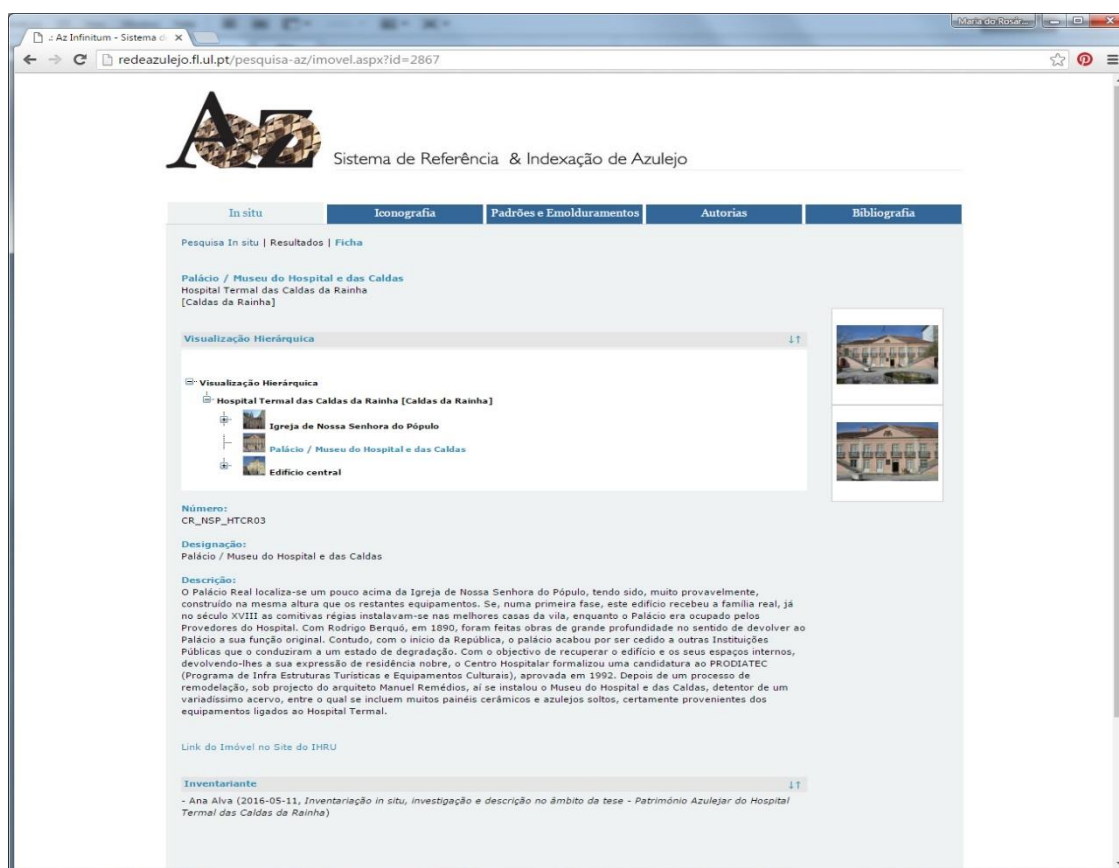


Figura 23- Palácio / Museu do Hospital e das Caldas – ficha do imóvel.

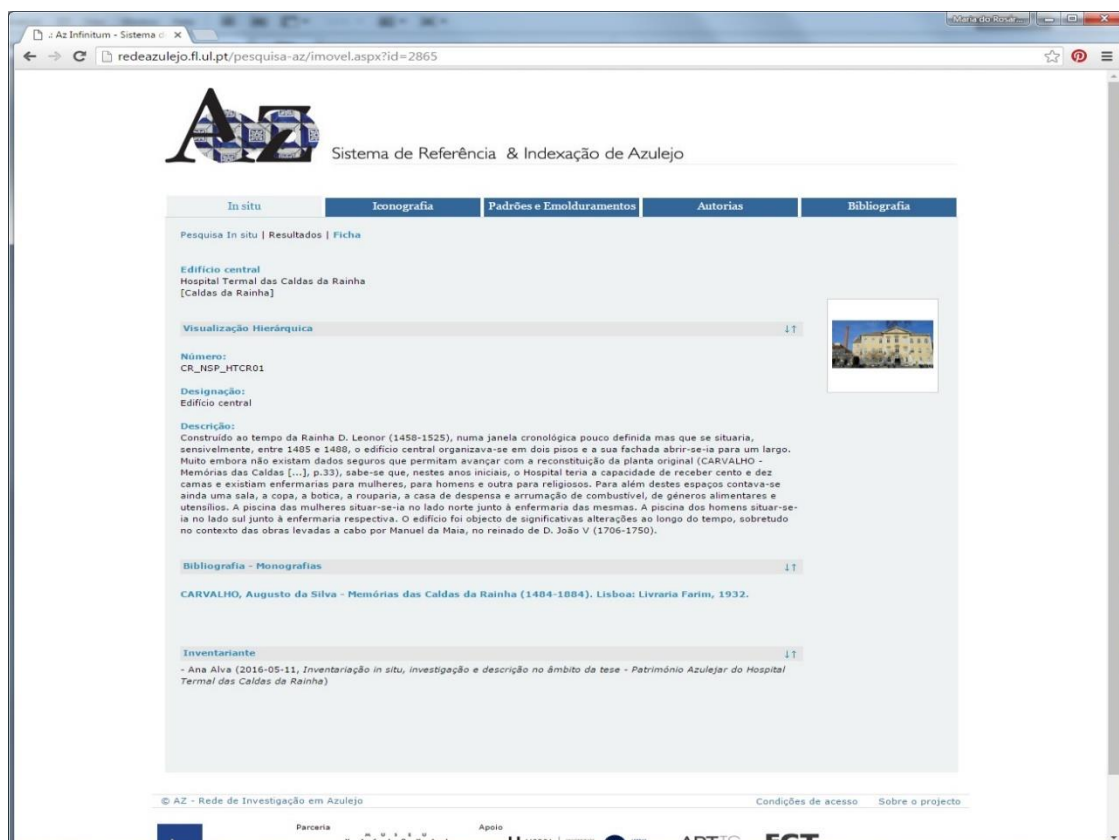


Figura 24- Edifício central – ficha do imóvel

The screenshot shows a web browser window with the URL `redeazulejo.fl.ul.pt/pesquisa-az/imovel.aspx?id=2869`. The page title is 'Sistema de Referência & Indexação de Azulejo'. The main navigation bar includes 'In situ', 'Iconografia', 'Padrões e Emolduramentos', 'Autorias', and 'Bibliografia'. The 'In situ' tab is active, showing a search result for 'Enfermarias' at the 'Hospital Termal das Caldas da Rainha'.

Enfermarias
Hospital Termal das Caldas da Rainha
[Caldas da Rainha]

Visualização Hierárquica ↑↓

Número:
CR_NSP_HTCR0101

Designação:
Enfermarias

Descrição:
Apesar da documentação não permitir reconstituir com exactidão a planta primitiva do edifício, os relatos conhecidos indicam que as enfermarias das mulheres e dos homens entrevados se encontrariam numa posição contígua à Igreja, para que estes pudessem assistir ao ofício divino. Do lado norte situar-se-ia a enfermaria das mulheres, do lado sul a dos homens (FERRARI e CORREIA - O Hospital Termal das Caldas da Rainha [...], p.10). Na sequência das intervenções de que o Hospital foi objecto, as enfermarias dos entevados continuaram a ser piso térreo e com acesso directo à piscina. O piso superior estaria destinado às enfermarias femininas, masculinas e para os religiosos. As enfermarias conheceram vários revestimentos azulejares, em particular, nos oratórios / retábulos que existiam em cada uma delas, ao longo dos anos.

Bibliografia - Monografias ↑↓

MACHADO, João Saavedra - Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha - séculos XVI-XVIII. Caldas da Rainha: Instituto Português do Património Cultural - Museu José Malhoa, 1987.

MANGORRINHA, Jorge; PINTO, Helena Gonçalves - O desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa. Lisboa: Direcção Geral de Energia e Geologia, Ministério da Economia e Inovação, 2009.

FERRARI, António de Melo; Manuel de Melo Ferrari; CORREIA, Fernando da Silva - O Hospital Termal das Caldas da Rainha, a sua história, as suas águas, as suas curas. Caldas da Rainha, 1930.

Inventariante ↑↓

- Ana Alva (2016-06-07, *Inventariação in situ, investigação e descrição no âmbito da tese - Património Azulejar do Hospital Termal das Caldas da Rainha*)

Figura 25- Edifício central, Enfermarias – ficha do espaço

Iconografia

» 1 - Religião e Magia\11 - Religião cristã\11F - Virgem Maria\11F6 - Nossa Senhora (i.e. Maria com o Menino) acompanhada ou envolta por outros\11F62 - tipos específicos de Nossa Senhora com outros

Descrição: Legenda: "N.S DO POPOLO"

» 1 - Religião e Magia\11 - Religião cristã\11H - santos\11HH(...) - santas femininas\11HH(CLARE) - virgem e fundadora da Ordem das Clarissas Menores ou Pobres, Clara de Assis, possíveis atributos: livro, cruz, chifre ardente, lírio, ostensório, palma, báculo pastoral, rosário\11HH(CLARE)6 - martírio, sofrimento, infortúnio, morte de Santa Clara\11HH(CLARE)68 - leito de morte de Santa Clara: freiras, mártires femininas e o papa com cardeais podem estar presentes

Descrição: Legenda: "S. CLARA ENFERMA DEPOIS DE TER RECEBIDO O S./ VIATICO FOI VIGITADA E ASVLIDA PELO SVMO PON=/ TIFICE INVCENCIO 4o"

» 1 - Religião e Magia\11 - Religião cristã\11H - santos\11HH(...) - santas femininas\11HH(ELISABETH OF PORTUGAL) - Isabel, mulher e viúva do Rei de Portugal e terciária Franciscana, possíveis atributos: coroa, rosas, véu, jarra de vinho\11HH(ELISABETH OF PORTUGAL)5 - Isabel, mulher e viúva do Rei de Portugal e terciária Franciscana, possíveis atributos: coroa, rosas, véu, jarra de vinho - actividades miraculosas e acontecimentos - santas femininas

Descrição: Legenda: "S. ISABEL DANDO FOLRES AOS OFISIAIS/ E SE LHE CONVERTERAM EM DOR/RIS"

» 7 - Bíblia\73 - Novo Testamento\73F - vidas e actos dos apóstolos de Cristo, epístolas\73F2 - vidas e actos dos apóstolos (parte I)\73F21 - vida e actos de Pedro\73F212 - milagres de Pedro (por vezes em cooperação com outros)\73F2122 - uma multidão de doentes curados por Pedro e por outros discípulos (Actos 5, 12-16)

Descrição: Legenda: "S. PEDRO CORANDO OS ENFERMOS"

» 1 - Religião e Magia\11 - Religião cristã\11H - santos\11H(...) - santos masculinos

Descrição: Legenda: "S. CAMILO DE LELLIS"

Notas: São Camilo de Lellis

» 1 - Religião e Magia\11 - Religião cristã\11H - santos\11H(...) - santos masculinos

Descrição: Legenda: "S.AMARO LIVRANDO A PLACIDO DE SE AFOGAR"

Notas: Santo Amaro

» 1 - Religião e Magia\11 - Religião cristã\11H - santos\11H(...) - santos masculinos\11H(JOHN OF GOD) - João de Deus de Granada, fundador da ordem dos Irmãos Hospitalários, possíveis atributos: pedintes, criança, caixa de esmolas, coroa de espinhos, crucifixo, romã (com cruz), pessoas doentes\11H(JOHN OF GOD)5 - milagres e actividades miraculosas - São João de Deus\11H(JOHN OF GOD)52 - São João de Deus lavando os pés de Cristo

Descrição: Legenda: "S.JOÃO DE DEUS LAVANDO / OS PES A CHRISTO S.N EM FIGURA DE POBRE Q. SE DEOA CONHECER / PELO RESPALDOR DE HUMA SVA CHAGAS"

Informação Técnica

Material

Matéria transformada\Produto cerâmico\Faiança [Azulejo]

Técnica

Cerâmica de revestimento\Técnicas de decoração\Faiança\À mão livre [Azulejo]

Cor

Branco [Vidrado]
Azul [Pintura]

Figura 26- Edifício central, Enfermarias – ficha do revestimento

95

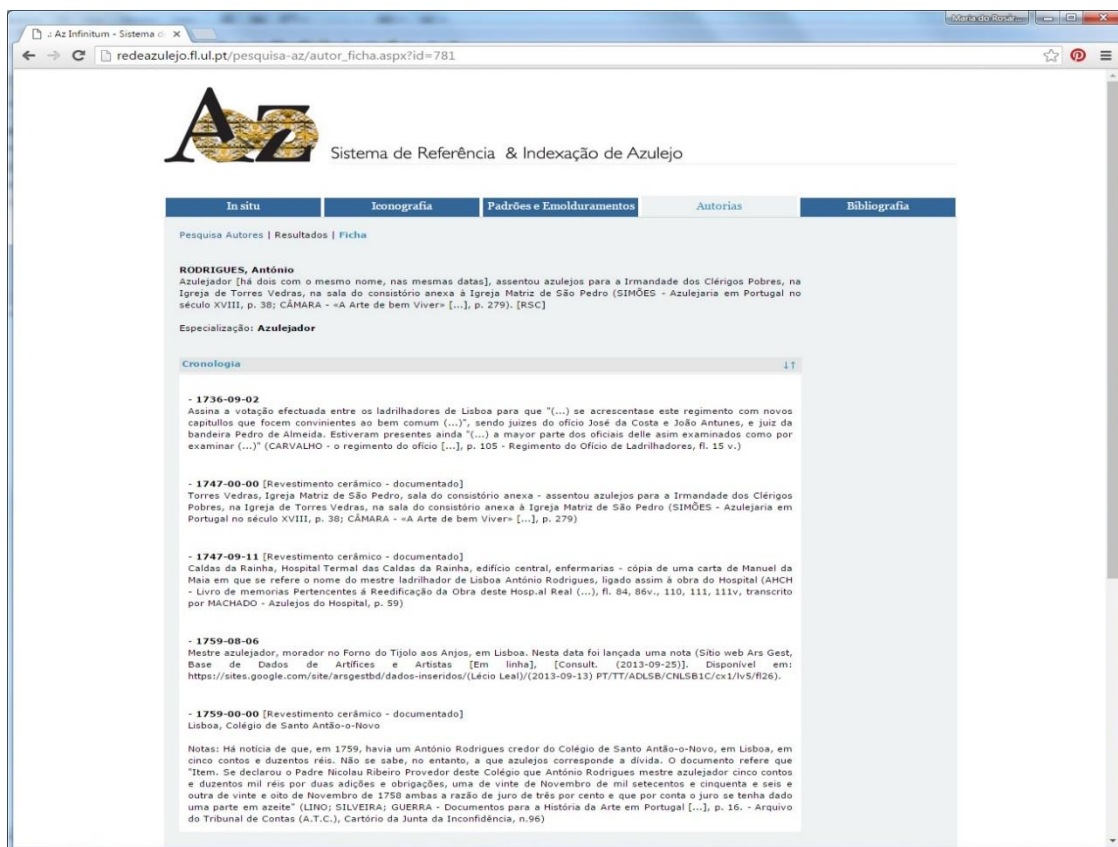


Figura 27- Ficha de autoria referidas na ficha do revestimento, e de acesso direto.

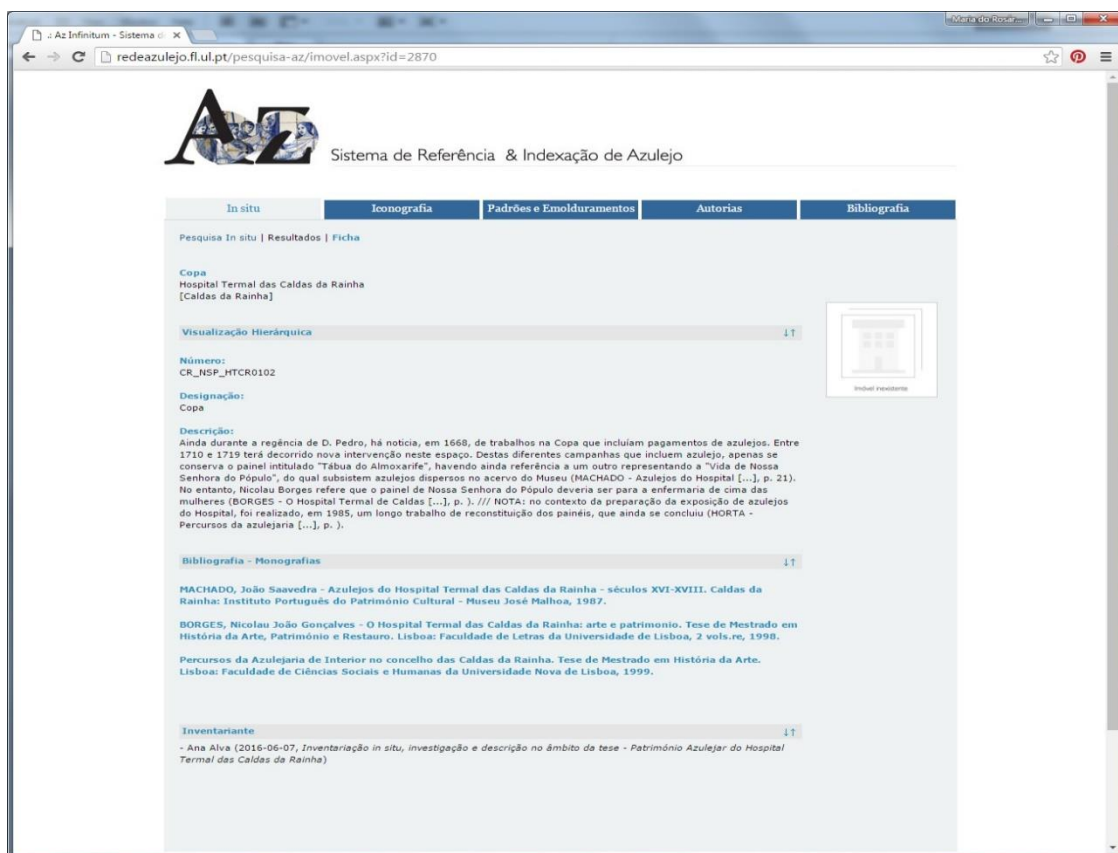


Figura 28- Edifício central, Enfermarias – ficha do espaço.



Conclusão

No âmbito do desenvolvimento do Trabalho de Projeto sobre o *Património Azulejar do Hospital Termal de Caldas da Rainha*, que compreende o espólio azulejar do Museu do Hospital e das Caldas, assim como os revestimentos que se encontram *in situ* na Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, trabalhámos para obter uma visão integrada destes espaços: Hospital Termal, Igreja de Nossa Senhora do Pópulo e Museu do Hospital e das Caldas, antigo Palácio Real.

Este trabalho envolveu diferentes vertentes, incluindo uma componente teórica que consistiu na investigação de documentação, alguma dela já analisada pelos diversos autores. Desenvolvemos neste trabalho, no entanto, de uma forma enriquecedora, o campo das intervenções em azulejo do período da DGEMN, incidindo, em particular no caso da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, tendo como base a documentação disponibilizada pelo SIPA, acessível através do endereço <http://www.monumentos.pt/>.

Foi um trabalho complexo e durante a investigação foram identificadas algumas questões que ficaram por resolver, como por exemplo na realização da ficha de inventário dos frontais de altar hispano-mouriscos da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo. Estes azulejos, de origem sevilhana, estão datados de cerca de 1500 mas não se conhece documentação que mencione a sua aplicação no templo.

Com base na documentação do SIPA, percebeu-se que houve a aplicação de azulejo igual ao antigo na Igreja de Nossa Senhora do Pópulo e que também houve remoção de azulejos do mesmo tipo de padrão, no Claustro Grande do Convento da Graça, em Lisboa, com destino à primeira, que seriam substituídos por azulejos brancos. Esta documentação acaba por levantar problemas, que se relacionam com as práticas restauracionistas do azulejo, questão que consideramos pertinente ser pensada, pois podemos supor que as práticas utilizadas seguem as da arquitetura com o princípio da “unidade de estilo”, em que ora se reutiliza azulejos antigos provenientes de outros locais, ou se refaz azulejo com base no antigo, com a finalidade de o adequar à estética mais próxima do original. Quanto à utilização de azulejo branco, ou a intenção de o aplicar, na Graça, pode passar pelo facto de ser mais barato, e o revestimento cerâmico branco serve, de igual modo, para a impermeabilização das paredes. Tendo em conta, que existe pouca informação, sobre os critérios de intervenção da DGEMN nos revestimentos cerâmicos

dos variados edifícios que foram intervencionados, consideramos relevante, levantar estas problemáticas para que possam ser debatidas e que no futuro se encontrem informações mais concretas sobre as intervenções daquela instituição.

Numa componente prática foi desenvolvido um trabalho de inventário, inserido no sistema *Az Infinitum*, que seguiu as metodologias do *Guia de Inventário in situ*, e foi feito um levantamento fotográfico, dos imóveis e respetivos revestimentos cerâmicos. Embora do património estudado apenas o revestimento cerâmico da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo se encontre *in situ*, o *Az Infinitum* permite-nos documentar a proveniência dos outros revestimentos azulejares o que enriqueceu a nossa compreensão sobre os conjuntos, que hoje se encontram em contexto de museu.

Este trabalho de inventário foi a base para o desenvolvimento do nosso trabalho de projeto, permitindo escrever a história e as intervenções no azulejo, uma vez que seguiu uma metodologia que organiza e sistematiza a informação. Uma vez que as fichas foram carregadas no sistema *In Patrimonium*, que contém o *In Arte*, ou seja, o mesmo sistema de inventário utilizado pelo Museu do Hospital e das Caldas, este poderá, assim, usufruir dos resultados obtidos com esta investigação.

Ao conectar-se com este projeto, o Museu do Hospital e das Caldas pode beneficiar de várias maneiras, pois, ganha um conjunto de informações organizadas que podem servir de base para a criação de um roteiro sobre o Património Azulejar do Hospital Termal, ou até para uma exposição temporária. Com este trabalho, podem ser criadas novas perspetivas de visitas guiadas, em que se destaque o seu património azulejar e que integrem uma visão de conjunto dos espaços do Hospital Termal e da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo. Ao ligar-se a este projeto, o Museu consegue usufruir das vantagens desta ser uma plataforma *online*, podendo ligar a sua página web e de facebook, e assim pode vir a beneficiar de uma maior visibilidade, que pode atrair mais visitantes, mais investigadores interessados no seu património que podem contribuir com mais estudos.

Em suma, esperamos, deste modo, ter contribuído com um novo olhar integrado sobre este património que teve como centro dinâmico e de correlação o Hospital Termal e assim, contribuir para a sua divulgação e preservação. Esperamos ainda que este projeto sirva de base para o desenvolvimento de futuros trabalhos, uma vez que, por exemplo, nas Caldas ainda existe um importante património azulejar que necessita de ser estudado, preservado e divulgado.

Bibliografia

1 – Fontes Manuscritas

Atas da Comissão dos Monumentos, Ata nº 68, 19 fevereiro 1915.

ADLRA (Arquivo Distrital de Leiria) - Livro de Receitas e Despesas 1/7/1658 a 30/6/1659.

ADLRA - Livro de Receitas e Despesas 1/7/1678 a 30/6/1679.

AHHTCR (Arquivo Histórico do Hospital Termal de Caldas da Rainha) Livro do Compromisso (1512), Museu do Hospital e das Caldas, Inv.379.

AHHTCR - PAULO, Frei Jorge de S., *O hospital de Caldas da Rainha até ao ano de 1656*, Manuscrito de 1656, inv. 380.

2 – Fontes Impressas

GARCIA, Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Lisboa, Imp. Casa Nacional da Moeda, 1973.

GÓIS, Damião de, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, parte IV, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926.

SANTA MARIA, Padre Francisco de, *O Ceo aberto na Terra*, Lisboa, 1697.

SÃO PAULO, Jorge de, *O Hospital das Caldas da Rainha até ao Ano de 1656*, Lisboa, Academia das Ciências, 1967-1968.

3 - Estudos:

ALMEIDA, José António Ferreira de, *Tesouros Artísticos de Portugal*, Lisboa, Seleção Reader's Digest, 1976.

BORGES, Nicolau, *O Hospital Termal de Caldas da Rainha - Arte e Património*, Tese de Mestrado em História da Arte, Património e Restauro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1998.

CALADO, Luís Ferreira; LEITE, Joaquim Passos; PEREIRA, Paulo, “Património integrado ou a alma dos monumentos”, in *Património. Estudos*, nº 4, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 2003.

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da, e Rosário Salema de Carvalho. «Azulejaria Barroca na Ilha de São Miguel: Temas e Perspectivas de Investigação». Em *Artes Decorativas nos Açores*, editado por Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, 15–46. Porto: Universidade Católica Editora – Porto / CITAR – Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes, 2015.

CARVALHO, Augusto da Silva, *Memórias das Caldas da Rainha (1484-1884)*, Lisboa, Livraria Farim, 1932.

CARVALHO, Rosário Salema de, *A pintura do Azulejo em Portugal [1675-1725]: autorias e biografias – um novo paradigma*, Tese de Doutoramento em História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2012.

CORREIA, Fernando da Silva, *Revisões, preferências e notas, Antiguidades do tempo da Rainha D. Leonor*, [s.n], Caldas da Rainha, 1959.

Idem, *Pergaminhos das Caldas*. Caldas da Rainha, Património Histórico- Estudos e Documentos, 1995.

Idem, *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.

CRESPO, Maria Teresa Figueiredo, *Interpretação e comunicação do património cultural integrado em contexto museológico: o caso do Museu da Música Portuguesa – Casa Verdades de Faria*, Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), 2012

FERRARI, António de Melo, FERRARI Manuel de Melo e CORREIA, Fernando da Silva, *O Hospital Termal das Caldas da Rainha, a sua história, as suas águas, as suas curas*, [S.n], Caldas da Rainha, 1930.

GIL, Sandra Cristina Martins de Sousa, *Memórias de D. Leonor nas Caldas da Rainha*, Tese de Doutoramento em Estudos de Cultura – Cultura Portuguesa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2008.

GOMES, Saul António, “A documentação do Arquivo Distrital de Leiria dos Séculos XV a XVIII relativa ao Hospital das Caldas da Rainha”, *Colóquio sobre a História de Leiria e a sua região*, Leiria, Câmara Municipal, 1991.

Idem, *As cidades têm uma História: Caldas da Rainha, das origens ao Século XVIII*, Caldas da Rainha, Património Histórico, 1994.

GUEDES, Maria Natália Correia, *População e sociedade caldenses no século XVI*, Caldas da Rainha, Cadernos de História Local – Património Histórico, 1992.

HENRIQUES, Paulo, “O Museu do Hospital e das Caldas. Sua Definição Museológica e Projeto Museográfico”, *Separatas das Atas do Congresso Comemorativo do V Centenário da Fundação do Hospital Espírito Santo de Évora*, Évora, 1996.

Idem, “O Museu do Hospital e das Caldas. Projecto e seu Desenvolvimento”, *2º Seminário do Património da Região Oeste*, Sobral de Monte Agraço, 1997.

HORTA, Cristina Ramos e, “As Artes nas Caldas da Rainha no século XVIII”, *Terra de Águas História e Cultura*, Câmara Municipal de Caldas da Rainha, 1993.

Idem, *Percursos da Azulejaria de Interior no concelho das Caldas da Rainha*, Tese de Mestrado em História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1999.

Idem, Cristina Maria Ribeiro da Silva e, *Manuel Mafra (1831-1905) e as Origens da Cerâmica Artística das Caldas da Rainha*, Ramo de Doutoramento em História Especialidade História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2014.

JORGE, Tânia, “Azulejos no Hospital O Património Azulejar do CHCR”, *O Azulejo nas Caldas da Rainha Memória, Cerâmica, Brilho, Expressão e Narrativa Alegórica*, Museu do Hospital e das Caldas, Caldas da Rainha, 2007.

MACHADO, João Saavedra, *Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha Séculos XVI-XVIII*, Caldas da Rainha, Instituto Português do Património Cultural, Museu de José Malhoa, 1987.

Idem, “As caldas. A fundação do Hospital e da vila pela Rainha D. Leonor. Aspetos da sua evolução até ao século XVII”, *Terra de Águas História e Cultura*, Câmara Municipal de Caldas da Rainha, 1993.

MANGORRINHA, Jorge, “A Arquitectura Caldense no século XVIII” *Terra de Águas História e Cultura*, Caldas da Rainha, Caldas da Rainha, 1993.

Idem, *O lugar das Termas*, Lisboa, Livros Horizontes, 2000.

Idem, *À volta das Termas – Viagens no espaço e no tempo*, Caldas da Rainha, Livraria Galáxia, 2002.

MECO, José, *Azulejaria Portuguesa*, Lisboa, Bertrand, 1985.

Idem, José, *O Azulejo em Portugal*, Lisboa, Publicações Alfa, 1989.

NETO, Maria João Baptista, *Memória, Propaganda e Poder. O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960)*, Faculdade de Arquitectura do Porto, 2001.

PEREIRA, Paulo, “A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo e a obra de Mateus Fernandes” *História da Arte Portuguesa*, Vol. II, Lisboa, Temas e Debates, p.44-47, 1995.

PESSANHA, José, *A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha em 1656*, Lisboa, Real Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1910.

PINTO, Helena Gonçalves, MANGORRINHA, Jorge, *O desenho das Termas, História da Arquitetura Termal Portuguesa*, Lisboa, Direção Geral de Energia e Geologia, Ministério da Economia e Inovação, 2009.

PROENÇA, Raul, *Guia de Portugal II, Estremadura, Alentejo, Algarve*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

RÉZIO, Margarida, *Igreja de Nossa Senhora do Pópulo*, Óbidos, Sinepsis Editores, 2013.

RODRIGUES, Lisbeth de Oliveira, *Os Hospitais portugueses no Renascimento (1480-1580): o Caso de Nossa Senhora do Pópulo nas Caldas da Rainha*, Volume I, Tese de de Doutoramento em História especialização em Idade Moderna, Braga, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 2013.

SÁ, Isabel Dos Guimarães, *De princesa a rainha velha Leonor de Lencastre*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2011.

SABUGOSA, Conde de, *A Rainha D. Leonor*, 2ª Edição, Lisboa: Livraria Sam Carlos, 1974.

SANTOS, Reynaldo dos, Dona Leonor e a Arte, “Colóquio. Revista de Artes e Letras”, Fundação Calouste Gulbenkian, 1959.

SEGURADO, Jorge, “Boytac e a Capela de Nossa Senhora do Pópulo”, *Belas-Artes*, 2ª série, nº31, p. 15-18, 1977.

SERRA João B, *Introdução à História das Caldas da Rainha*, Caldas da Rainha, Cadernos de História Local, 2ª Edição, Património Histórico – Grupo de Estudos, 1995.

Idem, *21 anos pela História Caldas da Rainha*, Caldas da Rainha, Património Histórico – Grupo de Estudos, 2003.

SERRÃO, Vítor, “A arte na Vila das Caldas da Rainha durante o século XVII: O apogeu contra reformista numa dimensão de periferismo” *Terra de Águas História e Cultura*, Câmara Municipal de Caldas da Rainha, p.89-101, 1993.

Idem, Vítor, *História da Arte em Portugal – O Renascimento e o Maneirismo*, Lisboa, Editorial Presença, 2002.

Idem, Vítor, *História da Arte em Portugal – O Barroco*, Lisboa, Editorial Presença, 2003.

SIMÕES, João Miguel dos Santos, *Azulejaria em Portugal no século XV-XVI*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969.

Idem, *Azulejaria em Portugal no século XVII*, tomo I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

Idem, *Azulejaria em Portugal no século XVIII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

SILVA, José Custódio Vieira da, *A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha*, [s.n], Caldas da Rainha, 1985.

Idem, “A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo” *Terra de Águas História e Cultura*, Câmara Municipal de Caldas da Rainha, 1993.

SILVA, Manuela Santos, *O concelho de Óbidos*, Lisboa, Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008.

SOUSA, Ivo Carneiro De, *A Rainha D. Leonor (1458-1525) poder, misericórdia, religiosidade e espiritualidade no Portugal do Renascimento*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e para a Tecnologia / Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2002.

4- Recursos Eletrónicos

Carta de Atenas, Serviço Internacional de Museus, Atenas, 21 a 30 de Outubro de 1931, www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf

CARVALHO, Rosário Salema de; PAIS, Alexandre; FIGUEIREDO, Ana Paula, *Guia de Inventário de azulejo In Situ*, versão I, Outubro de 2014, http://redeazulejo.fl.ul.pt/multimedia/File/guia_inventario_v1.pdf

Comité Internacional de Documentação. Conselho Internacional de Museus, 1995, http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Guidelines/CIDOCguidelines1995.pdf

Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, ICOMOS, 1996, <http://www.icomos.org/charters/archives-e.pdf>

Convenção para a salvaguarda do Património Arquitectónico da Europa, 3 de outubro de 1985, www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/granada.pdf

Declaração de Amesterdão, outubro de 1975: portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/.../Declaracao%20de%20Amsterdã%201975.pdf

DGPC- Património Móvel: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-movel/classificacao-do-patrimonio-movel>

Diário da República, Lei nº107/2001 de 8 de Setembro, <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/legislacao-sobre-patrimonio/>

Documentação e suporte fotográfico disponibilizado pelo SIPA sobre as Campanhas de Obras realizadas na Igreja de Nossa Senhora do Pópulo pela DGMN.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00001764

Documentação e suporte fotográfico disponibilizado pelo SIPA relativamente ao Hospital Termal de Caldas da Rainha:

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=14153

Documentação e suporte fotográfico disponibilizado pelo SIPA relativamente ao Museu do Hospital e das Caldas:

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1548